Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Orientador | Professor Doutor João Rodrigo Parreira Coelho

| ENTRE MUROS

MEDO E INSEGURANÇA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA. O FENÓMENO DOS CONDOMÍNIOS FECHADOS NO RIO DE JANEIRO: O CASO DA BARRA DA TIJUCA |

João Pedro Mourão Pereira Vilaça da Fonseca | Porto 2014

“No limite, todos podemos viver sem a literatura, sem a música, sem a pintura, sem a escultura. Mas não sem a arquitectura, porque vivemos dentro dela.”

Miguel de Sousa Tavares, in *Madrugada Suja*, Clube do Autor, 1ª edição, Lisboa, 2013, p.342

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Rodrigo Coelho, pela orientação atenta e dedicada, pela disponibilidade em ajudar e contribuir para o sucesso do presente trabalho, e pela paciência depositada em cada conversa e reunião.

Aos meus pais, por me terem proporcionado as melhores condições para viver, trabalhar e me sentir apoiado em todos os momentos, e por terem permitido que esta dissertação fosse possível, proporcionando-me não só a experiência de um ano de intercâmbio no Rio de Janeiro, como toda a estabilidade emocional e familiar necessária.

Ao meu irmão, por nunca duvidar das minhas capacidades e por ter estado presente, lado a lado, todos os dias, de todas as formas.

Aos meus avós e tios, pela incansável dedicação, força e esperança que depositaram em mim.

Aos meus amigos em geral, e àqueles em particular que contribuíram dia após dia, consciente e inconscientemente, para o resultado desta tese, e que partilharam comigo os melhores e os piores momentos, construindo diariamente partes da minha felicidade.

A todos, um obrigado muito especial!

RESUMO

O objecto de estudo do presente trabalho são os condomínios fechados, expressão da privatização e resposta aos conflitos sociais e à violência que caracteriza o espaço urbano da cidade contemporânea. A expansão deste fenómeno representa uma das principais características da actual dinâmica metropolitana, encontrada nas principais metrópoles mundiais. Numa sociedade onde discriminação e hierarquia assumem formas tão vincadas, o discurso e as práticas da violência teriam necessariamente que se projectar no espaço urbano. Assim, por forma a demonstrar as consequências reais que a adopção de estratégias de fortificação provocam na cidade e na relação que os cidadãos estabelecem com a mesma e entre si, estuda-se a realidade brasileira em geral e, em particular, a região da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde o acelerado processo de urbanização evidencia em extremo estes pressupostos.

O objectivo é estudar os condomínios fechados enquanto espaços de prestígio, associados quase em exclusivo às classes altas da sociedade, e como reflexos do aumento das diferenças numa sociedade urbana sobre a influência da globalização. Através da sua análise será possível perceber novas hierarquias e tensões sociais, que organizam explicitamente as diferenças como desigualdades. A visão da cidade contemporânea como o espaço do caos, do medo e do confronto com a diferença constitui a base teórica que nos permitirá enquadrar o estudo dos condomínios, bem como analisar a acção das diversas estratégias de privatização, explorando o contributo de ambos para o isolamento social e a deserção do espaço público.

Em conjunto, todas estas questões sugerem um modo de olhar a cidade e uma vontade de encontrar respostas imediatas para os problemas actuais. Contudo, será esta a forma ideal de conceber a cidade? Será correcto fragmentar o espaço urbano em “micro-realidades” fechadas em detrimento de um território continuo? Será “entre muros” que se encontra a solução para um conceito tão lato como o medo?

ABSTRACT

The study's object of this work is the gated communities as expression of privatization, and the response to social conflicts and the violence that characterizes the urban space of the contemporary city. The expansion of this phenomenon expresses one of the main feature of the current metropolitan dynamics, and founded in almost all the world cities. In a society where discrimination and hierarchy take creased shape, the speech of violence and the violence itself would necessarily be projected into the urban space. Thus, in order to show the real consequences that the adoption of fortification strategies inflect in the urban space, and the relationship of the citizens with it and between each other, we study the Brazilian reality in general, and, in particular, the region of Barra da Tijuca in Rio de Janeiro, where the fast process of urbanization evidences in extreme these assumptions.

The aim is to study the gated communities as prestigious spaces associated almost exclusively to the upper classes, and as the reflection of the growing divergences in an urban society on a globalization's influence. Through its analysis it will be possible to understand new hierarchies and social tensions that establish the differences as inequalities. The vision of the contemporary city as a space of chaos, fear and confrontation with the difference, is the basis that will allow us to frame the study of the condos, as well as to analyze the action of the different privatization strategies, exploring the contribution of both to the social isolation and to the desertion of the public space.

Together, all this questions suggest a way to see the city, and a desire to find immediate answers to the current problems. However, will be this the ideal way of think the city? Is it right fragment the urban space on "micro realities" closed over a continuous territory? Will be "between walls" the solution for a concept as broad as fear?

ÍNDICE

INTRODUÇÃO | objecto, objectivos e metodologia . 2

PARTE I ORDEM | contextualização e enquadramento

1.1 A génese do muro: o perímetro amuralhado na definição da cidade . 6

1.1.1 Comunidade: significado e importância de pertencer a um lugar e traçar limites . 12

1.2 A dissolução dos limites e a expansão do território . 16

PARTE II MEDO | temas e problemas da cidade contemporânea

2.1 O medo como factor de organização espacial e a formação de enclaves fortificados .26

2.1.1 Fragmentação e privatização da cidade e do espaço urbano . 35

2.1.2 Entre muros e Comunidades Fechadas . 46

PARTE III MUROS | o fenómeno dos condomínios fechados no Brasil

3.1 A cidade Brasileira . 60

3.1.1 Segregação e exclusividade: O reflexo do ambiente hostil na vida urbana e na forma de habitar brasileira . 60

3.2 O caso do Rio de Janeiro: Apontamentos históricos da cidade e particularidades da forma urbana . 68

3.2.1 Barra da Tijuca: a consagração de uma nova urbanidade . 78

3.2.1.1 Os impactos morfológicos do Plano Piloto de Lúcio Costa . 81

3.2.1.2 Dos clubes de lazer aos condomínios fechados . 90

3.2.1.3 Representação e Realidade: a vida nos condomínios fechados da *Barra* . 95

PARTE IV CONSIDERAÇÕES FINAIS . 109

Bibliografia e fontes documentais . 120

Créditos de imagem . 125

INTRODUÇÃO

Na cidade contemporânea, os condomínios fechados tornaram-se um dos mais discutidos fenómenos, impulsionando a fortificação física e electrónica dos espaços, e alterando significativamente o conceito de urbanidade com consequências radicais para a definição do espaço publico.

A presente dissertação é dedicada ao estudo dos condomínios fechados e à sua influência no espaço urbano da cidade contemporânea. Estes representam hoje um fenómeno global encontrado nos mais diversos contextos urbanos e sociais. Frequentemente relacionados com segregação e exclusividade, caracterizam-se pela criação de uma realidade intra-muros que se distancia da realidade envolvente. Tratam-se, portanto, de formas urbanas que transmitem uma vontade de fuga do caos e dos problemas das metrópoles, aliada à necessidade de protecção e segurança.

Ao longo do trabalho, tentou-se construir um pensamento que nos permitisse concluir as razões que impulsionaram a formação do modelo urbano em estudo e o impacto provocado pela criação de barreiras na cidade, entraves à mobilidade e a acentuação de contrastes sociais. Pretende-se assim demonstrar que este modo de organização espacial causou mudanças no urbanismo, alterou a forma de ler a cidade e estabeleceu novas regras para a vida pública. A afirmação progressiva desta estrutura na configuração e crescimento da cidade actual, bem como, a interpretação do aparente sucesso dos condomínios e a forma como a insegurança é capaz de influir e condicionar a vivência das cidades, constituem os principais propósitos deste trabalho.

O Rio de Janeiro, cidade onde se insere o caso de estudo – a Barra da Tijuca - é marcadamente uma cidade de contrastes, onde a segregação social e as desigualdades sentidas, potenciam o efeito e a expressão destes condomínios, contribuindo assim para o natural enriquecimento da sua análise. Neste contexto, será estudada a região da Barra da Tijuca, situada na zona oeste da cidade. Esta área foi sistematicamente ocupada, ao longo do tempo, por uma sociedade elitista e marcada pelas suas respectivas formas de habitação e lazer, que ao não facilitarem o contacto com outros sectores socias, conferiram características particulares ao desenho urbano da região.

A escolha do objecto de estudo decorre concludentemente da experiência de um ano de intercâmbio no Rio de Janeiro, ao abrigo do programa Mobilidade da Universidade do Porto em parceria com os Países Lusófonos e Latino-Americanos, onde tive a oportunidade de vivenciar estas realidades e de as percepcionar como cidadão.

O trabalho encontra-se estruturado em três partes principais. Na primeira e segunda partes será feita uma abordagem essencialmente teórica e reflexiva dos conceitos, temas e problemas gerados pelo objecto de estudo no espaço da cidade. No terceiro e último capítulo será analisado e interpretado o caso de estudo escolhido – a Barra da Tijuca.

Inicialmente, serão abordados temas sobre a evolução da cidade que, tanto pela sua concepção, como pela sua base teórica, sugerem o que poderá ser interpretado como o embrião do modelo em estudo. No sentido de nos aproximarmos da ideologia presente no desenho da cidade contemporânea, irá ser investigada a existência de limites e barreiras na cidade antiga e medieval como forma de defesa e como elementos reguladores da sua estrutura e expansão. Será também explorado o conceito de comunidade e o significado e importância de pertencer a um lugar, apelando à protecção e domínio num ambiente que é cada vez mais hostil e onde os limites que outrora definiam a cidade se dissolvem progressivamente, dando lugar a uma urbanização acelerada e fragmentada dos espaços.

Num segundo momento procuramos compreender os problemas contemporâneos derivados do crescimento acelerado da cidade e da privatização dos espaços. Nesta parte será feita uma reflexão sobre o crescente clima de insegurança das cidades e o seu contributo para a proliferação do medo e da vulnerabilidade do indivíduo, que se defende ser um dos principais factores de organização espacial do actual espaço urbano.

A terceira parte do trabalho corresponde ao estudo de caso, visando o aprofundamento e reconhecimento, na cidade contemporânea, dos principais problemas que o objecto de trabalho suscita. A análise da segregação urbana nas cidades latino-americanas em geral, e no Brasil em particular, será explorada como um importante tema na área em estudo pelas características que imprime à configuração urbana do Rio de Janeiro. A coexistência de mundos sociais opostos e de estratégias diferenciadas de exclusão e isolamento possibilitam estabelecer paralelos e considerações relevantes que ajudam na sustentação das teorias apresentadas.

Posteriormente, será apresentada a análise da investigação do caso da Barra da Tijuca. Desde os clubes de lazer que pontuavam uma paisagem deserta até à imagem actual da *Barra*, irão ser estudados os planos propostos por Lúcio Costa no sentido de traçar uma estratégia de crescimento urbano e as formas resultantes dessas premissas, de forma a compreender como é que os condomínios se tornaram no símbolo da região e o modelo de habitação pretendido pela classe média e alta brasileira.

Em suma, a compreensão do significado e o impacto da dinâmica gerada pelos condomínios fechados na cidade, e a sua aplicação no caso do Brasil, por forma a avaliar a eficácia do modelo e interpretar o seu efeito na sociedade, constitui a principal motivação deste trabalho.



PARTE I

ORDEM | contextualização e enquadramento

1.1 A GÉNESE DO MURO: O PERÍMETRO AMURALHADO NA DEFINIÇÃO DA CIDADE

"AS CIDADES SÃO LUGARES FISICAMENTE CIRCUNSCRITOS, TANTO MATERIAL COMO SIMBOLICAMENTE, DESTINADOS A SEPARAR AQUELES QUE LHE PERTENCEM DAQUELES QUE NÃO FAZEM PARTE DA SUA ORDEM URBANA." [1]

SPIRO KOSTOF

A noção de "ordem" está normalmente associada a uma disposição regular e equilibrada, e em geral significa organização e hierarquia. O Homem desde sempre procurou organizar o seu espaço, tentando estabelecer limites e hierarquias que lhe permitissem construir um lugar ideal ou perfeito. Esta realidade foi variável ao longo do tempo, mas a sua vontade de defesa e protecção levou-o sistematicamente à delimitação do território.

Desde o primeiro instante em que os seres humanos começaram a construir cidades que os muros se tornaram premissa essencial na construção dos seus limites. Para Spiro Kostof a delimitação do território é a principal característica da formação das cidades. Quando se atravessa o limite da cidade, aceita-se, de certa forma, certas restrições e regras locais que regem determinada urbe, tal como os habitantes da mesma, que se organizam em função do território a que pertencem. O autor afirma que "pertencer é um privilégio, e tem o seu preço. Tudo isto é determinado por uma linha previamente definida."[2]

A passagem da vida nómada para a vida sedentária foi determinante para que grupos e famílias se fixassem num determinado local e começassem a estabelecer vínculos com o território, nomeadamente através do cultivo, que lhes fornecia uma fonte de alimentos "inesgotável". Com a agricultura, deixou de haver motivos para abandonar as terras e, por isso, cresceu a necessidade de construir lares permanentes e moldar o espaço de encontro aos seus objectivos. Pela primeira vez, começou-se a desenvolver um sentido de privacidade e uma tendência geral em defender a comunidade.

A cidade nasce, assim, juntamente com a necessidade humana de se proteger do meio selvagem e afirma-se como um território marcado por inúmeras fronteiras. Para Lewis Mumford a própria formação da cidade pressupõe definições, fronteiras e limites, visto que "todos os fenómenos orgânicos têm limites de crescimento e expansão fixados pela sua própria necessidade de continuarem a ser sustentados e dirigidos por si mesmos (...)"[3].

---

[1] KOSTOF, Spiro. *The city shaped: urban paterns and meanings through history*, Thames & Hudson, Londres, 1991, p.38.
[2] *Idem. The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames & Hudson, Londres, 1992, p.11.
[3] MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, Martins Fontes, 2ª edição, São Paulo, 1982, p.62.



Fig. 1 – *Citânia de Sanfins*, castro de grandes dimensões situado em Paços de Ferreira, Portugal, por Isidro Vila Verde.

Os limites da cidade não são, contudo, estanques, e tendem a ser ajustados de acordo com a evolução do aglomerado urbano ao longo do tempo. Mesmo quando não há uma redefinição dos mesmos, a fronteira pode subsequentemente perder alguma importância ou ser substituída por uma outra que corresponda melhor aos interesses e às estratégias de crescimento da cidade. Vários são os exemplos de cidades que construíram um novo limite, mais abrangente, para além do inicial. Uma delas é a própria cidade do Porto que ainda hoje preserva partes do limite original (Cerca Velha), bem como do seguinte (Muralha Fernandina).

Kostof afirma que cada cidade tem um limite que muda sistematicamente, e que haverá sempre divisões no seu espaço urbano, não só periféricas, como também internas, espaços públicos e ruas, espaços privados e casas.[4]

Neste sentido, a cidade é um entidade particular, composta por múltiplas e diferentes partes relacionadas e/ou isoladas entre si, que, no seu conjunto, configuram a forma urbana e reflectem as relações sociais no território. A questão da forma urbana está presente desde o início da história do urbanismo, tendo sido simultaneamente influenciada pela componente social e cultural das cidades, bem como por critérios que variavam tanto por razões de defesa dos aglomerados, como por razões geográficas, topográficas, económicas e ambientais.[5]

[4] KOSTOF, Spiro. *The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames & Hudson, Londres, 1992, p.8.

[5] "The reason we have so many roughly circular cities is that hilltops were a favorite location for settlements worried about their defenses; such sites also afforded a stretch of negotiable slope for expansion when the need arose. At the same time the circular or semicircular circuit, in the centuries before artillery and other for-reaching firearms, was the most efficient in terms of manpower: it was the shortest defense line around a maximum área, and so required fewer defenders than right-angle or broken outlines." *Idem, ibidem,* p.28.



Fig. 2 – *Aigues-Mortes*, França.

O LIMITE MURADO

Em *The City in History*, Lewis Mumford defende que as cidades evoluíram, sobretudo, como entidades militares, sendo as respectivas muralhas a representação mais evidente do carácter profundamente defensivo que as caracteriza. A existência de muralhas na cidade remonta há mais de nove mil anos atrás, por volta do período neolítico, muito antes da construção das famosas cidades antigas fortificadas, como Atenas e a Babilónia.

Inicialmente, as muralhas foram erigidas como "armaduras sociais", para proteger um determinado aglomerado ou toda uma região.[6] No entanto, para Mumford, esse não foi o único objectivo da sua construção. As muralhas, e as cercas em geral, foram também uma forma inicial de controlo e vigilância. As autoridades usavam essas muralhas para controlar quem entrava e saía da cidade e as respectivas acções no seu interior. A sua atenção era focada essencialmente nos "visitantes" que atravessavam os portões e se instalavam na cidade.

Deste modo, a muralha serviu tanto como artifício militar, como meio de controlo de toda a população urbana. Visualmente, representava a nítida diferenciação entre a cidade e o campo, ao passo que, socialmente, acentuava a diferença entre os residentes no interior e os residentes no exterior; entre o campo aberto, sujeito às intempéries e aos ataques dos animais selvagens, dos assaltantes nómadas e dos exércitos invasores, e a cidade

[6] Zygmunt Bauman, sociólogo polaco, afirma em *Confiança e Medo na Cidade* que as "muralhas, vedações e paliçadas" eram um meio de assinalar os limites entre "nós e eles", entre ordem e caos, entre a paz e a guerra. Os inimigos eram os que ficavam do outro lado da vedação, não lhes sendo permitido franqueá-la.

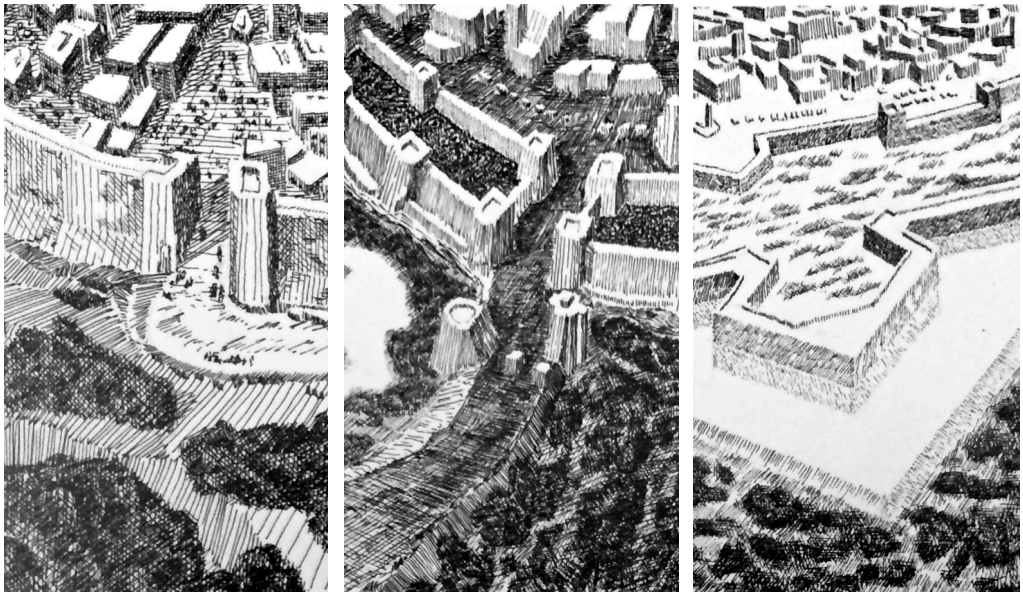


Fig. 3, 4, 5 – *Tipos de Muralhas*: muro simples em alvenaria (fig.3), muro duplo em alvenaria (fig.4), sequência de muros de formas complexas (fig.5)

plenamente cercada, onde se podia trabalhar e dormir com uma sensação de segurança, mesmo em épocas de perigo militar.[7]

Essa segurança, gerada pelo conforto de um limite que hostilizava os de fora e resguardava os de dentro, parecia assim, absoluta. “Nas cidades muradas, a própria muralha valia por um exército para controlar os rebeldes, manter os rivais sob vigilância e bloquear a fuga dos desesperados”.[8] Segundo Mumford, os fortes mecanismos que barravam as aberturas das muralhas serviam para desencorajar o exército atacante e para inculcar respeito no visitante estrangeiro mais pacífico.[9]

Deste modo, até na Idade Média, o muro movia-se ciclicamente, adaptando-se à situação social do momento, à migração e às ameaças externas. O muro detinha, por isso, um vincado carácter social, ao mesmo tempo instrumento de tutela da população e elemento de fractura, atribuindo um sentimento de supremacia entre quem “viva dentro” e quem “estava fora”.

Apesar desta rígida divisão, a verdade é que sem uma barreira física afirmativa de qualquer espécie, que impusesse uma certa ordem, a cidade tenderia a dispersar-se aleatoriamente e terminaria, por principio, entre os últimos edifícios mais afastados e o

[7] “The enduring contrast of town and countryside was sustained through much of history by a fortified wall. Representing an enormous financial burden for its builders, emphatic bounding was undertaken only when vital for military and economic protection. Access to town and market was controlled at the city gate: a memorable threshold for travelers, and the basic instrument of customs collection.” KOSTOF, Spiro. *The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames & Hudson, Londres, 1992, p.16.

[8] MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, Martins Fontes, 2ª edição, São Paulo, 1982, p.59.

[9] “In the design of gates, this welcoming function was frequently in conflict with the need of defense. The medieval gateway was flanked by strong towers and protected by mechanisms like the portcullis and barbican.” KOSTOF, Spiro. *The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames & Hudson, Londres, 1992, p.37.



Fig. 6 – *Zona protegida entre as duas muralhas de Carcassonne*, França. A muralha interior (à direita) foi originalmente construída entre o século V e VI. No século XIII foi modernizada e acrescentou-se um novo reduto de defesa exterior (à esquerda)

início dos campos, vulnerável, por isso, a qualquer ataque ou assalto por parte de invasores. Assim, tendo em vista a protecção e o controlo do crescimento urbano, desde a mais simples à mais complexa ou elaborada barreira, os assentamentos eram fisicamente demarcados e condensados num único local. Face aos perigos exteriores, a vedação tornou-se, portanto, uma necessidade prática, mais do que um símbolo de poder, impondo uma forma definida à cidade.

Na época medieval, essa vontade era firmada por muros altos e contínuos que circunscreviam a cidade e que para além de constituírem um dos principais instrumentos de protecção e de divisão, eram também um importante elemento de "coesão" da forma urbana. A muralha era vista como "um baluarte cívico de defesa e uma fronteira espiritual de significado ainda maior, pois preservava os que se achavam dentro contra o caos e o mal sem forma que os rodeava"[10].

Sendo assim, a cidade medieval, principalmente por razões de segurança e questões económicas, exercia um certo fascínio, constituindo-se como um atractivo para a população indefesa dos campos circundantes. Ao longo dos séculos, os muros produziram, através de contínuos processos de expansão e de invasão do território, um movimento em direcção ao exterior com o objectivo de incorporar todos aqueles indivíduos que, progressivamente, se iam condensando em torno deles. Este movimento, contudo, não era um mero avanço físico em direcção ao exterior, havendo para cada processo de expansão consequências directas sobre a cidade e fortes implicações sociais, pois ao estabelecer limites e divisões no espaço, hierarquiza-se, consequentemente, a sociedade e acentua-se as diferenças entre os indivíduos.

[10] MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, Martins Fontes, 2ª edição, São Paulo, 1982, p.58.



Fig. 7 – *Casa*, Serra de Montemuro, Portugal.

De acordo com Mumford, a cidade, ao configurar-se desta forma, impondo limites que separam obrigatoriamente uns de outros, apesar da sua aparência de protecção, suscitou, simultaneamente, não só a expectativa de ataques exteriores, mas também a intensificação de lutas internas.

Esta combinação entre "concentração e mistura", com isolamento e diferenciação, é ainda hoje uma das marcas características da cultura urbana. "Do lado positivo, havia a coabitação amistosa, a comunhão espiritual, a ampla comunicação e um complexo sistema de cooperação. Mas, do lado negativo, a cidade introduziu a segregação de classes, a falta de sentimentos afectivos e a insensibilidade, a dissimulação, o controle autoritário e a violência extrema."[11] Ou seja, a cidade, geradora de limites, passou a ser vista tanto como um lugar de protecção, como o lugar da exclusão e do conflito.

Traçar distinções e fronteiras que reflictam as divisões sociais é, portanto, uma condição natural do ser humano e parte integrante da experiência na cidade. Contudo, os problemas emergem quando essas fronteiras hostilizam um dos lados, quando barreiras são construídas tendo em vista apenas interesses específicos e estabelecem relações antagónicas entres as partes divididas. Quando o limite divisor provoca fracturas e rígidas separações que deveriam manter-se elásticas na cidade, condicionam, obrigatoriamente, a experiência urbana.

As causas e os efeitos entre espaço urbano, limites e sociedade são, hoje, mais do que nunca actuais e, apesar das mudanças sucessivas que pautaram o desenvolvimento urbano, a história por detrás dos diversos "muros" continua a afectar a vida urbana actual, com repercussões semelhantes na construção da cidade contemporânea.

[11] *Idem, ibidem*, p.57.

1.1.1 COMUNIDADE: SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA DE PERTENCER A UM LUGAR E TRAÇAR LIMITES

"O SENTIDO DE LUGAR BASEIA-SE NA NECESSIDADE DE PERTENCER NÃO A UMA 'SOCIEDADE' EM ABSTRACTO, MAS A ALGUM LUGAR EM PARTICULAR; SATISFAZENDO ESSA NECESSIDADE, AS PESSOAS DESENVOLVEM O COMPROMISSO E A LEALDADE." [12]

RICHARD SENNETT

Desde tempos imemoriais que o ser humano vive e se organiza em conjunto. Ao longo da sua evolução física e intelectual através dos séculos, foi sempre em grupo que se estabeleceu no território e definiu os variados limites que o permitem caracterizar enquanto ser uno e colectivo. Já na visão de Aristóteles, o cidadão não existia isoladamente, era sempre visto como parte de um todo ao qual pertencia, e com o qual se relacionava em pleno. O Homem é assim considerado um ser plural, que nasce e cresce entre semelhantes e com eles se organiza e determina as suas relações sociais e políticas.

De um modo geral, a palavra "comunidade" sintetiza as condições inerentes à vida social conjunta e sugere uma série de premissas e valências relacionadas com ordem, bem-estar, conforto, partilha e segurança. No Dicionário da Língua Portuguesa pode ler-se: "Comunidade, *s. f.* qualidade do que é comum; participação em comum; comunhão; conjunto de pessoas que vivem em comum (...)".

Zygmunt Bauman[13] afirma que as palavras têm significado e algumas delas encerram cargas positivas, capazes de produzir instantaneamente visões agradáveis, mesmo sem as ter experienciado. "Comunidade", acredita, é uma dessas palavras que soa bem e nos remete directamente para a ideia de uma convivência saudável e uma forte estabilidade física e emocional.[14]

Neste sentido, é simples perceber porque é que a "comunidade" sugere algo bom. Quem não gostaria de viver entre pessoas preocupadas em ajudar e que se apoiam, nas quais se pode confiar e que actuam de acordo com valores e intuitos comuns? Em teoria, uma comunidade é organizada como uma unidade de vizinhança, ou como um conjunto de unidades que participam do mesmo objectivo comum: a segurança e a preservação da qualidade de vida de todos os "incluídos". Esta organização de conjunto permite que todos

---

[12] SENNETT, Richard. *Growth and failure: the new political economy and its culture*, in BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*, Jorge Zahar (ed.), Rio de Janeiro, 2003, p.100-101.

[13] Sociólogo polaco radicado em Inglaterra, é considerado um dos mais atentos observadores das contradições do mundo moderno e pós-moderno. Em *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*, Bauman concentra-se no estudo dos laços que permitem a vivência em comum e que tendem a desaparecer.

[14] "Ela [a palavra comunidade] sugere uma coisa boa: o que quer que 'comunidade' signifique, é bom 'ter uma comunidade', 'estar numa comunidade'. Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos a sua conduta reprovável dizendo que 'anda em má companhia'." BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*, Jorge Zahar (ed.), Rio de Janeiro, 2003, p.7.

se relacionem mais e estejam, por isso, mais "ligados" entre si e disponíveis para atender as necessidades do grupo e de cada um.

Joseph Gusfield[15] distingue dois significados do termo comunidade. O primeiro é a noção territorial e geográfica de bairro/comunidade, relativo à cidade; e o segundo é "emocional", associado à qualidade do relacionamento humano, sem referência à localização. Gusfield observa que os dois usos não são mutuamente excludentes, embora a sociedade contemporânea se desenvolva em torno de interesses e competências, mais do que em função de uma determinada localização.

Independentemente desta perspectiva, o sentido de comunidade é visto como um componente que estimula a satisfação e o compromisso com a vizinhança. David McMillan e David Chavis, em *Sense of Community: A Definition and Theory*, elaboram sumariamente uma definição de "sentido de comunidade" que se baseia na interligação de quatro elementos que consideram essenciais: o "sentido de pertença" (*membership*), a sensação de pertencer e de partilhar um sentido de familiaridade; a "influência" (*influence*), ou seja, a certeza de que cada elemento pode contribuir e é importante ao grupo, assim como o grupo é igualmente importante para os seus membros; a "integração e a defesa/protecção dos interesses e necessidades" (*integration and fulfillment of needs*); e, por último, a "partilha de uma ligação emocional" (*shared emotional connection*), isto é, o compromisso e a convicção de que os membros partilham e partilharão história, lugares comuns, tempo conjunto e experiências semelhantes.

Resumindo, os autores acreditam que o sentido de comunidade "é um sentimento de pertença, um sentimento de que os membros são importantes uns para os outros e para o grupo, em geral, e uma convicção comum de que as necessidades serão atendidas através do próprio compromisso de união."[16]

Partindo desta definição, podemos considerar a cidade antiga e medieval uma verdadeira comunidade, visto que cada indivíduo dependia, em parte, do outro, e o trabalho especializado de uns era necessário ao quotidiano de outros e vice versa.[17] De um modo geral, os cidadãos organizavam-se em conjunto e cooperavam mutuamente, criando assim uma "comunidade urbana" baseada nessa interdependência orgânica dos Homens, num espaço construído onde estavam diariamente em contacto.

A escala desse espaço, restrita, pode ser interpretada como um factor importante na caracterização e fortalecimento dos laços entre os indivíduos, contribuindo para o

---

[15] GUSFIELD, Joseph R. *The community: A critical response*, Harper Colophon, Nova Iorque, 1975.

[16] MCMILLAN, David W., CHAVIS, David M. *Sense of Community: A Definition and Theory*, Journal of Community Psychology, Vol. 14, Janeiro 1986, p.4.

[17] "O tamanho da cidade antiga conta-nos alguma coisa a respeito de uma antiga restrição à vida urbana, ou pelo menos de uma inteligente cooperação voluntária." MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*, Martins Fontes, 2ª edição, São Paulo, 1982, p.76.



Fig. 8 – *O vilarejo de Carmona*, Cantábria, Espanha, por Gonzalo Azumend.

desenvolvimento de um sentimento de identidade para com aquele local, e de diferenciação em relação aos restantes.[18]

Neste sentido, e consciente que a escala da cidade é um dado importante na análise da interacção social e comunitária, os limites tornam-se essenciais no espaço urbano ao ajudar o Homem a estabelecer-se no território e a construir um ambiente mais fácil de gerir e controlar, que condensa, consequentemente, um número restrito de pessoas.[19]

Associados maioritariamente a barreiras físicas, os limites proporcionam a protecção da intimidade e conferem segurança emocional, permitindo ao Homem sentir que está inserido num determinado lugar. Por sua vez, esse sentimento de pertença e identificação, despoletado pela sensação de segurança, facilita o desenvolvimento de um conjunto de símbolos comuns, que são parte integrante da definição dos "limites" de cada comunidade.

Em geral, a percepção dos espaços passa precisamente pela ideia e o conhecimento dos seus respectivos limites. As muralhas romanas, o muro de Berlim, as cercas agrícolas, os envidraçados das lojas, o arame farpado das propriedades, as grades de uma cadeia, são algumas das diversas barreiras que separam historicamente o Homem da sua própria natureza, a partir de códigos naturais, geográficos, humanos e sociais. O limite foi, e é, uma condição necessária para o desenvolvimento da personalidade humana e, consequentemente, urbana. Assim, a existência e a busca de um limite de protecção, de

[18] No livro *A República*, Platão formula uma cidade ideal, em que estipula um número restrito de habitantes (5.040), a fim de consolidar relações mais estáveis e coesas, e assegurar a gestão e controlo do Estado.

[19] O vilarejo de Carmona, em Espanha, é um exemplo de uma aldeia comunitária, onde a reduzida escala urbana permite a partilha de bens comuns, assim como a aldeia de Rio de Onor, situada na fronteira entre Portugal e Espanha (de um lado Rio de Onor, do outro Rihonor), inserida no Parque Natural de Montesinho, concelho de Bragança.

clausura, ou de conforto, são mecanismos naturais da vivência em sociedade que estiveram presentes ao longo de toda a história.

Olhando para o presente, numa sociedade que assenta, hoje em dia, em bases e perspectivas futuras pouco firmes, esta busca por limites protectores ganha, assim, uma força redobrada no quotidiano de cada um. Os empregos, as relações entre companheiros de casa, amigos, colegas e até a própria confiança e auto-estima se regulam no campo da incerteza, sem garantias no amanhã. "Vivemos tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos"[20] e por isso, Bauman acredita que sentimos necessidade, mesmo que inconsciente, de um refúgio ou um lugar de protecção, um lugar onde nos possamos sentir seguros e recolhidos do crescente frenesim da vida pública.

Na realidade, a comunidade adopta diferentes significados em diferentes contextos, no entanto, o mito da comunidade equivale, genericamente, ao desejo de viver num local onde todos se conhecem, cultivam os mesmos valores e estilos de vida, e se relacionam segundo padrões de confiança e afectividade. Conduzidos pelo sentido positivo que esta imagem sugere, procura-se um mundo que, segundo Bauman, não está, lamentavelmente, ao nosso alcance, dada a mutação constante da cidade.

Complementando esta ideia, Henri Laborit também observa que o que Homem moderno encontra, desde que acorda até que volta a adormecer, é uma contínua convivência impessoal e em constante mudança. Não há qualquer laço directo ou imediato que se estabeleça fora de casa, "os únicos laços reais só se estabelecem no quadro de um trabalho especializado e sob uma forma hierarquizada e imediatamente alienante".[21]

Ou seja, actualmente, "nada dura o suficiente para ser absorvido, tornar-se familiar e transformar-se no que as pessoas ávidas de comunidade e lar procuravam e esperavam"[22]. Bauman acredita que foi esta conjectura e a falta de estabilidade que criou o "fenómeno epistemológico" da existência da comunidade, e que conduziu a variados fenómenos de exclusão e segregação social, presentes na cidade contemporânea. No entanto, para o autor, a comunidade, ou a ideia dela, não passa de uma utopia[23] e conclui assim que não existe, nem existirá, o que se considera ser uma perfeita comunidade, apesar de se tentar, repetidamente, e ao longo da transformação da cidade, reconstruir este conceito, com base na leitura do passado e da antiga cidade fortificada.[24]

---

[20] BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*, Jorge Zahar (ed.), Rio de Janeiro, 2003, p.8

[21] LABORIT, Henri. *O homem e a cidade*, trad. Alberto Paes Salvação, Publicações Europa-América, 1990, p.174.

[22] BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p.46.

[23] A expressão original – *Utopia* – é de Thomas More e vem do grego "ou+topos" que significa "lugar que não existe". Autor da obra *Utopia*, publicada por volta de 1516, Thomas More criou um reino/ilha imaginário, cuja sociedade funcionava de um modo justo e exemplar, onde a importância era atribuída à vida que aí se levava, perfeita, harmoniosa e equilibrada. "Utopia" tornou-se, posteriormente, uma palavra comum do vocabulário que designa as sociedades perfeitas ou ideais, embora impossíveis.

[24] "(...) nunca deixaremos de sonhar com a comunidade, mas também jamais encontraremos em qualquer comunidade autoproclamada os prazeres que imaginamos em nossos sonhos." BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p.10.

1.2 A DISSOLUÇÃO DOS LIMITES E A EXPANSÃO DO TERRITÓRIO (CENTRO, PERIFERIA E *SUBURBANIZAÇÃO*)

"HOJE A URBANIZAÇÃO PROGRIDE A UM RITMO AVASSALADOR E JÁ NÃO ESTÁ EXCLUSIVAMENTE DEPENDENTE DA AGLOMERAÇÃO E DA PROXIMIDADE FÍSICA. AS INFRAESTRUTURAS PERCORREM TERRITÓRIOS IMENSOS QUE TORNAM POSSÍVEL UM SEM NÚMERO DE PADRÕES DE LOCALIZAÇÃO, CONSTRUÇÕES E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL. O URBANO É UM "EXTERIOR" DESCONFINADO E INSTÁVEL, POR CONTRAPOSIÇÃO À IMAGEM DA CIDADE AMURALHADA."[25]

ÁLVARO DOMINGUES

Nas últimas décadas temos assistido à formação de um novo tipo de cidade. A cidade de hoje não é mais estática, é fluida, mutável e plural. Projecção espacial das relações sociais, não constitui apenas uma fractura na paisagem, um ponto de fronteira ou um espaço limite, a cidade actual é o espaço onde "tudo acontece" e onde se pode experienciar múltiplas realidades urbanas.

Giandomenico Amendola apelida esta nova cidade de "cidade porosa", uma cidade que muda e se mistura, e que é feita dessas misturas, onde várias realidades se fundem e, por vezes, se confundem. Já não existem limites claros no espaço da cidade, a actual realidade urbana está marcada por um contínuo contágio de imagens, experiências, códigos e culturas. "A cidade contemporânea, desde sempre considerada como síntese e materialização da racionalidade, é [hoje] o campo onde essas racionalidades diversas, e também as negações às mesmas, como a magia e a superstição, coexistem".[26] Conceitos como diversidade, pluralidade, miscigenação e heterogeneidade são mais que nunca actuais e constituem componentes basilares da nova estrutura urbana.

PERDA DO CENTRO

O processo de dissolução da cidade tradicional ou dos limites que a definiam e "continham", teve início por volta do final do século XIX[27] e acelerou abruptamente ao longo de todo o século XX. Na época pré-industrial, a cidade encontrava-se formada pelo seu centro e respectiva periferia, cuja diferenciação entre ambos era clara e a singularidade do seu centro evidente. O centro desempenhava um importante papel na vida pública, pois simbolizava o poder politico e era ponto de convergência entre serviços, trabalho e comércio, e consequentemente atraía um elevado número de pessoas. Viver no centro era, por isso, sinónimo de distinção social, de emancipação e cultura, tudo o que não se encontrava na periferia.

---

[25] DOMINGUES, Álvaro, *A Rua da Estrada*, Dafne Editora, Porto, Fevereiro 2010, (contracapa).

[26] AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000, p.103.

[27] Considera-se, para o efeito, a época do derrube de muralhas que até então definiam os limites da cidade.

Contudo, incentivada pelos pressupostos estabelecidos na Carta de Atenas[28] em 1933, criou-se uma tendência generalizada em diferenciar funções, separando geograficamente o trabalho, a moradia e o lazer, e foi-se assim caminhando progressivamente no sentido inverso ao da mistura e da densidade que caracterizavam a cidade compacta.

A centralidade, que desde o início fez da cidade um pólo de interesse e de aglomeração rica e consistente de serviços, comércio, trabalho e lazer, desmembrou-se pela periferia, sobretudo ao longo do século XX, modificando a forma da cidade europeia e levando a uma "urbanização generalizada", processo importado dos modelos americanos de crescimento urbano.

Após a segunda Guerra Mundial, a *suburbanização* levou à formação de megacidades, constituídas por subúrbios intermináveis que se estendem por vastas áreas na envolvente urbana, ao longo dos principais eixos viários (*urban sprawl*). As áreas suburbanas passaram a integrar não só zonas residenciais, como também parques industriais, centros comerciais, hospitais, escolas e complexos de escritórios, apresentando-se cada vez mais independentes do núcleo urbano a que pertenciam. O subúrbio transforma-se praticamente numa "nova cidade", criando as condições necessárias para se viver e trabalhar numa mesma zona.

Em oposição à tendência da época anterior, em que se incentivava a concentração de actividades em pólos urbanos centrais pré-determinados, a época "pós-industrial" rompe com essa filosofia e, por isso, assiste-se a impulsos simultaneamente centrífugos e centrípetos, que dispersam as actividades e criam núcleos aleatoriamente dispostos no tabuleiro urbano, ligados por vias rápidas que permitem formas de sociabilidade bem diferentes das tradicionais e cuja função primordial é a circulação.

Deste modo, e a par das novas tecnologias e da crescente evolução dos meios de comunicação e transporte, os limites tradicionais que até então marcavam o território diluíram-se, facilitando a dispersão das funções urbanas. Como afirma Edward Soja, "a nova metrópole é crescentemente descentralizada e cada vez mais um mosaico de desenvolvimento geograficamente desigual (...)".[29]

---

[28] Como se sabe, a Carta de Atenas é o manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM), realizado em Atenas em 1933. O evento, que teve como tema a "cidade funcional", discutiu aspectos da arquitectura contemporânea. O documento final, redigido por Le Corbusier, define em geral o conceito de urbanismo moderno, traçando directrizes e fórmulas que seriam aplicáveis internacionalmente. A Carta considerava a cidade como um organismo concebido de modo funcional, e como tal, preconizava a separação das áreas residenciais, de lazer e de trabalho, propondo, em lugar do carácter e da densidade das cidades tradicionais, uma cidade na qual os edifícios se desenvolvem em altura e se inscrevem em áreas verdes, pouco densas. Estes preceitos influenciaram o desenvolvimento das cidades europeias após a Segunda Guerra Mundial.

[29] SOJA, Edward. *O Desenvolvimento metropolitano pós-moderno nos EUA: virando Los Angeles pelo avesso*, in MENDES, Luís. *Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado*, Cadernos Metrópole, vol.13, nº26, São Paulo, jul./dez. 2011, p.485.




Fig. 9 – *Al Azhar Park*, Cairo, por Gary Otte | Fig. 10 - *Route 60*, Phoenix, Arizona.

O poder das redes de comunicação tornou-se tão forte e o seu acesso tão facilitado, que houve um impacto notório na configuração da cidade, enraizando a ideia de que nenhum lugar de implantação está, por princípio, privilegiado em relação a outro.

A verdade é que antes dos automóveis, das telecomunicações e dos meios de informação, a densidade espacial da cidade e do seu centro era necessária. Todos tinham de "lá estar". Actualmente, essa condição deixou de ser essencial, passando a uma premissa supérflua, e o centro, desvinculado de um lugar concreto ou exclusivo, perdeu assim importância e significado.[30]

De certa forma, a perda do centro está associada à perda da dicotomia centro/periferia e da expansão gradual e controlada da cidade. A dissolução dos limites decorre assim do crescimento ilimitado da cidade, em particular com a formação de amplas extensões urbanizadas de baixa densidade, com a consolidação de instalações ao longo das grandes vias de comunicação, e com a explosão de variadas formas de conurbação[31].

Observando estas transformações no espaço urbano, e fazendo referência a um congresso que ocorreu em Bremen em 1996 - "O desaparecimento das cidades" - Daniel Innerarity observa que, do ponto de vista espacial, o crescimento desmedido da periferia provocou uma "urbanização difusa e desconcentrada"[32], de tal modo, que a tradicional

[30] Michael Sorkin acredita que esta tendência transformou a cidade numa "ageographical city": "(...) recent years have seen the emergence of a wholly new kid of city, a city without a place attached to it." SORKIN, Michael. *Introduction: Variations on a Theme Park*, in *Variations on a Theme Park: The New American City and the End of Public Space*, Michael Sorkin (ed.), Hill and Wang, New York, 1992, xi.

[31] "Conurbação" é um termo utilizado para designar o fenómeno de união de duas ou mais cidades/urbanizações, constituindo uma única malha urbana.

[32] INNERARITY, Daniel. *El Nuevo Espacio Público*, Editorial Espassa Calpe, Madrid, 2006, p.108.





Fig. 11 – *Xangai*, por Olivo Barbieri, 2004 | Fig. 12 – *M40* (auto-estrada circular), Hortaleza, Madrid.

relação entre a cidade e o campo se alterou, tornando-se praticamente irreconhecível a delimitação das suas diferenças.

Segundo o autor, "a cidade dissolve-se na mesma proporção em que aumenta a mobilidade"[33], por isso, inerente a este crescimento, e sabendo à partida que a mistura de qualquer tipo de elementos altera a essência embrionária de ambas as partes, pode-se constatar que com a *suburbanização* se assiste ao fim do espaço rural como o conhecíamos e, consequentemente, do equilíbrio entre cidade/campo.[34]

Gradualmente, a paisagem foi sendo marcada, ao longo da última década, por espaços que não são nem uma realidade, nem outra, e onde cada vez mais vive um número maior de pessoas.[35] Como resultado, gerou-se um tecido urbano indeterminado, que se estende infinitamente pelo território, sem as preocupações de uma leitura global e benéfica, que perceba a cidade como um todo coeso e inter-relacional.[36] Los Angeles, por exemplo, é a "imagem extrema de uma dispersão que se converteu na realidade comum das grandes cidades contemporâneas"[37].

---

[33] INNERARITY, Daniel. *El Nuevo Espacio Público*, Editorial Espassa Calpe, Madrid, 2006, p.112.

[34] Em dada altura, arquitectos e urbanistas também contribuíram para suprimir esta distinção entre a cidade e o campo, nomeadamente com a concepção do modelo de cidade-jardim de Ebenezer Howard, que numa mesma proposta tentava abarcar as duas realidades.

[35] "Lo más llamativo de este proceso es que se pierde la contraposición entre ciudad y campo que caracterizava a los viejos emplazamientos urbanos, cuando la ciudad era una isla de civilización en médio de la naturaleza; ahora resulta impossible diferenciar la ciudad y el campo en los actuales 'paisajes urbanizados', en nuestras 'entreciudades' (Sieverts, 1998), espacios que no son ni campo ni ciudad, ni centro ni periferia, y en los que viven más personas." INNERARITY, Daniel. *op.cit.*, p.112.

[36] "The new city likewise eradicates genuine particularity in favor of continuous urban field, a conceptual grid of boundless reach." SORKIN, Michael. *Introduction: Variations on a Theme Park*, in *Variations on a Theme Park: The New American City and the End of Public Space*, Michael Sorkin (ed.), Hill and Wang, New York, 1992, xii.

[37] INNERARITY, Daniel. *op. cit.*, p.111.



Fig. 13 – *Los Angeles*, Califórnia, por Iwan Baan, Maio 2011.

O que caracteriza a cidade contemporânea é precisamente a sua desintegração e dispersão. Constituída por áreas indescritivelmente congestionadas, com zonas diluídas pelo campo circundante, a cidade actual dificulta algumas relações, umas por concentração, outras por dispersão. Esta dispersão lê-se no território através do aumento da fragmentação urbana e de uma distribuição mais complexa das funções primordiais. O contexto urbano torna-se assim incerto, capaz de se moldar e mover mediante pequenos factores e, como tal, genericamente inconstante.

O resultado deste crescente e "imparável" desenvolvimento da cidade, sem limites aparentes que regulem o crescimento sucessivo da malha urbana, reflecte-se numa tentativa de encontrar soluções que visem "repor" ou "reconstruir" alguns limites capazes de assegurar mais estabilidade à sociedade e ao ritmo do quotidiano. Tendo em vista a forma de organização da cidade murada, que controlava o seu respectivo crescimento através de sucessivos limites, criou-se a tendência de se isolar realidades do território urbano contínuo, contribuindo para a fragmentação que caracteriza as cidades actuais e que promove uma interacção social restrita a determinados espaços, sem, ou com pouco, contacto com a cidade.

Apesar de se saber que há aspectos essenciais na dinâmica urbana que, impreterivelmente, fazem parte da estrutura de qualquer cidade, Innerarity considera que o antigo modelo de cidade deixou de servir, e define a situação actual como "um mundo periurbanizado de cidades débeis, onde a cidade se dissolve numa aglomeração banal (...)"[38].

[38] INNERARITY, Daniel. *El Nuevo Espacio Público*, Editorial Espassa Calpe, Madrid, 2006, p.109.



Fig. 14 - *Brøndby Haveby ou Brondby Garden City*, comunidade localizada nos arredores de Copenhaga, Dinamarca.

Em suma, "a cidade compacta, de distribuição social estanque e de limites precisos, cujo centro evidencia uma relativa homogeneidade social, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística dão lugar a formações territoriais mais complexas, territorialmente descontínuas e sócio e espacialmente encerradas"[39].

Do ponto de vista morfológico, Innerarity constata que na cidade do século XIX as três dimensões da densidade da cidade (física: relação entre cheios e vazios; populacional: número de habitantes; e social: quantidade de locais de contacto) estavam estritamente associadas e existia um equilíbrio que já não é real no novo contexto de globalização. A densidade da cidade modificou-se significativamente, visto que antes a percentagem de área construída tinha uma relação directa com a população e os seus locais de convívio.

O geógrafo Álvaro Domingues explica que "o conceito de subúrbio como um anel residencial regulado pela dinâmica de um centro já não se ajusta a este conceito/processo feito de coalescências urbanas, organizado por eixos e onde o espaço relacional (interdependências multi-focais; densidade de relações num território alargado e mais ou menos intensamente urbanizado) e o tempo (a distância-tempo encurtada pelo automóvel e pela auto-estrada, que comprimiu o espaço e reduziu a fricção territorial), se sobrepuseram a uma ordem urbana anterior estruturada pela proximidade física, pela contiguidade do tecido construído, pela cidade compacta e pela oposição centro/periferia."[40]

[39] MENDES, Luís, *Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado*, Cadernos Metrópole, vol.13, nº26, São Paulo, jul./dez. 2011, p.476.
[40] DOMINGUES, Álvaro. *(Sub)úrbios e (sub)urbanos - o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?*, Revista da Faculdade de Letras — Geografia, I Série, Vol. X/XI: 5-18, 1994/5, Porto, p.11.

Esta realidade é particularmente evidente na maioria das cidades americanas, que reflectem nitidamente as transformações urbanas da actualidade e que se caracterizam, essencialmente, pela concentração de edifícios empresariais numa zona central exclusivamente dedicada a negócios, vulgarmente designada *Business Center*, e ainda parques temáticos e centros comerciais fechados espalhados por uma rede interminável de subúrbios, que atraem massas para fora da "cidade", provocando problemas de fluxo.

As novas politicas urbanas traduzem, assim, uma maior orientação para o mercado e para os consumidores, beneficiando as classes mais ricas e promovendo relações estratégicas de controle e domínio do espaço urbano. Segundo Amendola, a nova cidade apela à concretização do desejo, induz ao sonho do consumo e é capaz de atrair e fascinar pela quantidade de oferta que apresenta, numa realidade marcada por um ritmo frenético e inconstante de todas as suas variáveis.

Em resumo, a dissolução dos limites que outrora condensavam a cidade, e o crescimento caótico das metrópoles, a partir do somatório de acções individuais, gerou variados conflitos de interesse, configuradores de grande parte das urbes actuais. O desenvolvimento dos serviços, os avanços tecnológicos, o aumento exponencial do tráfego automóvel e a forma que a cidade foi adquirindo, derivada de todos estes factores, são alguns dos exemplos para descrever o início do novo século. O novo contexto urbano é marcado pela internacionalização da actividade económica e pela diminuição do controlo público sobre o contingente local e nacional que, por sua vez, foram aspectos determinantes para a caracterização do espaço público e, consequentemente, para a estruturação da vida urbana contemporânea.



PARTE II

MEDO | temas e problemas da cidade contemporânea

2.1 O MEDO COMO FACTOR DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E A FORMAÇÃO DE ENCLAVES FORTIFICADOS

"REFINADOS QUE SOMOS POR UM LONGO PASSADO CULTURAL, NÃO SOMOS HOJE MAIS FRÁGEIS DIANTE DOS PERIGOS E MAIS PERMEÁVEIS AO MEDO DO QUE NOSSOS ANCESTRAIS? É PROVÁVEL QUE OS CAVALEIROS DE OUTRORA, IMPULSIVOS, HABITUADOS ÀS GUERRAS E AOS DUELOS E QUE SE LANÇAVAM COM IMPETUOSIDADE NAS DISPUTAS, FOSSEM MENOS CONSCIENTES DOS PERIGOS DO COMBATE DO QUE OS SOLDADOS DO SÉCULO XX, PORTANTO MENOS SENSÍVEIS AO MEDO. NA NOSSA ÉPOCA, EM TODO CASO, O MEDO DIANTE DO INIMIGO TORNOU-SE A REGRA." [41]

JEAN DELUMEAU

Segundo Nan Ellin[42], o medo não pode ser separado da experiência humana, e as cidades, locais das experiências humanas, sempre tiveram em atenção a necessidade de protecção e defesa do perigo. Como foi referido, a protecção contra os invasores foi um dos principais incentivos à construção de cidade, cujos limites eram muitas vezes defendidos por vastos muros e vedações, desde as antigas vilas da Mesopotâmia, passando pelas cidades medievais, até aos assentamentos Americanos.

Independentemente da configuração que determinado lugar apresente, Zygmunt Bauman[43] constata, em *Confiança e Medo na Cidade*, que a cidade contemporânea está permanentemente sujeita ao "medo", elemento que parece não conhecer fronteiras face à proliferação acelerada e fragmentada dos espaços.

Para pensar as materializações e efeitos do medo, Bauman toma a cidade – palpável e concreta – como ponto de partida para sublinhar três aspectos complementares, que potenciam a sua propagação. Em primeiro lugar, é possível observar a cidade actual como um "depósito de lixo dos problemas de origem mundial"[44], que vão desde a poluição do ar, da água, passando pelas patologias do sistema de saúde público, até à globalização dos centros urbanos provocada pelo êxodo rural e a imigração; em segundo, a cidade assemelha-se, segundo o autor, a um "campo de batalha"[45], para onde convergem disputas territoriais e lutas de interesses pessoais, que se entrechocam na tentativa de encontrar um equilíbrio e que colocam os cidadãos em posições vulneráveis; e por último, a partir da convivência com a diferença, as cidades transformam-se em

---

[41] DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300 – 1800: Uma cidade sitiada*, Companhia das Letras, São Paulo, 2009, p. 22.

[42] Professora Associada da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Arizona e autora de *Postmodern Urbanism* (1996, 1999) e editora de Architecture of Fear (1997).

[43] Sociólogo polaco radicado em Inglaterra, considerado um dos mais atentos observadores das contradições do mundo moderno e pós-moderno.

[44] BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006, p. 28

[45] "As cidades contemporâneas são os campos de batalha sobre os quais convergem, por um lado, os poderes mundiais e, por outro, as razões de ser obstinadas de cada um dos seus habitantes, que se entrechocam e combatem em busca de um acordo satisfatório ou minimamente tolerável (...)." *Idem, ibidem*, p.31.



Fig. 15 – *Through barb wire*, Los Angeles, Califórnia, Fevereiro 2012.

laboratórios de experiências, não oferecendo estabilidade social nem coesão estrutural devido às continuas mudanças urbanas e às diversas teorias lançadas.

Neste contexto, de local relativamente seguro, Ellin observa que a cidade, especialmente nos últimos cem anos, passou a ser associada mais com o perigo do que com a segurança.[46] A própria densidade populacional, que cresceu exponencialmente, proporcionou um aumento gradual dos perigos, crimes e violência, fomentando a procura de abrigo e protecção através de uma extensão de soluções arquitectónicas e urbanísticas.[47] Segundo a autora, o crime nos Estados Unidos da América aumentou cerca de 100% entre 1960 e 1990.[48]

A criminalidade, e o medo ao crime, tiveram um impacto notório na forma e no desenho da metrópole contemporânea e impulsionaram consequentemente a fortificação física e electrónica do território, ao ponto de, segundo Giandomenico Amendola[49], um terço das novas comunidades da Califórnia meridional estarem protegidas electronicamente. O autor acredita assim que, mais do que a violência, um dos novos princípios da organização da grande cidade contemporânea é o medo da violência. A vulnerabilidade do Homem, inerente ao espaço da cidade, preocupa e atemoriza e é esse medo que motiva a

[46] Enquanto andava por França a investigar sobre o urbanismo neo-tradicional (ou "Novo Urbanismo") utilizado no desenho da nova cidade Jouy-le-Moutier, Nan Ellin, procedeu a algumas entrevistas, no sentido de averiguar a satisfação e integração dos respectivos habitantes. Surpreendentemente, apercebeu-se que a questão do medo estava presente em quase todos os discursos e que a preocupação com a segurança era o tema central, que despoletava a nostalgia em relação ao passado e à vida urbana de outros tempos. Desde então, Nan Ellin começou a reflectir não só nas motivações do urbanismo defensivo, que através do processo de privatização elevou muros e fortificou habitações, mas também na tentativa de diminuir o medo através do *design* e da arquitectura.

[47] "We persevere in seeking shelter from these dangers lurking in our midst throught a range of architectural and planning solutions." ELLIN, Nan. *Fear and City Building*, The Hedgehog Review, V, 3, 2003, p.44.

[48] *Idem, ibidem*, p.48.

[49] AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000.

delimitação de fronteiras e a construção de "muros". É esse medo, estendido ou difundido, que pela sua intensidade e radicação, vai permitir compreender as formas urbanas e arquitectónicas da actual conjuntura.

Para Bauman, "os actuais medos nasceram com a irrupção simultânea da liberalização e do individualismo, numa altura em que se haviam tornado já frouxos ou quebrados os laços de parentesco e vizinhança que uniam com firmeza as comunidades e corporações"[50]. Apoiado no pensamento do sociólogo francês Robert Castel, Bauman salienta que o medo é provocado, em parte, pela sobrevalorização do indivíduo e pela sua vulnerabilidade inerente. Aspectos antagónicos mas complementares, pois como o individualismo foi ganhando expressão na sociedade, e actualmente cada um age na esfera dos seus interesses, o indivíduo torna-se simultaneamente frágil e vulnerável.

Estes dois aspectos, em conjunto, fomentaram a sensação de impotência face à dinâmica da cidade e o resultado desta equação anacrónica gerou o medo de ser "inadequado", que contaminou diversos sectores da vida pessoal e social, estendendo-se desde a sensação de insegurança em relação ao espaço urbano até ao medo concreto de pequenos incidentes.

Resumindo, a sociedade de hoje, ao suprimir as comunidades e corporações estritamente unidas que outrora delimitavam as normas e velavam pelo seu cumprimento, e ao substituí-las pelo suposto dever de cada um em se ocupar de si próprio e dos seus próprios assuntos, passou a trabalhar no campo da incerteza. Perante este cenário, Bauman remata que "numa sociedade deste tipo, é inevitável que a insegurança e medo de perigos imprecisos acabem por se tornar males endémicos"[51].

Não obstante, de acordo com Amendola, há, pelo menos, três factores dominantes que alimentam a proliferação do medo urbano. O primeiro relaciona-se, não só, com a contínua procura por segurança baseada nas promessas e expectativas que a sociedade contemporânea exalta, como também pela realidade insegura que a rodeia; o segundo advém da perda ou diminuição dos critérios reguladores da distribuição, no tempo e no espaço, da violência, e a afirmação da sua existência em qualquer lugar, a qualquer momento; e, por último, a mescla entre a verdadeira violência e a representada ou reconstruída pelos *media*, projectada (por vezes em directo) nos ecrãs de televisão.

O cidadão metropolitano é então bombardeado por sinais de perigo. O seu medo é alimentado pelos meios de comunicação, placas de sinalização, actos de vandalismo, relatos e ainda as experiências pessoais.

[50] BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006, p.16.
[51] *Idem, ibidem*, p.12.



Fig. 16 – *Shadow*, por Tânia Maia, 2014.

A difusão do medo na cidade tornou-se também num dos tópicos clássicos do cinema. As cenas terroríficas que vemos nos filmes e séries de televisão não são diferentes das que os jornais nos mostram. "Tudo é real, tudo dá medo. A cidade real, fora de casa, está construída, na representação do cidadão metropolitano, por um cenário violento e terrorífico de verdade e ficção, de proximidade e distância, de experiências e de narrações, de presente e passado."[52] Amendola defende que, deste modo, tudo se torna possível e plausível, não necessariamente pelo facto de ter acontecido, mas sim porque foi visualizado.

Mike Davis aponta filmes como *"Die Hard"*, *"Bladerunner"*, *"Colors"*, e outros, não como fantasias, mas sim extrapolações da realidade actual. Tais perspectivas demonstram o quanto a obsessão pela segurança afectou a sociedade, colocando esperanças na reforma urbana e integração social. Na verdade, Davis acredita que "vivemos actualmente em *cidades fortaleza*, brutalmente divididas em *celas fortificadas* e *espaços de terror* onde a polícia combate persistentemente o crime"[53].

Deste modo, num mundo moldado pelo caos e a insegurança, onde vigora a desordem estrutural e onde a mobilidade acelera, as noções de tempo e de espaço também crescem menos estáveis e mais incertas.[54] Os indivíduos vêem-se expostos e incapazes de controlar a velocidade vertiginosa do progresso e perante esta impotência, Nan Ellin acredita que o excesso de modernidade e emancipação, despoletou uma série de diferentes respostas face ao "medo pós-moderno".

---

[52] AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000, p.318.

[53] DAVIS, Mike. *Fortress Los Angeles: The militarization of Urban Space*, in *Variations on a Theme Park: The New American City and the end of Public Space*, Michael Sorkin (ed.), Hill and Wang, Nova Iorque, 1992, p.155.

[54] ELLIN, Nan. *Fear and City Building*, The Hedgehog Review, V, 3, 2003, p.54.

Ellin refere três casos: a *Retribalization*, a reorganização de grupos sociais idênticos por zonas da cidade, como forma de protecção; a *Nostalgia*, materializada pelo saudosismo da vida campestre e tranquila; e o *Escapism*, talvez a resposta mais expressiva no território urbano, que consiste no impulso de "escapar" à realidade, afastando-a através de enclaves fortificados que se fecham sobre si mesmo e ignoram o panorama real.

Nesta sequência, verifica-se que o cidadão, atemorizado, procura viver, ou encontrar a segurança, numa espécie de bolha protectora (redoma), que o isole da condição vulnerável a que a nova cena urbana o expõe, no interior de uma cidade que também deseja igualmente protegida. Para comprovar esta vontade, Amendola descreve o dia-a-dia do Homem contemporâneo e demonstra que, protegido pelo carro, visto como uma "cápsula defensiva"[55], se desloca até ao centro comercial (vigiado), até ao concerto (de entrada controlada), à feira da cidade (temática), à oficina (fiscalizada), ao restaurante (seleccionado) e a uma infinitude de outros lugares com um universo relativamente restrito e protegido.

Até na própria casa, o cidadão procura colocar à distância a violência do mundo exterior, blindando não só a casa, como a vida. O mundo é filtrado, no privado, pela televisão que escrutina o que é público, com o poder de seleccionar, através do comando à distância, qual o conteúdo que deseja ver. A tecnologia permite ainda parar a emissão a meio, rever, avançar e guardar, a fim de entreter e aliciar à permanecer neste interior.

Para Davis, que aborda de forma pessimista a cidade de Los Angeles[56] em *Fortress Los Angeles: The militarization of Urban Space*, a principal consequência desta demanda compulsiva pela segurança na cidade é a destruição de qualquer espaço público democrático.[57] A cidade americana tem-se voltado sistematicamente para o interior, levantando muros e erguendo defesas, de tal modo, que o suposto espaço público das novas mega-estruturas alterou a vivência da tradicional rua, condicionando parte da sociabilidade existente.[58]

A actividade dentro dos espaços "colectivos", como os *shoppings,* os escritórios e os centros culturais, é regrada por normas e condutas muito próprias e funcionais, vigiada de perto por polícia privada, em complemento aos sistemas electrónicos que atestam todas

[55] Expressão utilizada por Zygmunt Bauman em *Confiança e Medo na Cidade*, p.52.

[56] Mike Davis inicia o seu discurso sobre LA com a afirmação "The city bristles with malice.".

[57] "The celebratory language used to describe contemporary Los Angeles – 'urban renaissance', 'city of future', and soo on – is only a triumphal gloss laid over the brutalization of its inner-city neighborhoods and the stark divisions of class and race represented in its built environment." DAVIS, Mike. *Fortress Los Angeles: The militarization of Urban Space*, in *Variations on a Theme Park: The New American City and the end of Public Space*, Michael Sorkin (ed.), Hill and Wang, Nova Iorque, 1992, p.156.

[58] Amendola transcreve uma afirmação transmitida pelo *Channel 4* inglês: "Paranóia, violência e contaminação estão a devorar a alma da América, confinando-a à protecção interior da casa, dos sistemas de segurança privados, dos códigos de acesso, das fortalezas e dos acessos controlados por vídeo vigilância." AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000, p. 312.

as entradas e saídas.[59] Todos os tipos de enclaves fortificados partilham algumas características básicas: enfatizam o que é privado e restrito, ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto à cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e particularidades arquitectónicas, voltados para o seu interior e não em direcção à rua. Assim, apesar da atmosfera aparentemente pública e descontraída, o seu proclamado carácter urbano é completamente ficcional.

Innerarity refere, igualmente, o caso americano como ilustrativo de uma polarização ideológica mais geral, com claras manifestações de aversão à cidade real. "Todo o projecto da América – a utopia de uma comunidade humana renovada a partir de uma ruptura com o passado europeu – conduz, desde o seu inicio, a características anti-urbanas."[60] As raízes do medo à cultura urbana são muito diversas, e a antipatia pela cidade surge do sentimento de que a mesma representa algo estranho, misto, incerto e incontrolável. Como a cidade deve oferecer ordem e segurança, mas também permitir uma certa irregularidade, a vida urbana torna-se ambivalente e a urbanidade passa a realizar-se precisamente no movimento destas contradições: "entre ordem e caos, entre o público e o privado, entre a indiferença e o compromisso cívico, entre alienação e identificação"[61].

Em relação ao espaço público, Amendola também constata, embora de forma menos dramática que Mike Davis, que este muda e que passa a ser dada uma maior atenção à sua defesa e níveis de visibilidade ou ênfase na cidade. Na sua opinião "a cidade revela claramente os sinais do medo difundido na organização dos espaços, funções, formas arquitectónicas, cultura e comportamentos do quotidiano"[62].

OS ESTRANHOS NA CIDADE

No entanto, "desde Simmel e Bahrdt até Sennett, a cidade é vista como o lugar que possibilitou o convívio de diferentes modos de vida, culturas e percepções do mundo, levando a cabo o intercâmbio mais produtivo que se conhece".[63]

Partindo desta referência, pode afirmar-se que as cidades são os lugares privilegiados dessa mistura de realidades e indivíduos, que se entrechocam e estabelecem múltiplas relações. Viver na cidade pressupõe assim a convivência com um elevado número de

---

[59] "Recent theorists like Manuel de Solà-Morales have felt the need to finetune it by pointing to the phenomenon of 'collective space.' The latter term may be used to refer to those meeting-places in the city which, though privately owned and hence in some respects exclusionary, continue to form the scenes for various public activities: places like the shopping mall, the sports stadium, the theme park, or the grand café. In de Solà-Morales's opinion, 'Collective space is much more and much less than public space in a restricted sense (as public property)(...)' " AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, p.89.

[60] INNERARITY, Daniel. *El Nuevo Espacio Público*, Editorial Espasa Calpe, Madrid, 2006, p. 105

[61] *Idem, ibidem*, p.108.

[62] AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000, p. 320.

[63] INNERARITY, Daniel. *op.cit.,* p.96.

pessoas que nos são estranhas. Não as conhecemos, mas somos obrigados a relacionar-nos todos os dias a toda a hora, no metro, no trabalho, na rua, no café, e com a imprevisibilidade natural adjacente ao espaço da cidade.

Innerarity realça que "o protótipo do cidadão é o estranho, o estrangeiro; [e afirma que] a cidade é um conjunto de desconhecidos, o espaço onde o encontro com estranhos se converte em rotina, e onde a proximidade física coexiste com a distância social"[64]. Para o autor a cidade assemelha-se a uma "comunidade de estranhos".

Ao longo de toda a história da cidade, "o outro" foi continuamente real e visível e desempenhou um papel, se não importante, pelo menos decisivo, no desenvolvimento urbano. Nas palavras de Bauman, "o desconhecido, por definição, é um agente movido por intenções que, quanto muito, se podem intuir, mas que nunca saberemos de ciência certa. O desconhecido é a incógnita variável de todas as equações (...)"[65].

O contexto urbano assume, assim, um tom inquietante e sobretudo tão incerto como o próprio cidadão, conduzindo, por conseguinte, a uma sensação de insegurança e medo, que se reverte, posteriormente, em ansiedade e agressividade[66]. O estrangeiro, "o outro", em geral alarma e mostra o quão penetrável é o interior da sociedade e como os limites se evaporam e a sua cultura/rotina pode ser posta em causa a qualquer momento.

Segundo Amendola, quanto mais os instrumentos de desenvolvimento da cidade se basearem na ordem e coerência estrutural, tanto mais "o diferente" será hostilizado enquanto ameaça viva dessa mesma ordem. No entanto, o autor também acredita que para assustar ou causar receio, não é necessário que "o outro" faça alguma coisa, basta apenas que seja visível (logo, real) na sua diversidade. O estrangeiro vive permanentemente dentro de nós e dentro da cidade, pelo qual desenvolvemos sentimentos de receio e apreensão, mas ao mesmo tempo de interesse e necessidade.[67]

Ao concluir que se trata de uma componente permanente da experiência urbana, "a presença contínua e ubíqua de desconhecidos (...) introduz um grau considerável de incerteza nas actividades dos habitantes das cidades"[68]. Para Bauman, essa presença,

---

[64] INNERARITY, Daniel. *El Nuevo Espacio Público*, Editorial Espasa Calpe, Madrid, 2006, p.98.

[65] BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006, p.34.

[66] O medo, juntamente com a ansiedade, é a outra face da cultura do desejo da cidade contemporânea. A cidade é objecto de desejo e de repulsa, e pode ser entendida simultaneamente como área segura ou de perigo, demonstrando-se assim vulnerável ao medo e aos impulsos por ele despoletados. A formação de tribos à margem da cidade é o exemplo de como a sua estrutura resulta de reacções emotivas ao perigo e de actos agressivos de exclusão.

[67] Bauman aborda a questão do sentimento antagónico despoletado perante "o outro" em *Confiança e medo na Cidade*. Por um lado, fala de "mixofobia", isto é, o medo de misturar-se e ficar vulnerável aos perigos que advêm da convivência com "os outros". Contudo, ao afirmar que a vida urbana provoca emoções opostas, Bauman também salienta a "mixofilia" (o desejo de mistura com as diferenças), pois acredita que o encontro com o desconhecido propicia uma atmosfera de descoberta e fascínio. Podem-se descobrir novos interesses, novos caminhos e explorar outros temas até então alheios. Está inerente ao ser humano esta vontade de novidade e de investigação do que é incógnito. Bauman refere ainda que foi esta premissa de permanente confronto com outras realidades que conferiu atracção à cidade, incentivando a mudança de quem vivia no campo.

[68] BAUMAN, Zygmunt. *op.cit.*, p.33.

quase impossível de evitar, constitui um argumento plausível, generalizado, para justificar a intenção de adoptar todo o tipo de medidas de exclusão. Bauman acredita que mantendo afastados certo tipo de indivíduos "consegue-se exorcizar por algum tempo o fantasma aterrador da incerteza e esconjura-se, assim, o monstro medonho da insegurança"[69].

Como reacção, criaram-se certas barreiras e dificultou-se assim a relação com o estranho, levando à delimitação de rígidas fronteiras dentro do espaço da cidade. Vivemos constantemente entre elas, "entre muros" de uma sociedade que cultiva a homogeneidade. Ou seja, é a própria sociedade que possibilita a construção de muros, entendidos aqui como barreiras contra o medo, e abre espaço à segregação social e à luta contra o desconhecido.

Não obstante, essa insegurança é ainda reforçada pela incapacidade de identificar os perigos que nos esperam "ao dobrar da esquina" ou no final da rua. Deste modo, a proporção dos receios aumenta, pois o medo do desconhecido é significativamente maior. Ou seja, "dada a intensidade do medo, se não existissem estranhos eles teriam de ser inventados. E eles são inventados, ou construídos, diariamente (...). A vigilância e as suas façanhas defensivas/agressivas criam o seu próprio objecto. Graças a elas, o estranho é metamorfoseado em alienígena, e o alienígena, numa ameaça."[70]

Nan Ellin menciona o 11 de Setembro de 2001 como o mais enfático exemplo da proliferação do medo de um inimigo indefinido, que abalou não só a cidade de Nova Iorque, como o resto do mundo. Mais do que os danos provocados na cidade, o significado de tal acontecimento gerou e potenciou o sentimento de fragilidade e insegurança, confirmando a vulnerabilidade dos cidadãos. A partir dos atentados, instalou-se um clima de suspeita generalizada, que transformou a questão da segurança, de local para global, capaz de legitimar entraves à liberdade civil. "Os acontecimentos do 11 de Setembro elevaram estes esforços [de segurança] e contribuíram para medidas opressivas que, consequentemente, redobraram o medo."[71]

Logo, mesmo que o medo não exista, Bauman observa que este passa a ser sentido pela existência dos próprios sistemas e controlos de segurança, criados para o "combater" e assegurar um ambiente estável. Estes indicam um sistema de hierarquia (necessidade de protecção do "eu") que gera tanto segurança, como potencia a insegurança, tornando possível "o medo". A eficiência simbólica da representação acaba por torná-lo real em

[69] BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006, p.33.
[70] *Idem. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, Jorge Zahar (ed.), Rio de Janeiro, 2003, p.105.
[71] ELLIN, Nan. *Fear and City Building*, The Hedgehog Review, V, 3, 2003, p.54.

certas instâncias, já que, de outra forma, seria difícil manter coesas as formações sociais.[72]

Em conjunto, a violência e o medo, ao serem combinados com os processos de mudança social das cidades contemporâneas, geram novas formas de segregação espacial e discriminação social.[73] As grandes cidades como Nova Iorque, São Paulo ou Rio de Janeiro foram-se tornando metrópoles cada vez mais ricas e poderosas, mas também mais pobres e desesperadas. O fosso que se agigantou entre "ricos e pobres" tornou-se cada vez mais evidente, com reflexos directos na "espessura das fronteiras" que hostilizam e fragmentam.[74]

Perante esta realidade, Amendola constata que da condição de "explorados e exploradores", que acredita caracterizar a época industrial, se passou à condição física de "incluídos e excluídos".[75] A nova e cada vez mais exasperada polarização social da cidade tornou o problema das relações com as diversas partes e com "o outro" cada vez mais crucial. De um lado, as novas classes sociais poderosas, portadoras de um estilo de vida vistoso e opulento, consumidores natos e seguidores de modas; por outro, os excluídos, os dos sectores sociais mais débeis e fragilizados.

Ao estigmatizar estas diferenças, claramente visíveis no território, para além de se intensificar a já prévia ideia de perigo associada ao seu confronto, desenvolve-se uma forte obsessão pela segurança, que passa a ser vista como um privilégio individual ou de grupo, ligado ao poder aquisitivo de cada um, ao invés de um atributo público indivisível, permitindo assim a associação directa entre "elite" e "segurança", que contribuiu, consequentemente, para a vincada fragmentação do território.

---

[72] No filme "A Vila" (2004), escrito, dirigido e produzido por M. Night Shyamalan, é demonstrado explicitamente como é que o medo pode afectar a vida e influenciar o comportamento dos indivíduos e das comunidades. O filme decorre numa pequena vila (aparentemente no final do século XIX) isolada do mundo, no meio da clareira de uma floresta. Motivados pelos perigos que atacam cada vez mais a cidade e a afastam da sua visão saudável e pacífica, os "Elders" – fundadores da comunidade – criaram uma sociedade paralela, longe da influência considerada negativa e opressiva da cidade, destruidora de relações humanas, a fim de preservar a ideia de comunidade sugerida noutros tempos. Supostamente, na floresta que rodeia o vilarejo, qual muro de pedra dos actuais condomínios, escondem-se criaturas sobrenaturais que nunca ninguém viu, mas sobre as quais existem relatos que mantêm presente os perigos adjacentes a quem ousar transpor o limite da clareira e realçam a vulnerabilidade dos habitantes. Na verdade, não existem quaisquer criaturas na floresta que assombrem a comunidade, mas esse perigo latente e a reacção despoletada pelo "medo do desconhecido" são usados para assegurar a permanência de todos no local e perpetuar a vida naquele círculo social.

[73] CALDEIRA, Teresa, *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.9.

[74] Curiosamente, Frederik Barth, antropólogo norueguês contemporâneo, demonstra que não se traçam fronteiras para separar diferenças, é precisamente na delimitação dessas fronteiras que se criam e intensificam as diferenças. As diferenças são descobertas para justificar a tendência obsessiva de definir fronteiras e impor limites, pois cada fronteira cria as suas próprias diferenças, atribuindo-lhes consciência e sentido.

[75] Amendola recorre ao estudo desenvolvido por Didier Lapeyronnie (sociólogo francês e professor de sociologia na Universidade de Paris – Sorbonne), em *De l'integration à la ségrégation*, e cita que "passamos de uma sociedade integrada construída sobre a oposição entre dominantes e dominados, a uma sociedade marcada pela distância entre os que estão dentro e os que estão fora, uma sociedade definida pelas suas fronteiras." AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000, p. 310.

2.1.1 FRAGMENTAÇÃO E PRIVATIZAÇÃO DA CIDADE E DO ESPAÇO URBANO

"O ESPAÇO PÓS-URBANO NÃO SÓ TEM ENFRAQUECIDO E COMPLICADO A DISTINÇÃO GEOGRÁFICA ENTRE CENTRO E PERIFERIA, COMO TEM TAMBÉM CONDUZIDO, POR SUA VEZ, AO ENFRAQUECIMENTO E COMPLICAÇÃO DA NOÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO." [76]

BART EECKHOUT & STEVEN JACOBS

Actualmente, a fragmentação é considerada um dado estrutural da metrópole contemporânea e um resultado da própria modernização, do seu desenvolvimento e das contínuas transformações que se sucederam. "Enquanto que a heterogeneidade parece ser o conceito perfeito para resumir a variedade claramente visível da metrópole moderna, a noção de 'fragmentação' – não apenas espacial, como também a nível social – parece ser a mais adequada para caracterizar as evoluções do ambiente pós-moderno."[77]

No contexto da nova cidade pautada pela globalização, Amendola afirma que a descontinuidade do espaço construído não é só o resultado da crise dos modelos urbanos globais e totalizadores e da separação social e cultural da sociedade, como é também fruto da desordem e incoerência urbana, vistos agora como elementos estruturais (e integrantes) da experiência do Homem contemporâneo. Actualmente, conceitos como "segmentação, *collage*, hibridações, não são apenas sentidos, como também procurados"[78].

Os subúrbios, por exemplo, reúnem, hoje, uma muito maior diversidade, concentrando actividades industriais, comerciais e recreativas, a par da vertente residencial, a única que outrora era contemplada nestas áreas.[79] Esta concentração leva à justaposição (mais ou menos independente) de elementos e serviços que convivem caoticamente na cidade e seccionam o espaço.

Como sabemos, as cidades são uma extensão da sociedade existente, por isso, o conceito de fragmentação é também um resultado das diferenças sociais e das suas respectivas separações no território.[80] "As relações espaciais rigidamente hierarquizadas entre a igreja, o lorde, a cidade, e o campo na época medieval reflectem nitidamente as

---

[76] AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, p.88.

[77] *Idem, ibidem*, p.71.

[78] AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000, p.99.

[79] "This technological sucess, (...) came on top of a gradual transformation of suburbia from an exclusively residential zone to a zone that also accomodated industrial, commercial, and recreative activities. Althought recent studies emphasize that postsuburbia continues to evince less visual variety than core cities and that its cultural activities are tailored first and foremost to the twin realms of domesticity and material consumption, today's postsuburbia nevertheless displays far greater diversity than its classic suburban predecessor." AAVV. *op. cit.*, p.69.

[80] "Urban form obediently follows repressive function." DAVIS, Mike. *Fortress Los Angeles: The militarization of Urban Space*, in *Variations on a Theme Park: The New American City and the end of Public Space*, Michael Sorkin (ed.), Hill and Wang, New York, 1992, p.156.

divisões sociais"[81]. Ou seja, sendo a cidade um reflexo da sociedade e dos seus interesses e orientações, transmite naturalmente a forma como a mesma se organiza e distribui, estruturando o espaço urbano a partir dessa premissa.[82]

Por "fragmentação do território", a autora Teresa Barata Salgueiro, entende "uma organização territorial marcada pela existência de enclaves territoriais distintos e sem continuidade com a estrutura sócio-espacial que os cerca"[83]. Acrescenta ainda que o que define esses enclaves não é propriamente a sua dimensão ou forma, mas sim a relação (ou não relação) que estabelecem com o espaço envolvente contíguo, impedindo uma leitura contínua e global do território.

Neste sentido, Daniel Innerarity explica que a fragmentação da cidade "ocorre devido às tendências de segregação social e funcional, [e] de homogeneização de grupos de acordo com o seu rendimento e estilo de vida"[84], configurando-se assim unidades homogéneas e diferenciadas, sem, ou com pouca, relação entre si. Tratam-se portanto de formas urbanas que reflectem uma busca pelo semelhante em ambientes análogos, bem diferente da concepção clássica da cidade, onde o modelo de convivência era, de um modo geral, abrangente.

Ou seja, com medo dos "outros", a sociedade foi-se organizando com base na homogeneidade e o fosso entre classes tornou-se cada vez mais evidente, desenvolvendo-se gradualmente uma tendência generalizada em estruturar a rotina em função de círculos sociais idênticos.

Este fenómeno é motivado, em parte, pela globalização que permitiu um maior fluxo e contacto entre várias e diferentes realidades e indivíduos, provocando desconforto e indignação nos grupos sociais habituados a manter-se à margem de todos os outros. Esta relação cada vez mais estreita, e a proximidade com certos grupos problemáticos, que invadem os núcleos das cidades, propiciaram a deslocação da classe média e alta, que se moveu ao encontro de bairros idênticos à sua condição social, onde seria possível formarem pequenos núcleos socialmente homogéneos, isto é, "uma vida em círculos sociais mais restritos, assegurados por preços altos e ainda barreiras e sistemas de vigilância"[85].

---

[81] MARCUSE, Peter. *Not Chaos, but Walls: Postmodernism and the Partitioned City*, in *Postmodern Cities & Spaces*, S. Watson, K. Gibson (eds), Blackwell, 1995, p.245.

[82] "The societies in which our cities exist are, and have been for centuries, hierarchical; the inequalities amog their residents are reflected in the inequalities in the spaces they occupy." *Idem, ibidem*, p.245.

[83] SALGEIRO, Teresa Barata. *Cidade Pósmoderna – Espaço Fragmentado*, III Congresso da Geografia Portuguesa, Porto, Setembro 1997, Edições Colibri e Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa, 1999, p.225.

[84] INNERARITY, Daniel. *El Nuevo Espacio Público*, Editorial Espasa Calpe, Madrid, 2006, p.115.

[85] *Idem, ibidem*, p.115.

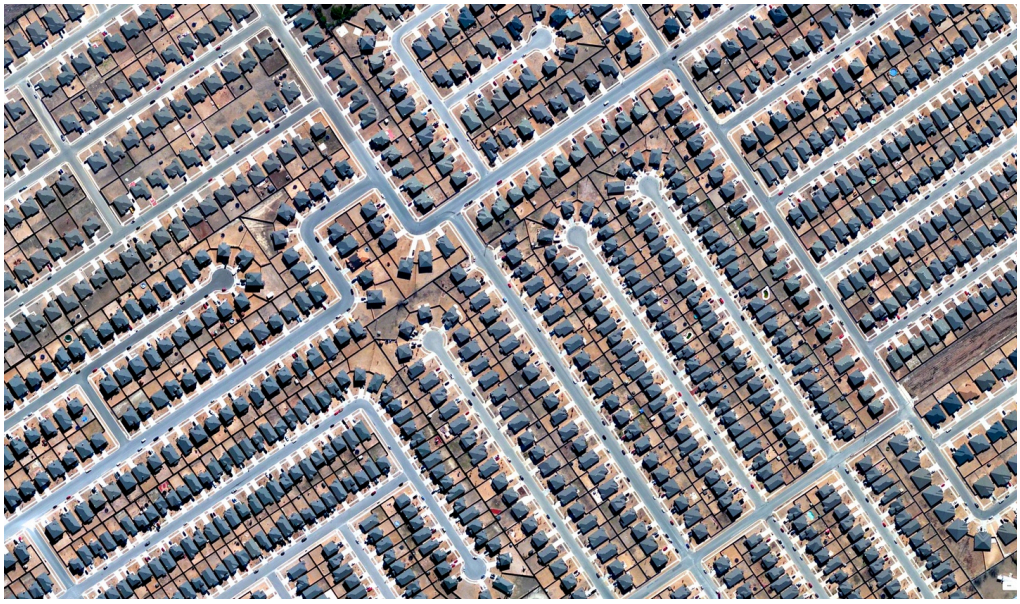


Fig. 17 – *Residential development*, Killeen, Texas, EUA, 2014.

Rodeados por "semelhantes", os grupos encontram um "nicho à sua medida", que é interpretado como um espaço de familiaridade, uma "redoma" que se auto-protege e se evidencia segundo determinadas condutas, e que pretende assemelhar-se ao ideal de "comunidade".

Estes "enclaves homogéneos", que fragmentam o espaço urbano através da selectividade e segregação social, surgem na ânsia de facilitar a integração dos indivíduos na sociedade e configuram-se para manter e preservar "as condições de confiança, segurança, previsibilidade e um sentido de convicções partilhadas face às incertezas da vida pública"[86]. De acordo com Dirk De Meyer e Kristiaan Versluys[87], estas identidades ajudam a reduzir o grande fenómeno da complexidade social a um problema unidimensional de fácil controlo e resolução[88], pois tratando-se de uma área circunscrita que contempla apenas um grupo seleccionado, torna-se mais acessível o contacto e a interacção entre todos, bem como a gestão do respectivo espaço.[89] É evidente que há diversidade nestes grupos, mas a sua constituição é organizada em torno de uma identidade dominante e hegemónica.

Estas identidades colectivas, avança Innerarity, são o resultado de uma construção social e de uma concepção exclusivista e fechada da sociedade e, como tal, uma "falsificação",

[86] INNERARITY, Daniel. *El Nuevo Espacio Público*, Editorial Espasa Calpe, Madrid, 2006, p.116.

[87] Directores de Projecto da *Ghent Urban Studies Team* (GUST).

[88] "The question of the formation of these identities is a hotly disputed one, with biological essentialists pitted against social constructionists, and discussions on the subject often prove to be political-ideological dynamite: the inclination to use exclusive definitions of ethnic and to reduce phenomena of great social complexity to a one-dimensional issue of ethnicity easily feeds into all kinds of extremist politics." AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, p. 77.

[89] Para uma análise mais detalhada sobre a influência étnica e racial no espaço urbano, consultar a obra "The Bubbling Cauldron: Race, Ethnicity and the Urban Crisis" (1995) de Michael Smith e Joe Feagin.

visto que a integração dos indivíduos que se inserem nesses enclaves não é plena, nem urbana, porque não compreende a relação com a outra parte – "o diferente". Trata-se, portanto, de uma "subcultura", uma exaltação de determinadas convicções, que se distanciam da cultura urbana generalizada.[90]

Paralelamente, desenvolve-se um outro processo que abrange as classes média e alta, com o objectivo de garantir a segurança e a homogeneidade de determinados bairros ou sectores urbanos – a gentrificação[91]. Depois do *boom* suburbano das décadas anteriores, o conceito de gentrificação, que atingiu o clímax no EUA em 1970 e 1980, foi utilizado para descrever as transformações urbanas e sociais relacionadas com a crescente valorização e reutilização dos bairros dos centros históricos das cidades. Assim sendo, a gentrificação é um processo de mudança social sem uma adulteração drástica (como foram as demolições de Hassmann em Paris no século XIX), vinculado à reabilitação de áreas degradadas.

Esta transformação gradual de determinadas zonas em áreas mais qualificadas, leva, por sua vez, à reestruturação do tecido sócio-espacial da cidade, e pauta esse desenvolvimento através da substituição, nas áreas do centro, de um grupo social por outro, de estatuto mais elevado.[92] Na prática, consiste na "valorização imobiliária de uma zona urbana, de modo a torná-la mais atraente para residentes dotados de maior poder económico"[93].

Esta tendência, apesar de implicar uma alteração da paisagem urbana, com melhorias significativas no "ambiente urbano" e, por consequência, no desenvolvimento do turismo, provoca a confluência espacial do mesmo tipo de indivíduos com um estilo de vida e características culturais semelhantes, que, no seu conjunto, formam uma matriz idêntica à dos referidos "enclaves", levantando, portanto, questões e significados semelhantes para o discurso da fragmentação do tecido urbano.

---

[90] O conceito de "subcultura" é explicado por Sarah Thornton, em contraposição com o termo "comunidade": "'Community' tends to suggest a more permanent population, often aligned to a neighbourhood, of whitch the family is the key constituent part. (...) By contrast, those groups identified as 'subcultures' have tended to be studied apart from their families and in states of relative transience. It is also often assumed that there is something innately oppositional in the word 'subculture'. (...) Subcultures are more often characterized as appropriating parts of the city for their street (...) and have come to designate social groups which are perceived to deviate from the normative ideals of adult communities." AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, p.74.

[91] O termo *gentrification* foi usado pela primeira vez pela socióloga inglesa Ruth Glass, em 1964, para designar o processo de transformação socio-espacial em que famílias de classe média, ao invés de continuarem nos subúrbios residenciais, iam morar nos bairros centrais de Londres, antigos e desvalorizados, resultando assim na modificação da composição social das áreas do centro histórico.

[92] Um dos casos emblemáticos é a cidade de Nova Iorque, estudada por autores como Neil Smith que afirma que o processo foi inicialmente espontâneo, como aconteceu no bairro *Soho*, motivado pela deslocação de intelectuais e artistas que se fixaram nas suas habitações. Renovada simbolicamente, a região passou a atrair novos moradores (de classe média e alta) e investimentos imobiliários, que implicaram o aumento de preços dos alugueres e do custo de vida em geral, resultando não só na expulsão dos antigos moradores de classe baixa, mas também, posteriormente, de alguns dos artistas pioneiros que atribuíram esse prestígio ao local.

[93] "gentrificação", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, http://www.priberam.pt/dlpo/gentrificação [consultado a 28-05-2014].

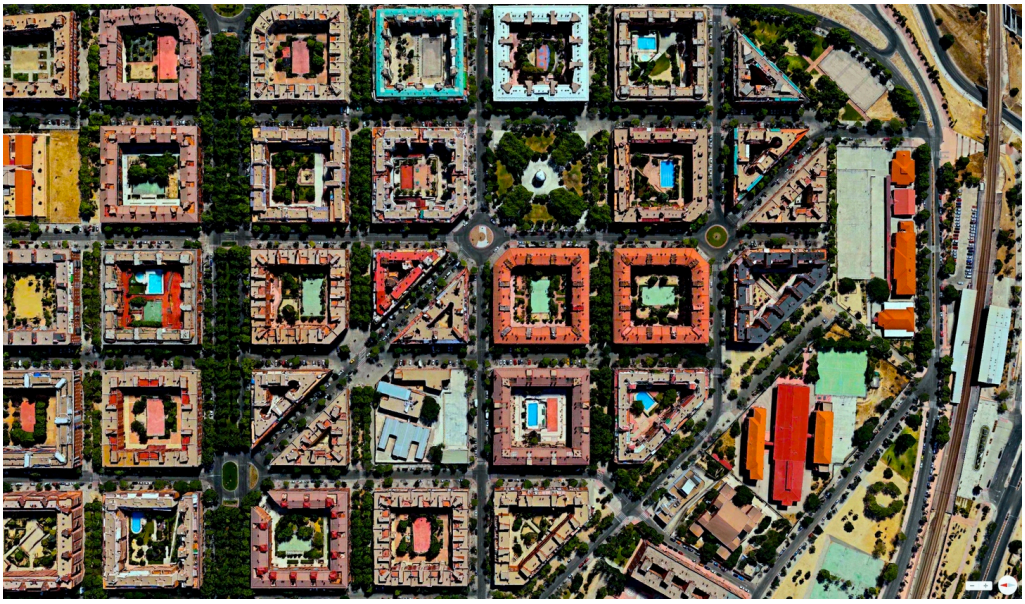


Fig. 18 – *Puente de Vallecas*, Madrid, Espanha, 2014.

Resumindo, a problemática despoletada pela relação entre "nós e eles" conduz a "uma justaposição exótica de mundos fechados e incomunicáveis"[94] no espaço da cidade. Através da filtragem social, agudiza-se a segregação sócio-espacial e assiste-se à emergência de estratégias de fortificação dos espaços, que acentuam os contrastes urbanos e reforçam a estrutura fragmentada da metrópole pós-moderna.[95]

Hoje, o mundo é visto como um "mosaico de culturas independentes"[96], e a cidade, sendo cada vez mais viva e plural, onde actuam vários planos de interesses, cria o cenário ideal para a propagação desta tendência, associada a uma natural ânsia de protecção, conforto e estabilidade pessoal e familiar. Este processo acontece, doravante e contrariamente ao que acontecia na cidade moderna, a uma escala pequena e pontual, conferindo à cidade um esquema de divisão social que se assemelha precisamente a um "mosaico"[97] constituído por "manchas homogéneas", mas diferenciadas entre si, à semelhança do princípio de planeamento funcional da cidade industrial.

Segundo Innerarity, esta fragmentação e diferenciação de zonas seccionadas por classes, leva à perda da cidade como um todo coeso e inter-relacional, que a par das tendências centrífugas e da especialização de funções e lugares, conduz à fragmentação da própria vida.

---

[94] INNERARITY, Daniel. *El Nuevo Espacio Público*, Editorial Espasa Calpe, Madrid, 2006, p.144.

[95] "Two further examples of political and comercial strategies for cultivating a city's image are those of gentrification and what is called New Urbanism. Both phenomena have again contributed their share towards the fragmentation of the contemporary city." EECKHOUT, Bart, JACOBS, Steven. *Recent Transformations of Urban Public Space*, in AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, p.101.

[96] INNERARITY, Daniel. *op.cit.*, p.145.

[97] Perter Marcuse refere-se à cidade contemporânea como "fragmented, mosaic-like appearance".

Arrastada pela diversidade, a fragmentação conduziu ao que o autor designa como a "era das diferenças entrelaçadas"[98], em que a cultura contemporânea se converteu numa sobreposição de modos de vida distintos e de comunidades distantes.

PRIVATIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

"Mais do que qualquer outro tipo de organização, a cidade é o lugar das descobertas e das surpresas, tanto agradáveis como desagradáveis"[99]. Todavia, com a crescente selectividade social, a vida pública perde surpresa, pluralismo e o grau de imprevisibilidade é reduzido. Condicionado aos bairros homogéneos e aos espaços e actividades já previamente seleccionados, o quotidiano de cada um empobrece, num cenário marcado pela falta de espontaneidade e de experiências inesperadas.

A separação, de um modo geral, apesar da aparência pacificadora com que se reveste, provoca, como referido, insegurança social, conduzindo, através destes processos, à progressiva privatização do espaço público. "O medo face aos de fora cresce na mesma proporção em que os bairros com grande homogeneidade étnica se separam do resto da cidade."[100] A cultura urbana perde assim a sua base social: "quando desaparecem os espaços de vida comum, desaparecem também as formas de sociabilidade que reuniam os diferentes componentes da sociedade"[101].

O processo de privatização, que caracteriza a cidade contemporânea, surge associado à tendência generalizada da fragmentação espacial e resulta da consequente falta de relação e contacto social entre os indivíduos em geral, e no espaço público em particular.[102] Historicamente, o desenvolvimento da cultura urbana está intrinsecamente relacionado com o nascimento da *polis* grega, lugar de encontro, discussão e debate político e social, vinculado a um espaço específico, o centro[103]. Porém, com o desenvolvimento da modernidade, da sociedade industrial, do crescimento social e da mobilidade, a cidade torna-se, utilizando a expressão de Bart Eeckhout e Steven Jacobs, uma *social network*, onde tudo se encontra virtualmente interligado através da tecnologia.[104] As distâncias encurtam, e a interligação de dados acelera através de redes invisíveis, que tão mais separam, do que aproximam.

---

[98] INNERARITY, Daniel. *El Nuevo Espacio Público*, Editorial Espasa Calpe, Madrid, 2006, p.145.

[99] HANNERZ, Ulf. *Cultural Complexity: Studies in Social Organization of Meaning*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1992, p. 173 (in INNERARITY, p.118).

[100] INNERARITY, Daniel. *op. cit.*, p.117.

[101] *Idem, ibidem*, p.118.

[102] BLAKELY, Edward J., SNYDER, Mary Gail. *Divided we fall: Gated and Walled Comunities in the United States*, in *Achitecture of Fear*, Nan Ellin (ed.), Princeton Architectural Press, Nova Iorque, 1997.

[103] "Cities were meeting-places." AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, p.88.

[104] Na análise sobre a "virtualização do espaço público", Eeckhout e Jacobs mencionam que o avanço tecnológico e as novas comunicações são também responsáveis pelo enfraquecimento dos laços entre os indivíduos e a sociedade, tornando secundária a utilização da rua. Actualmente, não é necessário estar num mesmo espaço para se partilharem ideias, fotografias, estabelecer conversas e até visualizar em tempo real os nossos amigos.



Fig. 19 – *Praça Nossa Senhora da Paz*, Ipanema, Rio de Janeiro.

Deste modo, a componente social do espaço público desvanece-se progressivamente, não só "devido à fragmentação e separação dos diversos grupos da sociedade multicultural, mas também pela imersão dos cidadãos no que David Harvey designou de 'compressão tempo-espaço' – uma compressão que resulta da aceleração dos sistemas de produção, distribuição, e consumo na economia, assim como da globalização do mercado"[105]. Os espaços urbanos foram assim sujeitos a um processo de privatização, cujo resultado levou à "desagregação da cidade pública" e à sua substituição por um sistema de âmbitos privados.

Esta organização urbana baseada na privatização e no desejo de protecção (material e pessoal), marcada pela criação de enclaves fortificados que interrompem a continuidade sócio-espacial do território, traduz-se num incentivo à (con)vivência em casa, o ambiente seguro por eleição. Também a acessibilidade às novas tecnologias, em particular o computador para uso doméstico, a par do crescimento do número de áreas privadas, contribuíram para a redução do "domínio público" da cidade. Assim, como observa Marc Augé[106], o espaço público tornou-se, maioritariamente, um espaço de trânsito/transição e passou, desde então, a ser encarado como um meio para determinado destino e não como um local de convívio e reunião.

Jonathan Manning, membro da *South-African Ikemeleng Architects*, descreveu o actual espaço público das cidades como "o vazio inútil que resta entre as pequenas bolsas do espaço privado. A comunicação entre os seres humanos, nesse vazio supérfluo e estéril, limita-se aos conflitos entre automobilistas e peões; entre ricos e pobres, sejam estes

[105] AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, pp.88-89.
[106] AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, 90º Graus Editora, Novembro 2005.

últimos os que pedem esmola ou os que vendem isto ou aquilo nos semáforos, às colisões entre veículos e transeuntes imprudentes, aos roubos-relâmpago, e ao furto de automóveis à vista do condutor."[107] Tudo isto faz com que os espaços públicos sejam lugares onde a atracção e a repulsa competem entre si, em proporções diferentes e rapidamente variáveis, conferindo um grau elevado de incerteza perante a respectiva permanência ou fruição.

Como resultado, verificou-se o agravamento das medidas de segurança e do desejo de controlar a ameaça do desconhecido, eliminando qualquer tipo de contacto com "o outro", recorrendo a recintos urbanos fechados e auto-defendidos, protegidos por barreiras, seguranças e sofisticados sistemas de detecção electrónica.

Colocou-se igualmente em prática processos de reorganização do espaço urbano que, genericamente, "impõem separações, constroem muros, estabelecem distâncias, segregam, impõem proibições, multiplicam regras de exclusão e [naturalmente] restringem movimentos"[108].

É evidente que o medo da violência urbana oferece uma plausível justificação, inteiramente apoiada na racionalidade, para que as pessoas se fechem contra a rua e encerrem o seu mundo. Contudo, o que no início parecia ser necessário e indispensável, viria a tornar-se um controlo obsessivo e constante com consequências nocivas para a experiência urbana.

OS ESPAÇOS VETADOS

Em *The Design of Spaces*, William Whyte aponta que a qualidade dos espaços pode ser calculada pelo conforto e conveniência do mobiliário urbano e na oferta de "locais para sentar".[109] Sendo assim, é curioso observar como a nova sociedade promove a vida privada, pautando o público por uma série de "espaços espinhosos", que demonstram e enfatizam a cidade como o lugar do medo e da insegurança.

Para ilustrar justamente este fenómeno, Mike Davis faz referência a *Skid Row*, uma área no centro de Los Angeles, oficialmente conhecida por *Central City East*, com o maior número de população sem-abrigo, de onde destaca os actuais bancos em forma de tubo das paragens dos autocarros, que para além de desconfortáveis, pois oferecem uma área mínima de apoio, tornam inviável a opção dos sem-abrigo poderem ali pernoitar.

---

[107] MANNING, Jonathan. *Racism in the Three Dimenssions: South-African Architecture and the Ideology of White Superiority*, Social Identities, Vol.10, nº4: (527-536), Janeiro 2004.

[108] CARDEIRA, Teresa. *Mundos Separados*, Urban Age, London School of Economics and Political Science, 2008.

[109] WHYTE, William H., *The Design of Spaces*, in *The City Reader*, Richard T. LeGates, Frederic Soul (ed.), Routledge, Londres, 2000.

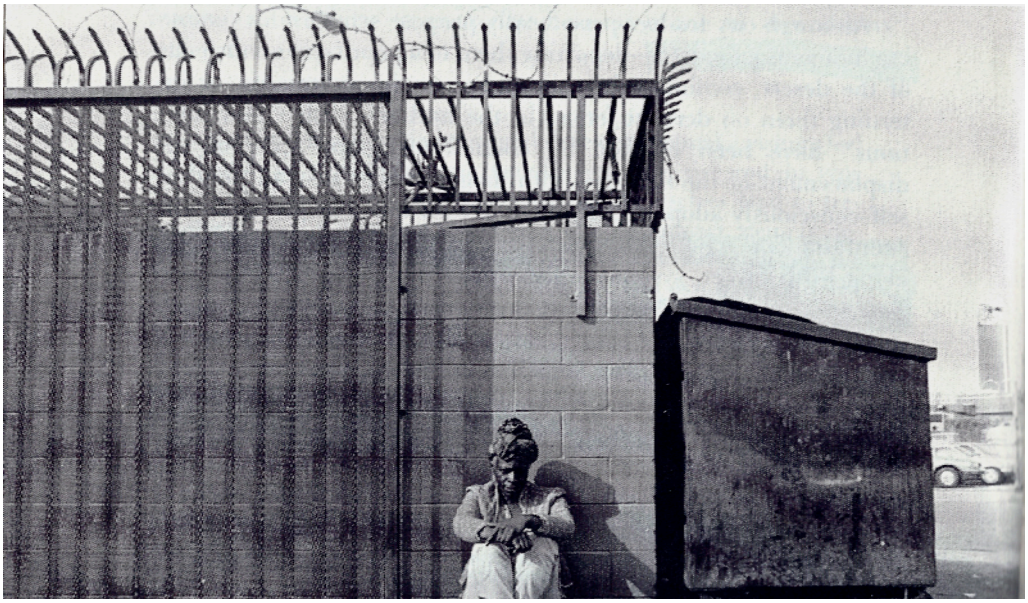


Fig. 20 – *Fortified Garbage*, Skid Row, Los Angeles, por Diogo Cardoso.

Como este, existem vários outros exemplos que dotam a cidade de espaços que visam impedir o acesso ou manter os indivíduos à distância, quer pela dissuasão ou pelo simples bloqueio da entrada, e que Steven Flusty identificou e designou por "espaços vetados" (*Interdictory Spaces*)[110]. Segundo Flusty, estes espaços têm uma expressão significativa no actual desenho urbano das cidades dos Estados Unidos e representam o sector mais vanguardista da arquitectura norte-americana.

Destinados a interceptar, repelir ou filtrar os eventuais intrusos, Bauman acredita que a finalidade de tais espaços, "não é senão dividir, segregar e excluir; e, de modo algum, a de construir pontes, acessos e lugares de encontro que facilitem a comunicação e aproximem os habitantes da cidade."[111]

Entre as estratégias arquitectónicas e urbanísticas que Flusty menciona, Bauman destaca o "espaço fugidio", um espaço camuflado, sem vias de acesso ou cuja acessibilidade é dificultada pela sua extensão e/ou fraca visibilidade perante a rua; o "espaço espinhoso", que não convida à permanência nem permite usufruir descomprometidamente do local, pois é defendido por um certo tipo de dispositivos arquitectados para afastar os vagabundos[112]; e o "espaço do medo", onde não se pode entrar sem passar despercebido, dada a vigilância permanente de alarmes e seguranças.

[110] FLUSTY, Steven. *Building Paranoia*, in *Architecture of Fear*. Nan Ellin (ed.), Princeton Architectural Press, Nova Iorque, 1997.

[111] BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006, p. 38.

[112] Mike Davis refere como exemplo a utilização de aspersores que são activados em intervalos de tempo e obrigam qualquer um a retirar-se. Estes dispositivos foram aplicados essencialmente nos parques "públicos" para impedir que os sem-abrigo se fixassem nas mais variadas zonas e nos bancos disponíveis durante a noite.

Estes e outros tipos de espaços vetados aliciam Bauman a estabelecer uma analogia com a cidade medieval, identificando-os como os equivalentes modernizados dos antigos fossos, torreões e bocas de canhão das antigas muralhas dos castelos.

Independentemente do paralelismo, a verdade é que a crescente onda de medo transformou a maioria dos espaços públicos em lugares controlados e vigiados.[113] No continente americano, esta realidade foi enfatizada por uma série de estratégias que passaram a condicionar a permanência e o usufruto dos indivíduos na cidade, convertendo a acessibilidade generalizada, própria dos espaços públicos, em acessibilidade selectiva.[114]

Estas estratégias, ora agressivas e impositivas, ora ligeiras e dissuasivas, além da sua eficácia, têm como objectivo separar realidades do território contínuo da cidade e erigir pequenas fortalezas que servem o poder privado em prol da independência física e do isolamento.

As cidades brasileiras, desenvolvidas com base no contraste e na distância social, são um exemplo claro de um desenvolvimento urbano baseado na obsessão por estes mecanismos de protecção e exclusão. No Rio de Janeiro, por exemplo, apesar da existência de várias praças entre os quarteirões dos diversos bairros da cidade, estas são praticamente todas cercadas, e a existência de portões, que são fechados a determinadas horas, impõem restrições de utilização. Os gradeamentos estendem-se ao longo de todos as avenidas e galgam os passeios, interrompendo a sua continuidade.

Em suma, sendo parte constituinte do desenho das novas áreas da metrópole contemporânea, os "espaços vetados" resumem, de certa forma, os valores que se institucionalizaram na sociedade e, para Bauman, são os pontos de referência responsáveis pela desintegração da vida comum e outrora solidamente estabelecida.[115]

Das inúmeras soluções que visam segregar espaços e relações sociais, encontram-se os condomínios fechados, que reúnem grande parte das estratégias de fortificação implementadas actualmente no espaço público.

---

[113] Amendola explora as principais tipologias do espaço público selectivo, que se identificam directamente com os espaços vetados de Flusty. Considerando como base o "espaço fugidio", Amendola distingue o espaço que é defendido pela invisibilidade (*Stealthy Space*), que prima por dissimular a entrada; o espaço defendido pelo labirinto, com vias de acesso complicadas; e o espaço blindado, cercado por barreiras como grades, redes ou vegetação e utilizadas sobretudo em parques como o Hancock Park em Los Angeles. Amendola aponta também o "espaço incómodo" e o "espaço que provoca ansiedade" que são outras designações para o "espaço espinhoso" e o "espaço do medo" respectivamente.

[114] O objectivo destes mecanismos é impedir "(...)qualquer tentativa, por parte dos sem-abrigo e dos seus aliados, de criar refúgios ou acampamentos auto-governados". DAVIS, Mike. *Fortress Los Angeles: The militarization of Urban Space*, in *Variations on a Theme Park: The New American City and the end of Public Space*, Michael Sorkin (ed.), Hill and Wang, New York, 1992, p.164.

[115] BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006, p.39.

Sendo assim, os condomínios fechados, expressão da privatização e consequência do ambiente urbano supra descrito, irão tornar-se no reflexo das "tensões entre as noções de responsabilidade cívica e as aspirações de exclusão enraizadas no medo e na protecção de privilégios; entre a tendência para a privatização dos serviços públicos e os ideais do bem público e do bem-estar geral; e [ainda] entre a necessidade de controle pessoal e comunitário do ambiente e dos perigos gerados pelos estranhos à comunidade."[116]

[116] BLAKELY, Edward J., SNYDER, Mary Gail. *Divided we fall: Gated and Walled Comunities in the United States*, in *Achitecture of Fear*, Nan Ellin (ed.), Princeton Architectural Press, Nova Iorque, 1997.

2.1.2 ENTRE MUROS E COMUNIDADES FECHADAS

"PROVAVELMENTE, MAIS NENHUMA OUTRA FORMA URBANA É, AO MESMO TEMPO, TÃO ANTIGA E TÃO CONTEMPORÂNEA COMO SÃO OS MUROS." [117]

DANIELA VICHERAT MATTAR

Historicamente, a urbanidade foi sempre definida pela presença de "muros" e limites, como foi exposto na primeira parte. Com mais ou menos impacto ao longo do tempo, os "muros" foram-se destacando como elementos importantes e decisivos na organização e estruturação da vida urbana, influenciando diversos sectores da sociedade.[118] Tanto geógrafos e urbanistas, como historiadores e teóricos interpretam os muros como uma espécie de artefactos que moldaram territórios, conflitos e possíveis soluções, bem como a liberdade dos cidadãos, especialmente em termos de expressão e mobilidade. Podemos assim considerar a existência de "novos muros" na cidade contemporânea, símbolos não apenas da ordem urbana, mas também reguladores de rígidas barreiras, que converteram a cidade no palco de complexos processos de identificação, imiscuindo a sua presença na estratificação social e intensificando a eterna separação entre os considerados "membros na sociedade", e os excluídos dela ou identificados como ameaça.

No entanto, apesar da presença constante na cidade, nem sempre o "muro" desempenhou o mesmo papel ou teve a mesma interpretação e relação com o território urbano. Num artigo intitulado *Walls of Fear and Walls of Support*, Peter Marcuse ironicamente observa como o novo traçado urbano representa uma mudança dos anteriores padrões de construção e estabelece uma comparação com o legado medieval, exaltando as diferenças que conferem sentido ao título: "enquanto que a cidade medieval era cercada por um muro [*walls of support*], a cidade contemporânea é internamente dividida por muros pontuais [*walls of fear*]"[119].

Desde as formações territoriais da Europa medieval, Marcuse acredita que têm sido raros os casos em que o muro, de facto, circunscreve uma determinada área homogénea da cidade. Actualmente, os "novos muros", entendidos como barreiras sociais e não apenas meras delimitações de espaço, existem em conjunto com as diversas partes da cidade, definindo a essência de cada uma e a posição dos seus residentes na hierarquia social.

---

[117] MATTAR, Daniela Vicherat. *Urban Planet, Walled World: Questioning the nature of the Urban Bond*, Marie Curie Fellow, School of History, University of Edinburgh, p.2.

[118] Destaca-se aqui uma nuance relativamente à palavra "muro" que surge simultaneamente ao longo da tese com e sem aspas. Quando se fala em "muros" por vezes referimo-nos ao seu sentido figurado, tentando abarcar as divisões em geral e as barreiras físicas e virtuais a que a sociedade está sujeita diariamente. Consideramos que existe o "muro" que divide inúmeras realidades no espaço urbano e o muro específico de uma propriedade com o carácter semelhante da muralha medieval. Ambos contribuem para a organização da cidade e estruturação da vida em sociedade.

[119] AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, p.95.



Fig. 21 – *Muro em Liesen Street*, West Berlin, 23 de Agosto 1961.

O mesmo autor explica que se vive actualmente em sociedades cuja prosperidade de uns é normalmente baseada na pobreza de outros, por isso, "muros" e vedações em geral terão sempre uma presença mais ou menos expressiva na configuração do ambiente urbano. Uns representam o desejo das classes mais pobres em se isolar de mais perdas; outros representam a capacidade dos mais poderosos em se isolarem da necessidade de partilhar, ou de se exporem, às restantes classes sociais. "Um muro defende a sobrevivência, o outro protege privilégios."[120]

Deste modo, os "muros" actuais são entendidos como "fronteiras simbólicas, que delimitam unidades individuais semelhantes e definem o seu carácter"[121]. São metáforas comuns da divisão "pseudo-ideológica" da sociedade e gestos concretos de segregação.

Ao longo do tempo, e resultante da combinação entre o agravamento dos processos de privatização e o clima de instabilidade vigente, a sociedade foi ficando cada vez mais obcecada, desde logo, com limites de propriedade; onde os espaços terminam e onde começam, o que está incluído ou excluído, quem pertence a ambos os lados e quem não faz parte de nenhum. Na "batalha" arquitectónica e urbanística contra o medo, certas "linhas" foram traçadas e, segundo Marcuse, deram origem a cinco tipos diferentes de "muros", que acredita definirem as diversas partes que constituem a cidade contemporânea.

[120] MARCUSE, Peter. *Walls of Fear and Walls of Support*, in *Architecture of Fear*, Nan Ellin (ed.), Princeton Architectural Press, Nova Iorque, 1997, p.109.
[121] Idem. *Not Chaos, but Walls: Postmordernism and the Partitioned City*, in Postmodern Cities & Spaces, S. Watson, K. Gibson (eds), Blackwell, 1995, pp. 243-253.

Marcuse enumera assim: as *prison walls*[122], que definem guetos[123] e locais de reclusão, construídas para controlar aqueles que são forçados a viver atrás delas e que caracterizam a "cidade abandonada", como é o caso de *Skid Row* em Los Angeles; *walls of protection*, que definem simplesmente uma área circunscrita pelo mesmo tipo de habitação, ou frequentada por indivíduos semelhantes, como estudantes por exemplo, e que corresponde ao "bairro" (zona habitacional); *walls of aggression*, representadas por barreiras simbólicas que privilegiam as classes elevadas, como é o caso das "áreas de gentrificação"; *stucco walls* que delimitam as comunidades privadas e excluem por razões de estatuto social e controlo local, e que correspondem à "cidade suburbana"; e por último, *walls of domination*, como as muralhas e fortificações das antigas cidadelas, que correspondem à "cidade dominante" e que expressam superioridade, representada actualmente pelos apartamentos e *penthouses* dos pisos superiores dos arranha-céus, que substituíram, na cidade, as mansões da classe mais alta, protegidas por mecanismos electrónicos e dispositivos de segurança.

Resumindo, os muros representam, de certa forma, a materialização concreta e simbólica dessas divisões sociais urbanas, que, paradoxalmente, formam a unidade espacial da cidade. Essas divisões também são sentidas pelo significado que ambos os lados incorporam e que difere drasticamente de um para o outro.

Tadao Ando foi explícito ao considerar o impacto que a colocação de um muro ou qualquer outro obstáculo tem para o contexto em geral, e salienta, sobretudo, a ambiguidade adjacente à sua condição, que é, simultaneamente, interior e exterior.[124] Se por um lado o muro transmite segurança, por outro oprime e exclui. Pode providenciar privacidade, mas ser ao mesmo tempo concebido para limitar outros e segregar. Peter Marcuse afirma, em *Walls of Fear and Walls of Support*, que "os muros representam, actualmente, poder, mas também representam isolamento; representam segurança, mas ao mesmo tempo medo"[125].

Esta condição ambivalente não é, contudo, acidental. O ambiente construído "não é mero palco onde a violência acontece, mas antes, um elemento que estimula essa violência. E faz isso a cada vez que ergue um muro que menos protege do que segrega."[126]

---

[122] Dada a dificuldade de tradução literal deste e dos restantes termos, sob pena de se perder parte do sentido atribuído por Marcuse, optou-se por manter as expressões inglesas.

[123] O termo "gueto" é utilizado para designar uma zona ou um bairro formado por um grupo minoritário, confinado àquele espaço por imposições económicas, raciais e/ou sociais.

[124] "A parede, por vezes, possui um poder que confina com violência: divide o espaço, transforma um lugar, define um novo território; componente fundamental da arquitectura, da parede podem tirar-se, também, efeitos positivos. Mas, para muitos, as paredes evocam associações de signo negativo: recordam de imediato o recinto de uma penitenciária, ou acontecimentos que separam, física e psicologicamente, um interior de um exterior." DAL CO, Francesco. *Tadao Ando: as obras, os textos, a crítica*, Dinalivro, 1ª edição, Lisboa, 2001, p.449.

[125] MARCUSE, Peter. *Walls of Fear and Walls of Support*, in *Architecture of Fear*, Nan Ellin (ed.), Princeton Architectural Press, Nova Iorque, 1997, p.104.

[126] LEITÃO, Lúcia. *Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios Gilbertianos*, Editora Universitária, Recife, 2009, p.107.



Fig. 22 – Houston, Texas. Devido ao rápido crescimento urbano e à dependência do automóvel, grande parte dos loteamentos do centro foram apropriados como estacionamento. | Fig. 23 – Phoenix, Arizona.

Como foi analisado, Mike Davis ilustra que o medo da violência urbana teve um impacto notório na forma e na arquitectura da metrópole contemporânea. Esse medo, para além de ter provocado o agravamento do processo de privatização do espaço público, originou ainda o aparecimento de um novo *layout* urbano, descrito por Jacobs e Appleyard como "fechado, defendido por ilhas com fachadas brancas e sem aberturas, cercado por terrenos desperdiçados com estacionamento e vias rápidas"[127], onde as vedações desempenham um papel categórico.

Os mais extremos exemplos de privatização do espaço são precisamente aqueles onde certas partes da cidade são fisicamente separadas (*walled off*) de outras. De um modo geral, na realidade americana, mais do que na realidade europeia, o actual espaço urbano é caracterizado pelo fenómeno designado de "wallification"[128].

Embora o impacto mediático da queda do muro de Berlim tenha incutido na sociedade uma certa rejeição consensual quanto à presença de muros, a formação de guetos ou comunidades segregadas dentro das cidades demonstram precisamente o contrário. Observa-se, em geral, que a arquitectura da cidade contemporânea assemelha-se cada vez mais com uma fortaleza blindada, física e simbolicamente protegida, com vigilância e expressivas estratégias defensivas. A "arquitectura do medo" estendeu-se assim dos locais públicos da cidade (espaços vetados) para a própria construção, enfatizando, claramente, a separação entre o espaço privado e o exterior.

[127] AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, p.95.

[128] Expressão utilizada por Bart Eeckhout e Steven Jacobs, que sintetiza a tendência de enclausurar, através de muros (walls), as diferentes realidades urbanas, gerando um espaço urbano fragmentado em diversos núcleos fechados.



Fig. 24, 25, 26 – *Loyola Law School*, Los Angeles, Frank Ghery, 1984.

Frank Gehry foi um dos arquitectos que soube responder engenhosamente à demanda por segurança desta nova sociedade amedrontada pelo perigo. O seu cunho mais evidente é a exploração do ambiente urbano áspero e a incorporação explícita de uma barreira física e afirmativa.[129]

Como exemplo, Mike Davis menciona a *Loyola Law School* (1984) em Los Angeles, e aponta ainda o *Danziger Studio*[130] (1964) em Hollywood, onde Gehry se debateu com o problema da inserção de espaços luxuosos em bairros decadentes. Neste caso, a solução passou por revelar à rua uma simples fachada maciça, "rude" e sem polimento, de forma a demonstrar o desgaste do tempo e das circunstâncias, enquadrando, desta forma, a obra no meio do bairro pobre, e dissimulando o luxo dos espaços interiores.[131]

De acordo com Bauman, as "construções que se mascaram", são uma tendência cada vez mais em voga da arquitectura guiada pelo medo, e tanto podem demonstrá-lo assumindo uma forma exterior despojada, cujo aspecto de fortaleza se torna evidente, como optando pela ostentação quase autoritária de enfeites berrantes.[132] Tal como Gehry, Brian Murphy também construiu uma casa, em Venice, com fachadas sem janelas, de chapa ondulada, semelhantes à de um *bunker*.

---

[129] "His work clarifies the undertying relations of repression, surveillance, and exclusion that characterize the fragmented landscape of Los Angeles." DAVIS, Mike. *Fortress Los Angeles: The militarization of Urban Space*, in Variations on a Theme Park: The New American City and the end of Public Space, Michael Sorkin (ed.), Hill and Wang, New York, 1992, p.167.

[130] "His Danziger Studio in Hollywood is the pioneer instance of what has become an entire species of Los Angeles 'stealth houses,' which dissimulate their opulence behind proletarian or gangster facades." *Idem, ibidem*.

[131] "Gehry was explicit in his search for a design that was 'introverted and fortresslike', with the silent aura of a 'dumb box'." *Idem, ibidem*.

[132] BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006, p.61.



Fig. 27, 28, 29 – *Danziger Studio*, Hollywood, Frank Ghery, 1964.

Estas “caixas mudas” (*dumb boxes*), expressão atribuída por Davis, são demonstrativas de uma forte atitude e de uma vontade ainda maior em proteger o espaço, que já é privado, e enclausurar entre muros os indivíduos, num interior intencionalmente criado para um grupo específico. Em ambos os casos citados é visível o contraste entre um exterior fortificado, bruto e inóspito, e um interior marcado por opulência e pátios que desenham a relação (condicionada) com o exterior.

No entanto, a característica constante destas estratégias não se resume à sua eficácia prática, mas também à forte visibilidade. A sua presença marca, intencionalmente, a ruptura com o espaço contínuo da cidade e representa/figura o limite entre o espaço privado (de um determinado grupo) e o espaço público. Este limite, como verificou numa investigação Alice Coleman[133], deve ser muito evidente, pois a violência e o vandalismo, tendem a aumentar precisamente onde o limite não é claro.

COMUNIDADES FECHADAS

A tendência de fortificar a propriedade privada, a par da obsessão pela segurança, conduziu, portanto, a diversos modelos de exclusão e isolamento. A forma mais comum de “muralha defensiva”, cada vez mais em voga, são os condomínios residenciais fechados, onde a segurança é enfatizada através de vedações e sistemas de vigilância.[134] Segundo Edward Blakely e Mary Gail Snyder[135], desde o final de 1980 que as vedações

[133] COLEMAN, Alice. *Utopia on Trial: Vision and Reality in Planned Housing*, Hilary Shipman, Londres, 1985.

[134] “The tendency towards walling off private property and the obsessional attention to secutity and control have found their most extreme expression in the must-publicitized phenomenon of the ‘gated community’.” AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, p.95.

[135] BLAKELY, Edward J., SNYDER, Mary Gail. *Divided We Fall: Gated and Walled Comunities in the United States*, in *Architecture of Fear*, Nan Ellin (ed.), Princeton Architectual Press, Nova Iorque, 1997.

(portas, muros, grades) se tornaram uma presença constante no continente americano, e defendem que actualmente as novas cidades são constantemente construídas com base na separação de núcleos urbanos.

Segundo os autores, a maior concentração de condomínios é encontrada nas periferias das grandes cidades como Nova Iorque, Chicago, Los Angeles, Houston, Phoenix e Miami. No entanto, não se pode considerar um fenómeno exclusivo da América, visto que as comunidades fechadas são parte resultante da tendência generalizada da "suburbanização" e têm as suas raízes em diversas experiências urbanas ao longo do tempo, resultando, sobretudo, de condicionantes e restrições impostas pela cidade contemporânea e de influências várias da história do urbanismo em termos morfológicos, organizativos e sociais.[136]

Pode-se associar as primeiras comunidades fechadas às antigas cidades fortificadas, tendo em conta a associação estabelecida com a cidade medieval.[137] Desde sempre houve a necessidade de defesa em relação ao exterior e aos estranhos à comunidade, por isso, tendo em vista a procura de refúgio em locais seguros, o Homem sempre se "escondeu" atrás de portões, muros e muralhas. Tadao Ando inclusive afirma que "acolher o que é desejável e rejeitar aquilo que se teme" são atitudes que configuram "o mais elementar modo de estar dos seres humanos, o habitar."[138]

Contudo, se no início se tratava de uma defesa de natureza militar, com a evolução dos tempos, essa defesa foi acompanhada por um carácter "social", ou seja, de protecção ou segregação em relação a determinados grupos sociais. Na verdade, nem as fortalezas, nem as aldeias, nem as vilas muradas, ou as casas muçulmanas (com fachadas sem janelas), constituem enclaves urbanos com o sentido identitário das actuais comunidades fechadas. Apenas com a evolução urbana, o avanço do capitalismo e o aumento da segregação, típico da cidade contemporânea, foi possível a propagação e o êxito deste fenómeno.

No seu estudo, Blakely e Snyder definem os condomínios como "áreas residenciais com acesso restrito onde os espaços públicos são normalmente privatizados"[139]. Assim, sendo a privatização uma das suas principais características, o aparecimento e a expansão dos

---

[136] "The need for gates and walls is also created and encouraged by changes in the social and physical structure of the suburbs. The suburbs are becoming urbanized, such that many might now be called, in Mike Davis's term, "outer cities," places with many of the problems and pathologies formerly thought to be restricted to big cities." BLAKELY, Edward J., SNYDER, Mary Gail. *Divided We Fall: Gated and Walled Comunities in the United States*, in *Architecture of Fear*, Nan Ellin (ed.), Princeton Architectual Press, Nova Iorque, 1997.

[137] "(...) gated communities seem to represent a postmodern variant of medieval feudalism. The image of guards at gates, of walls, moats, and drawbridges perfectly ties in with the metaphor of the New Middle Ages (...)" AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999, p.96.

[138] DAL CO, Francesco. *Tadao Ando: as obras, os textos, a crítica*, Dinalivro, 1ª edição, Lisboa, 2001, p.449.

[139] BLAKELY, Edward J., SNYDER, Mary Gail. *Divided We Fall: Gated and Walled Comunities in the United States*, in *Architecture of Fear*, Nan Ellin (ed.), Princeton Architectual Press, Nova Iorque, 1997.



Fig. 30 – *Private London*: Portões em Bedford na entrada para a Gordon Square em Taviton Street, Londres (século XIX).

condomínios parece corresponder à reedição de um fenómeno cujos antecedentes reportam para as praças residenciais britânicas (século XVIII), privatizadas por grupos de residentes. Estas praças residenciais constituem um primeiro indício de um modelo urbano em que confluem características próprias das comunidades fechadas como a segregação social, a privatização do espaço público e o uso exclusivo.[140]

Pode-se ainda atribuir a origem das comunidades fechadas a uma outra forma urbana do século XIX – o subúrbio anglo-americano, idealizado no modelo de "Cidade Jardim" de Ebenezer Howard (1850-1928). Se no caso das praças britânicas há uma apropriação do espaço público e a introdução de um tipo de segregação social, neste caso, a forma organizativa deste modelo pode ser interpretada como um antecedente da actual organização interna das comunidades fechadas. Segundo Rita Raposo, os elementos em comum entre os dois casos "são a propriedade e o governo privados de todo o solo da cidade, o carácter autocontido (mas não fechado, no ideal de Howard), o planeamento geral e o desprezo do tecido urbano existente (...)"[141].

Apesar de poderem ser apontadas algumas semelhanças formais entre os condomínios fechados e a visão e Howard, as diferenças são seguramente em maior número e mais significativas. Actualmente, os condomínios fechados "não são um fenómeno isolado, mas a versão residencial de uma forma de segregação nas cidades contemporâneas."[142] Os

[140] Encontra-se no século XVIII os primeiros modelos urbanos com este carácter privado, nomeadamente na cidade de Londres. O objectivo era impedir o livre atravessamento de determinadas áreas – zonas residenciais com "elegantes casas Georgianas" – que normalmente pertenciam às classes mais elevadas da sociedade londrina. As ruas eram assim barradas através de portões que impediam o tráfego originário de zonas com menos reputação.

[141] RAPOSO, Rita. *Condomínios Fechados, tempo espaço e sociedade: uma perspectiva histórica*, Cadernos Metrópole, v.14, nº27: (171-196), São Paulo, jan/jun 2012, p.176.

[142] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.258.

condomínios, fortificados por sistemas cada vez mais sofisticados de defesa e vigilância, cultivam um relacionamento de negação e ruptura com o resto da cidade, tentando construir "ilhas" de ordem, racionalidade e tranquilidade no meio do caos social e urbano.

De acordo com Blakely e Snyder existem três tipologias distintas de comunidades fechadas: as comunidade de estilo de vida (*lifestyle communities*), que oferecem actividades de lazer, como o golfe, e equipamentos diversos dentro dos limites do empreendimento que normalmente é vedado; as comunidades de prestígio[143] (*prestige communites*), que não possuem equipamentos recreativos, mas conferem estatuto social, criando um lugar seguro para os residentes, cujos portões representam distinção e notoriedade; e as comunidades de segurança (*security zone communities*), em que o objectivo é garantir a máxima segurança dos seus habitantes, erguendo portões e muros num acto de defesa contra as zonas exteriores consideradas ameaçadoras.

Em conjunto, os três modelos utilizam uma variedade de estratégias defensivas e exclusivas para responder aos interesses de determinados cidadãos. Segundo os autores, os tipos e os sub-tipos de comunidades fechadas reflectem, com maior ou menor importância, certos valores sociais que vão desde o sentido de comunidade, a exclusão ou separação do exterior, a privatização ou o controlo interno de serviços colectivos, à busca por estabilidade e de homogeneidade social.

Sendo as cidades de hoje associadas ao perigo, os condomínios fechados apresentam-se como uma alternativa, em que o "terrível" mundo exterior é barrado, assim como as "classes perigosas" que nele habitam. É a distância em relação ao exterior, prometida pelos dispositivos de segurança e a densa rede de câmaras de vigilância, que torna as comunidades cercadas tão atraentes e procuradas. "O que os seus moradores estão dispostos a comprar (...) é o direito de manter-se à distância e viver livre de intrusos."[144]

O ESPAÇO DA ELITE

Não obstante, segundo Teresa Caldeira, cercas, grades e muros são essenciais na cidade de hoje não só por razões de segurança e segregação, mas também por razões estéticas e de estatuto social. A autora afirma que todos os elementos associados à segurança se tornaram parte de uma nova forma de distinção, transformando a segurança num símbolo de *status* e em afirmações claras da posição social dos respectivos residentes. A sofisticação dos sistemas de vigilância e a separação enfatizada pelas vedações dos actuais condomínios tornaram-se elementos simbólicos de distinção e de expressão de personalidade.

[143] Esta forma de comunidade é a mais comum nos EUA. Estes conjuntos constituem modelos para as restantes comunidades fechadas.

[144] BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*, Jorge Zahar (ed.), Rio de Janeiro, 2003.



Fig. 31 – *Acesso a uma comunidade fechada em Scottsdale, Arizona.*

Nesta sequência, os condomínios, espaços de prestígio associados quase exclusivamente às classes altas da sociedade, "oferecem uma nova maneira de estabelecer fronteiras entre grupos sociais, criando novas hierarquias entre eles, e, portanto, organizando explicitamente as diferenças como desigualdade."[145]

O ideal do condomínio fechado é a criação de uma ordem privada na qual os moradores possam evitar muitos dos problemas da cidade e desfrutar de um estilo de vida alternativo com pessoas do mesmo grupo social.[146] O morador do condomínio é assim homogeneizado antes mesmo de existir. Os espaços são projectados de acordo com uma série de padrões entendidos como "socialmente correctos" e, com eles, é vendida uma forma de vida urbana, onde se cultivam valores simples como a paz, tranquilidade, segurança e silêncio que, em conjunto, constituem o mote de diferenciação das grandes aglomerações da cidade.

Além da busca por estatuto social, a motivação principal dos moradores parece residir na possibilidade de negar a cidade estando, contudo, dentro dela, aproveitando o que nela se deseja e desprezando aquilo que se teme. Cria-se praticamente uma pequena cidade, uma "micro-cidade defensável", que desafia o espaço contínuo da metrópole e estabelece limites físicos impositivos. No condomínio, até o que é "público" (ruas, praças, parques) é privado, porque exclui e fecha-se à cidade, sem deixar espaço a dúvidas ou contradições.

---

[145] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.259.

[146] "A atracão da comunidade dos sonhos comunitários se funda na promessa da simplificação: levada a seu limite lógico, simplificação quer dizer muita mesmice e um mínimo de diversidade. A simplificação oferecida só pode ser atingida pela separação das diferenças: reduzindo a probabilidade de que se encontrem e estreitando o alcance da comunicação." BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*, Jorge Zahar (ed.), Rio de Janeiro, 2003, p.131.

Porém, ao construir uma realidade intra-muros, que limita, logo à partida, não só o espaço a que se confina, como as pessoas a quem se destina, a diversidade, condição indispensável da vida urbana, é deixada extra-muros. Proposto como um espaço auto-sustentável, ordenador de todo o caos, o condomínio fechado apresenta assim características anti-urbanas. O espaço é concebido para um Homem modelo e baseia-se numa solução universal, independente das condições locais, o que significa que pode ser arquitectado em qualquer lugar, em qualquer cidade.

Por serem espaços fechados cujo acesso é controlado privadamente, ainda que tenham um uso colectivo ou semi-público, alteram significativamente o carácter do espaço urbano. Na verdade, criam um espaço que contradiz directamente os ideais de heterogeneidade, acessibilidade e igualdade, que supostamente deveriam qualificar os espaços públicos. Assim, ao tentar simplificar o que é complexo, num esforço de "encolher" a realidade para ser mais fácil controla-la, o condomínio agrava consequentemente o que propunha resolver: o caos urbano. Em suma, de "solução" torna-se problema, símbolo da fragmentação espacial e da desarticulação urbanística que caracteriza as cidades actuais.

Afinal, numa sociedade onde discriminação e hierarquias assumem formas tão vincadas, o discurso e as práticas da violência teriam necessariamente de se projectar no espaço urbano. Conjugando a segurança privada e o mito da possibilidade de isolamento auto-suficiente, os novos condomínios residenciais, verdadeiros enclaves fortificados, conduzem à diminuição progressiva da esfera pública.

Deste modo, considerando que o paradigma espacial contemporâneo é a "ilha", podemos afirmar que os "muros" são uma das formas urbanas que expressam os valores da sociedade contemporânea, e são encarados como solução imediata para muitos dos conflitos sócio-espaciais da metrópole.

E o problema é precisamente esse: com esta filosofia e método de construção de cidade, as cidades contemporâneas cultivam um tipo de espaço que não é abrangente nem projectado com base no convívio com a diferença, e que ao invés, adopta a desigualdade e a separação como valores estruturantes. A obsessão por limites é crescente e, desta forma, a conjectura actual traduz-se numa fuga da cidade, que acaba por subverter a sua própria definição de espaço público aberto a todos, caracterizado pela heterogeneidade das relações e pela sociabilidade entre as diferentes classes, com seus respectivos conflitos e complementaridades.

Estamos perante cidades de muros e de enclaves fortificados, cidades que Teresa Caldeira define como "de fronteiras fixas e espaços de acesso restrito e controlado".[147]

[147] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.308.



Fig. 32 – Sem título, Limbo (série fotográfica), 2014.

Sendo assim, a expansão dos enclaves fortificados, entre eles os condomínios fechados, representa uma das principais características da dinâmica metropolitana contemporânea, encontrada nas principais metrópoles mundiais.

Nesse sentido, é preciso discutir quais as consequências de um tipo de moradia que subverte a relação entre o público e o privado, deslocando para o âmbito privado a solução de problemas que são colectivos e deveriam, portanto, ser resolvidos colectivamente, no espaço público. O fortalecimento de uma cidadania privada, a visão da cidade como espaço do caos, do desconhecido e do perigoso, do barulho, da confusão, da poluição, assim como a do espaço privado enquanto um "paraíso", com regras conhecidas, claras e onde só entram pessoas confiáveis (da mesma classe social) têm contribuído para caracterização da actualidade e respectiva deserção e "esvaziamento" do espaço urbano.



PARTE III

MUROS | o fenómeno dos condomínios fechados no Brasil

3.1 A CIDADE BRASILEIRA

3.1.2 SEGREGAÇÃO E EXCLUSIVIDADE: O REFLEXO DO AMBIENTE HOSTIL NA VIDA URBANA E NA FORMA DE HABITAR BRASILEIRA

"A CIDADE EXPRESSA COM RELATIVA CLAREZA, A ORGANIZAÇÃO ESTRUTURADA EM CLASSES SOCIAIS, TORNANDO PERCEPTÍVEIS AS DIFERENÇAS DE RENDIMENTO E PRESTÍGIO. (...) O ISOMORFISMO ESPAÇO/SOCIEDADE É AINDA MUITO CLARO NOS EXTREMOS: OS MUITO RICOS E OS MUITO POBRES SÃO VISÍVEIS ESPACIALMENTE, A CIDADE ENFATIZA E ORGANIZA AO MESMO TEMPO A SUA CONDIÇÃO SOCIAL." [148]

GIANDOMENICO AMENDOLA

A segregação social e espacial tem sido uma característica importante e marcante das cidades.[149] Por espelhar as diferenças económicas, étnicas, sociais e culturais no território, e por se tratar de um dado crucial da contemporaneidade, a segregação é objecto de reflexão por parte de urbanistas, arquitectos e sociólogos desde a primeira metade do século XX.

Para Teresa Caldeira, as regras que organizam o espaço urbano são sobretudo padrões de diferenciação social e de separação étnica. No entanto, essas regras, que variam tanto cultural como historicamente, revelam as normas que regem a vida pública e indicam como se processa a interacção dos grupos sociais no espaço da cidade.

No Brasil, o fenómeno da segregação é discutido mais intensamente desde 1970, assim como em toda a América Latina, quando se acentuou a urbanização das respectivas cidades. O processo de urbanização teve como principais componentes a sua velocidade, extensão e profundidade, acompanhado e influenciado pela industrialização, que acelerou devido ao desenvolvimento global. A urbanização brasileira, nas palavras de Luiz Queirós Ribeiro, é "caracterizada pelo permanente e crescente descompasso entre o lento crescimento das cidades e a veloz expansão das suas margens"[150], expressando fortemente o processo de "desruralização" da sociedade, mais do que a generalização da forma urbana. Assim, a população urbana cresceu rapidamente e hoje, no Brasil, a maior parte da população vive nos centros urbanos.

Nesse sentido, e porque as cidades se tornaram palco de desigualdades sociais e conflitos, Teresa Caldeira distingue três formas de expressão da segregação social no

---

[148] AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000, p.98.

[149] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.211.

[150] RIBEIRO, Luiz Cesar Queirós. *Desafios da construção da cidadania na metrópole brasileira*, Sociedade e Estado, Brasília, vol. 22, nº 3, set./dez., 2007, p.529.



Fig. 33 – *Favela Paraisópolis*, São Paulo, Brasil, por Scott Peterman, 2006.

espaço urbano brasileiro que ocorreram ao longo do século XX. A primeira estendeu-se desde o final do século XIX até 1940 e produziu uma cidade concentrada em que os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana pequena e a segregação era sentida e observada pelo tipo e qualidade das moradias.

A segunda forma urbana – centro-periferia – dominou o desenvolvimento da cidade nos anos 40 até aos anos 80. Neste esquema, os grupos sociais eram separados por grandes distâncias, correspondendo à estrutura europeia e norte-americana da época, onde se observava a concentração da classe média e alta nos bairros centrais, e a dispersão da população de classe mais baixa pelas precárias e distantes periferias.

Sobreposto a este padrão centro-periferia, Teresa Caldeira destaca uma terceira forma de expressão da segregação, afirmando que as recentes transformações têm motivado a criação de espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas separados por muros e tecnologias de segurança que não promovem a circulação nem a interacção nas áreas comuns.

Vários autores tendem a definir o crescimento das cidades brasileiras pelo modelo de padrão periférico ou a caracterizar esse processo como "urbanização por expansão de periferias"[151]. Esse modelo teórico caracteriza a divisão social do espaço da cidade, onde a população da classe mais alta tende a agregar-se no centro ou num sector específico e valorizado da metrópole, enquanto que a população do sector mais baixo tende a concentrar-se nas bordas da cidade, ou seja, nas periferias.

[151] TELLES, Vera da Silva, CABANES, Robert. *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*, Associação Editorial Humanitas, São Paulo, 2006.

Embora se conceba e discuta a cidade mediante este padrão, Teresa Caldeira acredita que a terceira forma de segregação, que ganhou expressão a partir dos anos 80, tem mudado consideravelmente a cidade e a região metropolitana, com grande impacto nas metrópoles brasileiras. O principal instrumento de segregação espacial, que espelha naturalmente a segregação social, são os "enclaves fortificados", entendidos pela autora como "espaços privatizados, fechados e monitorizados para residência, consumo, lazer e trabalho"[152].

Assim, é possível afirmar que, no caso da cidade brasileira, aos mecanismos de "espoliação urbana"[153], traduzidos numa sociedade cujo desenvolvimento foi acompanhado por variadas formas de exclusão social, se associaram mecanismos que vulnerabilizaram a população. Luiz Queirós Ribeiro acredita que se outrora a ausência de democracia retirava dos segmentos trabalhadores os bens e serviços inerentes à vida urbana, "hoje a segregação e separação fazem com que uma parte da população seja crescentemente desabilitada dos recursos necessários ao acesso à renda e aos benefícios urbanos"[154].

Neste âmbito, Teresa Caldeira analisa o contexto brasileiro, onde se destaca a construção de conjuntos habitacionais com elevados sistemas de segurança. Em *Cidade de Muros*[155], estudo desenvolvido para retratar a realidade brasileira e o caso particular da cidade de São Paulo, a autora refere o conjunto de estratégias desenvolvidas como protecção e reacção ao aumento da violência urbana desde meados dos anos 80, de que fazem parte os condomínios fechados.

A evolução da sociedade brasileira foi caracterizada pela democratização política, alta inflação, recessão económica, e o fim de um modelo de desenvolvimento baseado no nacionalismo que, como tal, desencadeou um notório processo de decadência social e aumento da criminalidade. A reacção de alguns residentes manifestou-se no recurso à segurança privada, enclausuramento, e distância das zonas consideradas inseguras e perigosas.

Assiste-se, nesta sequência, à proliferação de condomínios fechados no território, que a autora define como empreendimentos "de múltiplas residências, sobretudo edifícios, invariavelmente fortificados, com entradas controladas por sistemas de segurança, normalmente num grande terreno com áreas verdes e com todo o tipo e instalações para

---

[152] CALDEIRA, Teresa, *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.211.

[153] O conceito de "espoliação urbana", refere-se à ausência ou precariedade de serviços de consumo colectivo. Este conceito, surgiu nos anos 70, teve por objectivo agregar, de modo estrutural, a ideia de uma força de trabalho submetida a formas de extorsão. O uso deficitário do transporte, a precariedade da moradia, a dificuldade de acesso a bens colectivos de consumo configuravam a vigência de condições insatisfatórias de reprodução social, típicas do capitalismo de "subdesenvolvimento industrializado" consolidado na metrópole brasileira.

[154] RIBEIRO, Luiz Cesar Queirós. *Desafios da construção da cidadania na metrópole brasileira*, Sociedade e Estado, Brasília, vol. 22, nº 3, set./dez. 2007, p.532.

[155] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000.

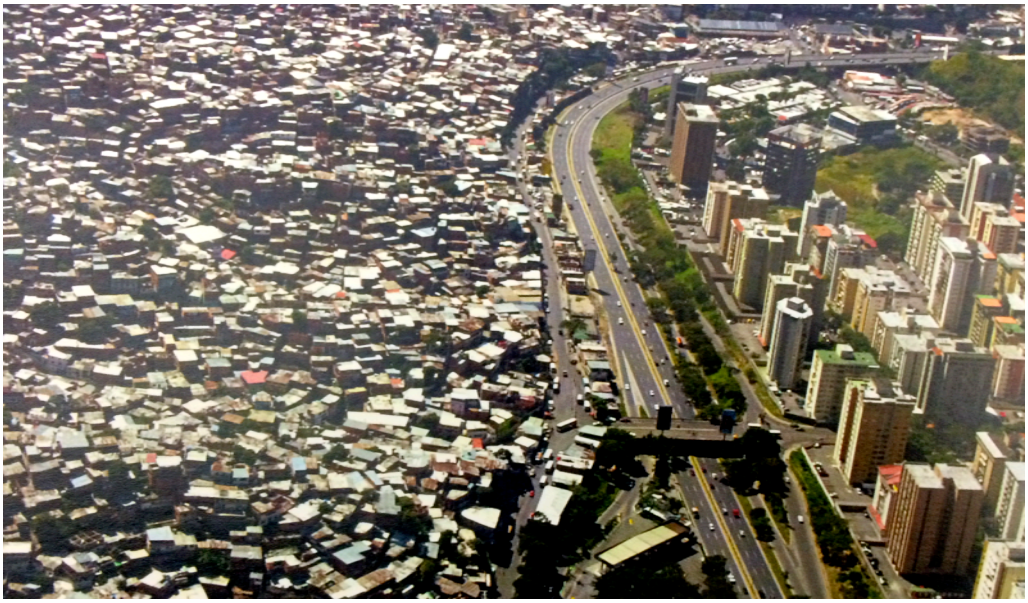


Fig. 34 – *Caracas,* Venezuela, por Alfredo Brillembourg.

uso colectivo"[156]. Este modelo de habitação tornou-se gradualmente no modelo por excelência das classes de estrato social mais elevado, justificado pelo aumento do medo do crime violento que, tanto no Brasil em particular, como nos países latino-americanos em geral, conferiu à rua a conotação negativa de um espaço associado à classe baixa e/ou aos "marginalizados" da sociedade.

Actualmente, a América Latina apresenta uma realidade urbana consideravelmente demarcada por loteamentos fechados, a maioria localizados nos subúrbios da cidade, acessíveis por uma malha rodoviária de fluxo rápido, em confronto com áreas densamente povoadas por população pobre e construções precárias.

A HERANÇA COLONIAL: A NEGAÇÃO DA RUA E O DESPRESTÍGIO DO ESPAÇO PÚBLICO

Apesar do antagonismo existente entre classes sociais distintas, este reflecte as marcas culturais profundamente enraizadas e valorizadas na vida social brasileira. Nesse sentido, Lúcia Leitão[157] acredita que o modo como se organizou a vida urbana no Brasil oitocentista produziu, espacial e socialmente, um ambiente urbanístico de exclusão, claramente hostil para os "desprezados" da sociedade. Segundo a autora, percebendo esta ligação é possível apreender mais facilmente como e em que medida o ambiente construído não apenas reflecte a sociedade que o edifica, como também possibilita que as crenças e os valores dessa sociedade se perpetuem ao longo do tempo, levando a uma exaustiva repetição das formas urbanas.

---

[156] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.243.

[157] LEITÃO, Lúcia. *Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios Gilbertianos*, Editora Universitária, Recife, 2009

Quando se questiona a origem da segregação social no Brasil, remete-se ao período colonial e esclavagista. A escravatura foi um exemplo claro de superioridade e separação, neste caso racial, entre povos, que culminou num processo de exclusão que, ao reflectir-se no território, se transformou em segregação espacial.

A casa patriarcal brasileira é assim entendida por Lúcia Leitão "como símbolo do sistema patriarcal sob o qual se organizou a paisagem social do Brasil, da colónia aos nossos dias"[158]. Elemento influente na organização da paisagem urbana que caracteriza as cidades brasileiras, a casa patriarcal, devido ao seu carácter de domesticidade, criou um estilo de vida orientado para o interior e para a vivência enfática do espaço privado. Para a autora, através da análise da sua organização interna e funcional, é possível compreender alguns traços da vida urbana do Brasil contemporâneo e entender as razões pelas quais as cidades da América Latina ratificaram, ao longo do tempo, uma paisagem de segregação social e promoveram a vida privada e os grupos sociais mais elevados.

Na verdade, o ambiente urbano no Brasil constituiu-se essencialmente em torno da casa, vista como o espaço privado de eleição. O sobrado[159], expressão citadina da casa patriarcal, assumiu, na cidade, as funções práticas e simbólicas da casa patriarcal brasileira. Deste modo, é observável uma forte analogia entre o sobrado e a rua que surge a partir dele, com a organização social brasileira e o ambiente construído das respectivas cidades.

Analisando a organização espacial dos sobrados oitocentistas, Lúcia Leitão observa que, coerente com a valorização do espaço privado, a planta aparece totalmente desenvolvida para o interior da habitação. Esta característica expressa-se não só pela qualidade do ambiente e da decoração dos espaços destinados à convivência familiar, como pela valorização dos pátios internos, em tudo reveladores de uma construção social ao abrigo do ambiente privado.

Existe, no entanto, uma sala de visitas, voltada para a rua, com múltiplas janelas e aberturas para o espaço público, mas que, de acordo com a autora, não se destinava à família, era o espaço dedicado ao encontro com o estranho, o visitante e, portanto, ao "não familiar". Deste modo, considerando a sua localização, bem como o uso que lhe era atribuído no contexto social, a existência da sala de visitas apenas comprova e intensifica a clara negação da rua na organização social vigente.

---

[158] LEITÃO, Lúcia. *Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios Gilbertianos*, Editora Universitária, Recife, 2009, p.39.

[159] O sobrado é um tipo de edificação constituída por dois ou mais pisos, geralmente de grandes dimensões. Na época colonial do Brasil, os sobrados eram as residências dos "senhores" nas cidades e marcaram o início da urbanização do Brasil. No período anterior, o antagonismo existia entre a casa-grande (patriarcal) e a "senzala", enquanto que aos sobrados se opunham os "mucambos", que eram as residências das camadas mais pobres da sociedade.

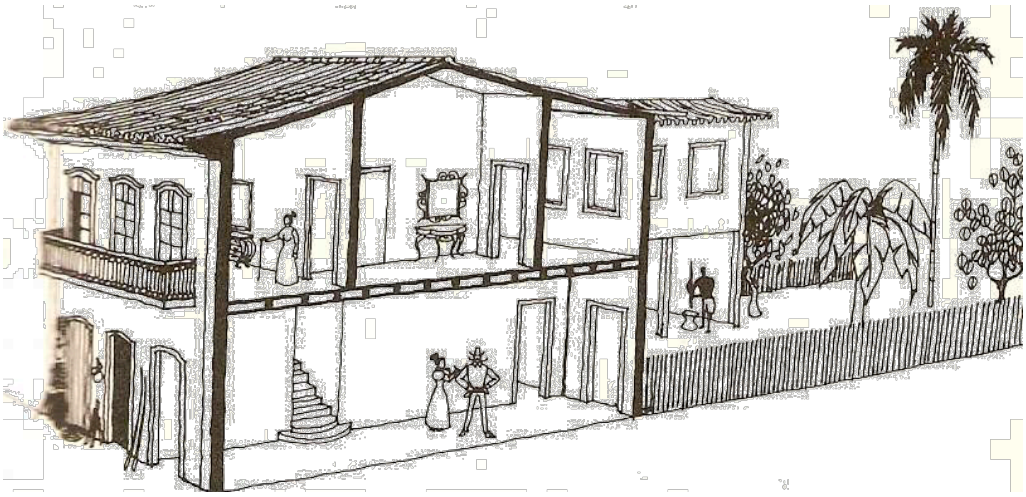


Fig. 35 – Axonometria esquemática da organização interna do Sobrado oitocentista. O piso térreo era destinado a visitas e ao convívio social, enquanto que o primeiro piso e o pátio eram para usufruto familiar.

"É como se um muro simbólico tivesse sido erguido entre a cena doméstica e a vida no espaço público."[160] Assim, em vez de mediar a possível relação entre a casa e a rua, esta divisão, de certa forma, só consolida a separação entre o que é familiar, e o que lhe é estranho e deveria ser evitado.

Resumidamente, o sobrado materializou a intenção de proteger a vida familiar, confinando-a ao interior da casa, e vetou o acesso à rua, e consequentemente a quase tudo o que pudesse significar o contacto com o exterior. Sendo assim, analisando genericamente estas circunstâncias, compreende-se que a arquitectura do sobrado oitocentista influenciou a vivência e os hábitos da sociedade brasileira ao estabelecer certos pressupostos que viriam a caracterizar a actual organização urbana. As intenções inerentes a esta forma de habitar enraizaram-se gradualmente na organização da cidade e passaram a ser entendidas como dados importantes para a formação e crescimento da mesma, espelhando uma imagem de desprestígio pelo que é público em detrimento da vida privada.

Naquela época, habitar um sobrado era símbolo inequívoco de prestígio social e, como tal, a arquitectura das cidades brasileiras, tendo como referência a habitação, procurou reflectir o lugar social de cada morador.

Neste sentido, a construção vertical erigida acima do nível da rua passou a ser valorizada, enunciando nitidamente a posição social do morador. Paralelamente, esta vontade de hierarquização social demonstra a desvalorização atribuída ao piso térreo e, por consequência, à rua em geral. Assim, na arquitectura do sobrado, o elitismo brasileiro

[160] LEITÃO, Lúcia. *Quando um muro separa e nenhuma ponte une*, Cadernos Metrópole: Desigualdades e Governança, nº13, 2005, p.234.

expressou-se pela tendência de "construção vertical" e, com ela, do distanciamento da rua, instituindo-se, dessa forma, como um modo visível de distinção e segregação entre os membros da sociedade.

Desprezada, portanto, como espaço privilegiado do convívio social, a rua brasileira nasce "feia, suja, escura, desprezível, destinada ao escravo num primeiro momento (...)"[161]. Do ponto de vista urbanístico, o reconhecimento da rua como um espaço "dispensável" da vida urbana, pode ser apreendido a partir de três pontos principais. O primeiro observa-se pelo uso plebeu – espaço do escravo, do pobre e do negro – que lhe foi atribuído inicialmente. O segundo evidencia-se na função de circulação, que no século XX a expressão urbanística do modernismo viria corroborar, transformando a rua num espaço projectado essencialmente para veículos. E, por último, na forma residual com que é planeada em muitas das intervenções urbanas na cidade brasileira.

Em suma, como se constata, tanto muros, cercas, como enclaves fortificados e a exaltação da vida privada são sinais inconfundíveis de desigualdade e tensão social, na qual a arquitectura da época colonial foi, em parte, determinante para se estabelecer as bases que ditariam a configuração urbanística da cidade brasileira, tal como hoje se apresenta. Na verdade, o sobrado definiu o traço identitário que perdurou no tempo e, inscrito de forma indelével na memoria colectiva do país, levou à repetição exaustiva do modelo – tanto físico como social – que caracteriza o ambiente de segregação do Brasil.

Teresa Caldeira verifica que, actualmente, as desigualdades e as diferenças são proeminentemente produzidas. Exageradas e/ou simplificadas, a autora acredita que mascaram processos de transformação e requalificação, amplificando as tensões entre os grupos sociais.[162] Nesse sentido, a opção de valorizar o espaço privado em detrimento do espaço público, atribuindo a este um lugar secundário na configuração urbanística da cidade brasileira, transformou-se na expressão cultural que define contemporaneamente o seu contexto político, social e urbano.

[161] LEITÃO, Lúcia. *Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios Gilbertianos*, Editora Universitária, Recife, 2009, p.104.
[162] CALDEIRA, Teresa. *Mundos Separados*, Urban Age, London School of Economics and Political Science, Dezembro 2008

3.2 O CASO DO RIO DE JANEIRO: APONTAMENTOS HISTÓRICOS DA CIDADE E PARTICULARIDADES DA FORMA URBANA

"ÚNICA NO MUNDO, A CIDADE DO RIO DE JANEIRO REÚNE NUM MESMO CENÁRIO UM TECIDO CONSTRUÍDO, DENSO E TENTACULAR, FEITO DE EDIFÍCIOS E CASAS, BECOS, RUAS E AVENIDAS, LARGOS, PRAÇAS E PARQUES, EM MEIO E AO LONGO DE UMA NATUREZA RICA E CAPRICHOSAMENTE DESENHADA, CONSTITUÍDA POR COSTÕES ROCHOSOS, LAGOAS, CURSOS D'ÁGUA, PRAIAS, RESTINGAS, MANGUEZAIS, MONTANHAS E FLORESTAS." [163]

AUGUSTO IVAN DE FREITAS PINHEIRO

Dentro dos inúmeros aspectos caracterizadores da cidade do Rio de Janeiro destaca-se a beleza do seu território, marcado pela exuberante mistura de verdes, azuis e brancos, as cores dos morros e montanhas, do mar, da baía, das lagoas e a longa extensão das suas praias. A geografia é, sem duvida, um dos atributos que mais significado e simbolismo confere à cidade, mas foi também o elemento mais combatido durante a sua evolução urbana. O equilíbrio entre urbanização e natureza é, desde os primeiros tempos, o grande desafio enfrentado pela cidade do Rio de Janeiro.

Ao longo da sua evolução urbana, da localização inicial na Urca, transferida, posteriormente, para o alto morro do *Descanso*, depois chamado *Castelo*, é possível identificar uma acção constante que visou transformar a forma original do território da cidade. Aterrar lagoas, conquistar terras ao mar, arrasar e romper o bloqueio gerado pelos morros e desbravar novos terrenos, constituiu a saga da urbanização do Rio de Janeiro. Como resultado de tantas alterações, é quase impossível comparar as formas originais da cidade às que hoje determinam a configuração geral da região.[164]

Tal facto representa o primeiro elemento a destacar na trajectória de ocupação progressiva e acelerada da cidade entre a sua fundação e a actualidade: as consequências da alteração constante da paisagem natural, a fim de viabilizar a construção de um município com mais de 12 milhões de habitantes[165] e quase 1200 quilómetros quadrados de área. Embora significativos, não são os números que impressionam, mas sim o modo pelo qual ocorreu a relação entre o Homem e o meio nesta cidade, ditada pelo orgulho de possuir um magnifico património natural e a permanente acção para o dominar e transformar.

Inicialmente, no período colonial, a cidade era um pequeno núcleo urbano, denso e coeso, que se concentrava entre os morros do Castelo, São Bento, Santo António e Conceição,

---

[163] PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas. *A cidade e o tempo – O Rio de Janeiro através dos séculos*, in *Rio de Janeiro: cinco séculos de história e transformações urbanas*, Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2010, p.22

[164] Em 2002 foi lançado um produto multimédia interactivo denominado "Rio 500 anos", comparando a cidade actual com a aparência natural do lugar em que foi fundada <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/EOUrbana/>.

[165] Dados IBGE, contagem da população em 2007.

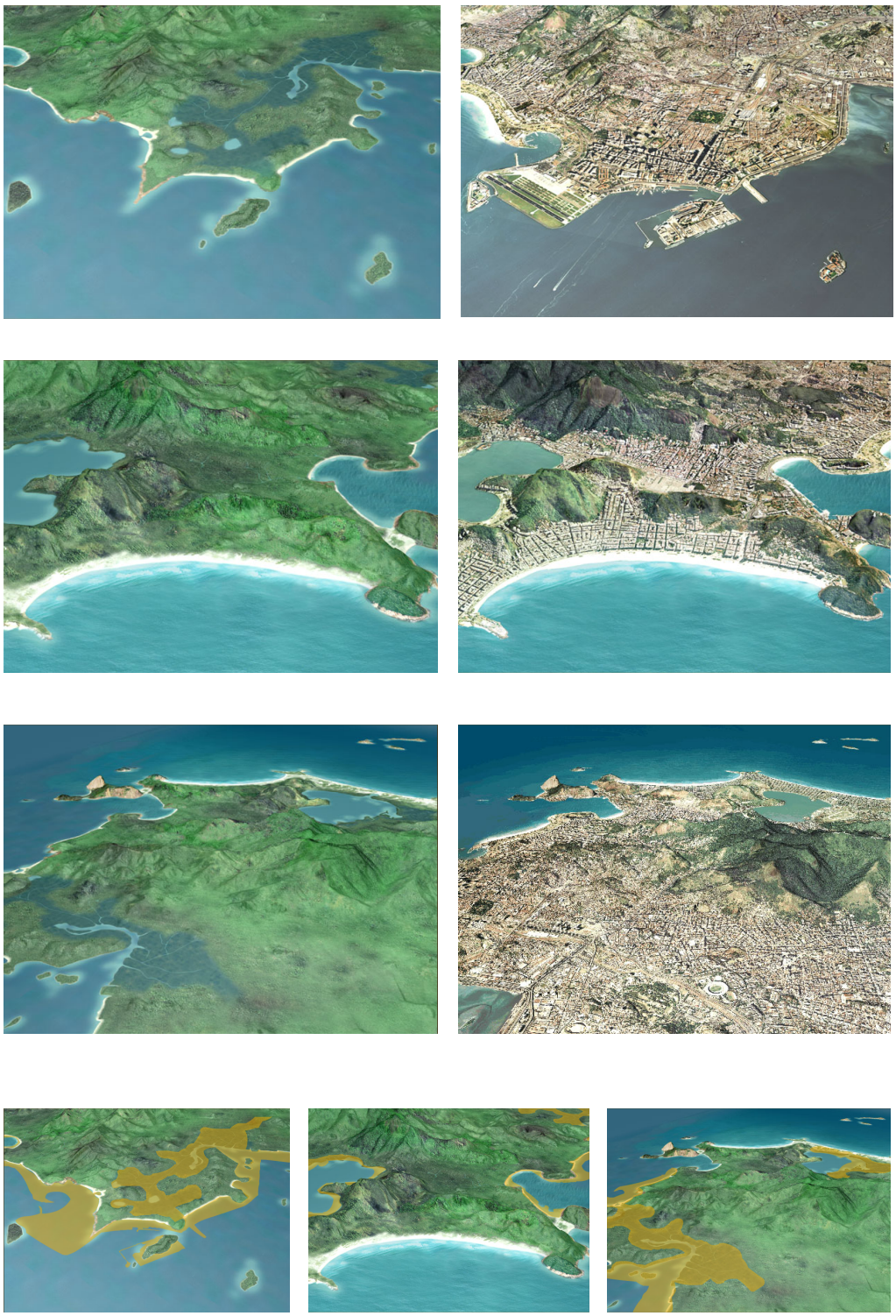


Fig. 36, 37 – Simulação da evolução urbana do Centro do Rio de Janeiro entre o ano 1500 e 2000.
Fig. 38, 39 – Simulação da evolução urbana do bairro de Copacabana no Rio de Janeiro entre o ano 1500 e 2000.
Fig. 40, 41 – Simulação da evolução urbana da área do Maracanã no Rio Janeiro entre o ano 1500 e 2000.
Fig. 42, 43, 44 – Relação entre o território original da cidade e as áreas aterradas em 2000: Centro, Copacabana e Maracanã.

situados na margem Este da baía de Guanabara, um local estratégico e protegido devido ao estreito canal de ligação ao mar. Apesar da importância que o porto da cidade foi adquirindo na actividade mercantil por volta de 1763[166], graças ao inicio das exportações do ouro do Estado de Minas Gerais, só no século XIX com o crescimento industrial e a introdução dos transportes é que a cidade se expande efectivamente.

No inicio do século XIX, o Rio de Janeiro era uma cidade concentrada, limitada por morros e assente numa zona pantanosa, conquistada à natureza pela drenagem de mangues[167] e lamaçais. A maioria da população que aí habitava era maioritariamente constituída por escravos (havia poucos trabalhadores independentes) e uma pequena elite administrativa, militar e mercantil, que coexistiam no mesmo espaço urbano.

No entanto, o crescimento e a degradação do centro da cidade, com as suas ruas estreitas e insalubres, despertaram nos governantes e burgueses o desejo de fugir daquele ambiente, com o qual não se identificavam. As más condições sanitárias em que vivia a maior parte da população carioca – trabalhadores e ex-escravos, muitos deles desempregados – eram as principais causas das epidemias que assolavam o Rio. Em 1889, resultante do novo contexto urbano - o da cidade industrial, que se afirmava progressivamente - depôs-se a monarquia, e o governo republicano instituiu reformas para modernizar a capital do país.[168]

Assim, proveniente das reformas, a cidade expandiu-se em múltiplas direcções, modificando-se morfologicamente, e iniciou-se um processo de separação dos espaços residenciais ocupados pela burguesia e classes altas, dos espaços destinados à habitação do proletariado e dos ex-escravos. “Só a partir do século XIX é que a cidade do Rio de Janeiro começa a transformar radicalmente a sua forma urbana e a apresentar verdadeiramente uma estrutura espacial estratificada em termos de classes sociais.”[169]

Foi com a reforma de Francisco Pereira Passos[170], no inicio do século XX, destinada a melhorar as condições de salubridade do centro, que se verificou o parcelamento da cidade por estratos sociais. Abriram-se avenidas e alargaram-se várias ruas, para facilitar a chegada da brisa marítima aos ambientes considerados “impuros”. A cidade redesenhava progressivamente o seu centro e o momento exigia, a qualquer custo, a criação de espaços livres. Em apenas três anos, demoliram-se mais de 600 edifícios, a maioria cortiços[171] com fraca qualidade, apinhados de gente.

---

[166] Em 1763, o Rio de Janeiro torna-se a capital do Estado do Brasil.

[167] “Mangue” ou “manguezal” é um terreno pantanoso junto a lagoas, rios ou mares, característico das regiões tropicais.

[168] Em 1960, o Rio perde a função de capital para a “recém-construída” Brasília.

[169] ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, Instituto Pereira Passos, 4ª Edição, Rio de Janeiro, 2008, p.139.

[170] Engenheiro brasileiro e Prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, por nomeação do presidente do Brasil, Rodrigues Alves.

[171] O cortiço, habitação popular do século XIX, era um edifício em forma de “L” ou “U”, organizado em galeria, com um pátio colectivo. Os quartos, sobrelotados, eram pequenos e contíguos, e os moradores partilhavam as zonas de serviço.





Fig. 45 – A cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX.
Fig. 46 – Panorama do Rio de Janeiro, 1873.

Sem rumo, legiões de despojados migraram para o alto dos morros, onde proliferariam as favelas que até hoje pontuam a acidentada topografia do Rio de Janeiro.[172]

Os investimentos aplicados no combate à insalubridade e a tentativa de organizar e valorizar o espaço urbano do centro foram, contudo, insuficientes para garantir a sobrevivência da região como área residencial. Quem tinha recursos queria mudar de vizinhança e desejava outro padrão de vida que lhe conferisse um símbolo de ascensão social destinado apenas à elite, ainda empenhada em copiar o estilo europeu.

A busca do local ideal para este outro tipo de vida apontava na direcção da costa, banhada pelo Atlântico. A proximidade com a orla, associada aos benefícios proclamados, tanto da ventilação natural, que reduzia a propagação de doenças, como da beleza natural da paisagem, valorizou as zonas costeiras tornando-as nas áreas de eleição das camadas mais altas da sociedade. Sendo assim, os bairros da zona sul – Glória, Flamengo, Catete e Botafogo (mais tarde, Copacabana, Ipanema e Leblon) –, devido à requalificação da marginal da baía de Guanabara e a integração de transporte públicos, tornaram-se nos principais centros residenciais da classe média-alta, impedindo a localização das classes mais baixas, expulsas do centro.

A cidade foi, assim, crescendo em direcção a Sul através de um processo de adição de novas "áreas de elite", cada uma mais exclusiva e vantajosa que a anterior. Por volta de 1930, o Rio de Janeiro era já uma cidade estratificada. A zona sul era uma área predominantemente residencial, ocupada pelos sectores altos da sociedade, ao passo que a zona norte e os subúrbios da cidade, crescentemente industrializados, eram ocupados pela população média e baixa da cidade. Maurício de Abreu considera que o resultado desse crescimento "foi um núcleo forte, cercado por uma periferia pobre e, superpovoada, (...) enquanto a [baía de] Guanabara auferia todas as vantagens disponíveis."[173]

A expansão do território resultou num aumento extensivo da cidade e das distâncias entre os locais de trabalho e residência. Como tal, o Rio de Janeiro descentralizou-se, e as favelas acompanharam esses novos focos de urbanização, associadas ao desfasamento entre o crescimento urbano e a melhoria dos transportes colectivos, que obrigaram a população mais carenciada a estabelecer-se próximo das obrigações profissionais, improvisando assim, pequenas construções junto dos morros.[174]

---

[172] As reformas urbanísticas expulsaram grande parte da população pobre dos locais urbanos centrais e mais valorizados pelo mercado. Sem condições económicas para suportar os valor dos alugueres, ou a compra de novas casas, essa população foi ocupando as encostas dos morros em barracas e casebres. Assim, enquanto se abriam novas avenidas, crescia simultaneamente o número de favelas.

[173] ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, IPP - Instituto Pereira Passos, 4ª Edição, Rio de Janeiro, 2008, p.17.

[174] "A segregação espacial urbana actua através da acessibilidade, ou seja, através das facilidades ou dificuldades de locomoção no espaço urbano. Uns têm os equipamentos e serviços urbanos mais acessíveis, outros, menos acessíveis (...)." VILLAÇA, Flávio. *A segregação Urbana e a Justiça*, Revista Brasileira de Ciências Criminais, ano 11, nº 44: 341-346, Jul./Set. 2003, p.342.

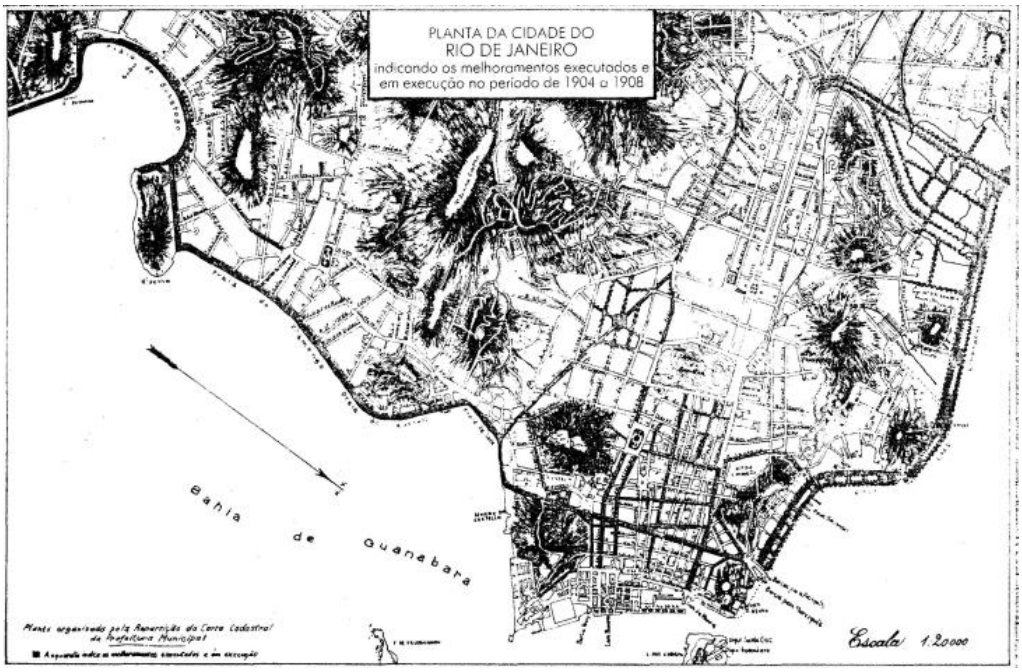










Fig. 47 – Planta da cidade do Rio de Janeiro após a reforma de Pereira Passos, indicando os melhoramentos executados e em execução no período entre 1904 e 1908.
Fig. 48, 49 – Avenida Central (actual Avenida Rio Branco) no centro, após a reforma de Pereira Passos.
Fig. 50, 51 – Avenida Beira-Mar em Botafogo, um das obras de embelezamento do Rio de Janeiro e de expansão da orla marítima em direcção à zona sul, 1905 e 1906 (respectivamente).

A convivência entre classes díspares no mesmo espaço urbano decorre da própria geografia da cidade e da incapacidade de definir correctamente os direitos de propriedade sobre determinado espaço. A cidade cresceu no sentido de maximizar a utilização da sua beleza natural, contudo, como se desenvolveu de frente para o mar, tendo por objectivo explorar um bem público, o próprio mar, implicou, naturalmente, um rastro de destruição dessa riqueza: construção nos morros com destruição de florestas, descarga de resíduos nas lagoas e nas praias, apropriação do espaço sem ordenamento urbano adequado, etc.

Porém, à medida que a cidade crescia em direcção à sua beleza natural, trazia também a população pobre e socialmente marginalizada, que ia ocupando sistematicamente os morros próximos às novas aglomerações urbanas. A cada *boom* imobiliário correspondia o aparecimento de nova uma favela, cuja população passava a viver da prestação de serviços à população rica que explorava o espaço urbano próximo.

Ancorados a esta estrutura, a convivência física entre classes tornou-se uma norma, gerando um convívio permanentemente conflituoso e uma situação de rejeição mútua. Ou seja, apesar do aumento da convivência entre classes, a segregação entre uns e outros adensou-se, claramente perceptível na estrutura do espaço privado e na desvalorização do espaço público como um condensador social.

Maurício de Abreu afirma que a região metropolitana do Rio de Janeiro tem sido marcada, ao longo dos anos, por um processo de crescimento que reflecte, também espacialmente, "a coerência e as contradições dos sistemas económico, institucional e ideológico prevalecentes no país".[175]

Não é parca a bibliografia que analisa a história da segregação espacial na área metropolitana do Rio de Janeiro, sobretudo referindo-se a momentos em que o Estado, na tentativa de "ordenar" o caos da cidade, aprofundou as diferenças na constituição e na vivência do espaço urbano: "cirurgias urbanas", remoção de favelas, construção de conjuntos residenciais nas periferias destinados à população pobre, restrita aplicação de recursos de infra-estrutura em áreas periféricas, dentre outros, são exemplos elucidativos desta situação.

A fragmentação (física e social) no Rio de Janeiro expressa-se nas mais variadas formas e desenhos urbanos, espelhada não só em problemas como a segmentação residencial da população, como também, em rupturas na mobilidade, desigualdades nas redes de abastecimento e o tratamento diferenciado de espaços públicos e equipamentos. Qualquer um destes problemas têm repercussões distintas, apesar de todos contribuírem para vincada divisão do território carioca.

[175] ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, IPP - Instituto Pereira Passos, 4ª Edição, Rio de Janeiro, 2008, p.16.













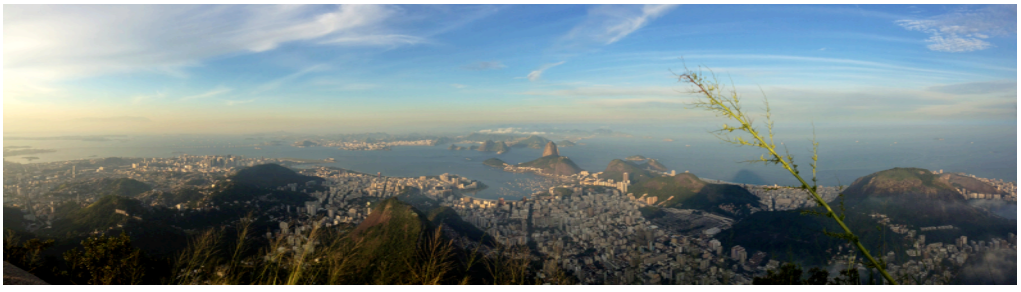


Fig. 52 – Favela da Rocinha, perspectiva da região de São Conrado para a zona sul.
Fig. 53 – Complexo do Alemão, Março 2012.
Fig. 54 – Vista sobre a praia de Ipanema e Leblon no alto da Favela do Vidigal, 2013.
Fig. 55 – Vista aérea do Morro do Pão da Açúcar.
Fig. 56 – Vista sobre a cidade no Morro do Pão de Açúcar, 2012.
Fig. 57, 58 – Panorâmicas sobre a zona sul do Rio de Janeiro, 2012 e 2013 (respectivamente).

Contudo, na passagem do século XX para o século XXI, o Brasil e, em particular, o Rio de Janeiro, foi alvo de politicas sérias de inclusão em diversos campos (vida urbana, saúde, cultura e educação), democratização do acesso a bens e a serviços, e outras que visaram unir as partes desta cidade dividida. Nesse sentido, muita coisa mudou, mas no cerne da vida pública permanece "a ambivalência, intencionalmente cultivada: politicas distributivas convivem com politicas altamente concentradores de renda; iniciativas (...) em prol do meio ambiente convivem com politicas de desenvolvimento poluidoras e excludentes; esforços para tornar as cidades habitáveis coexistem com politicas urbanas que promovem uma intensa concentração populacional em aglomerações que há muito ultrapassaram os limites de viabilidade do ponto de vista de gestão, ambiente e qualidade de vida"[176].

Em cidades como o Rio de Janeiro, cujas áreas centrais sempre demonstraram ao longo da história esta morfologia de segregação sócio-espacial, que combina a enorme distância entre classes com a proximidade espacial, a disseminação dos condomínios fechados em bairros da cidade, cujas morfologias até então eram marcadas pela predominância de residências sem uma estrutura de isolamento explícita, parece ao mesmo tempo reforçar e relativizar esta tendência histórica, na medida em que, enquanto permanece uma sobrevalorização fundiária de determinados bairros da cidade, começam a surgir, em bairros que não são classificados como nobres, áreas de valorização que passaram a polarizar a relação de classes no seu território.

Em suma, a estrutura espacial de uma cidade capitalista não pode ser separada das práticas sociais e dos conflitos existentes entre as classes urbanas, por isso, no Rio de Janeiro, as lutas entre classes reflectem-se no espaço, marcando a forma de ocupação do solo urbano. Contudo, a organização desse espaço tende, simultaneamente, a condicionar e a assegurar os interesses de sectores específicos, alimentando assim os conflitos sociais da metrópole. Neste contexto, o Estado tem tido um papel preponderante ao apoiar continuamente os interesses e privilégios das classes e grupos sociais dominantes, através de políticas e mecanismos reguladores altamente discriminatórios e elitistas.

Actualmente, a formação da área metropolitana do Rio de Janeiro é muito semelhante à de outras cidades capitalistas, marcada por áreas centrais que correspondem aos seus núcleos valorizados pela disponibilidade de recursos materiais e simbolismo, que se contrapõem a outras regiões menos abonadas, em geral as periferias. No Rio de Janeiro destaca-se a área central, formada pelo seu núcleo territorial, em que estão reunidos os principais postos de trabalho, e a zona sul, que abriga um mercado de trabalho expressivo e a maior concentração de renda da cidade.

[176] BENCHIMOL, Jaime Larry. *Rio de Janeiro: Da urbe colonial à cidade dividida*, in *Rio de Janeiro: cinco séculos de história e transformações urbanas*, Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2010, p.199.

Maurício de Abreu acredita que os reflexos dessas distâncias sociais se fazem sentir tanto no actual Estado do Rio de Janeiro, como no Brasil em geral, e considera que as desigualdades que a caracterizam como uma cidade de contrastes persistirão ao longo do tempo, pautando o urbanismo carioca pela acentuada segregação sócio-espacial do território.[177]

A segregação é assim um dado estrutural desta metrópole, com consequências nocivas para o espaço público, mas também um atributo que lhe confere identidade. Os mais de quatro séculos de história produziram uma cidade singular, onde a natureza exuberante dialoga com uma constante evolução urbana, produzindo um panorama rico em diversidade e uma metrópole feita das mais variadas e complexas realidades.

[177] ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, IPP - Instituto Pereira Passos, 4ª Edição, Rio de Janeiro, 2008, p.17.

3.2.1 BARRA DA TIJUCA: A CONSAGRAÇÃO DE UMA NOVA URBANIDADE

"BLOQUEADA PELOS MACIÇOS DA TIJUCA E DA PEDRA BRANCA, QUE LHE DIFICULTAM O ACESSO, PRESERVOU-SE IN NATURA ENQUANTO A CIDADE DERRAMAVA-SE COMO UM LÍQUIDO PELA ZONA NORTE E SE COMPRIMIA CONTIDA ENTRE OS VALES E PRAIAS DA ZONA SUL."[178]

LÚCIO COSTA

A Barra da Tijuca é um bairro singular dentro da cidade do Rio de Janeiro. Situada na Zona Oeste e com uma extensão muito maior do que a média dos restantes bairros cariocas, a Barra da Tijuca foi concebida como uma "cidade". Segundo Lúcio Costa, seria "a mais bela cidade oceânica do mundo"[179], tendo permanecido à margem do desenvolvimento urbano até 1960. O seu isolamento foi potenciado pelas características geográficas da região: as formações rochosas funcionavam como obstáculos, dificultando os acessos que a ligavam tanto à Zona Norte quanto à Zona Sul, preservando-a quase *in natura* enquanto a restante cidade crescia.

A região possuía, além do mar, uma grande riqueza natural constituída por lagoas, mangues, praias exuberantes, restingas, morros, e parques. Até a década de 60, não era nada mais do que uma área de difícil acesso que, muito lentamente, começou a ser ocupada ao longo dos eixos de comunicação e dos antigos caminhos rurais. Paulatinamente, foi-se expandindo em direcção ao norte (Tijuca) e ao longo do litoral, como um prolongamento das praias da Zona Sul. A imagem da sua ocupação, nesta época, era ainda desordenada e com baixa densidade demográfica.

Contudo, a partir do final da década de 60 e início da década de 70, verificou-se um intenso processo de especulação imobiliária, potenciando um *boom* de crescimento e determinando assim a expansão da cidade em direcção a São Conrado e a esta região.

Com o decorrer do tempo, e motivado pelo intenso processo de urbanização, a Barra da Tijuca consolidou-se como uma opção urbana sustentada por um imaginário de qualidade de vida, para onde confluía o desejo por tranquilidade, a facilidade de acesso a todos os serviços e a proximidade com uma natureza exuberante. Estas premissas, convertidas em escolhas localmente orientadas, levaram o governo a demonstrar preocupação com a planificação da região, com o objectivo de garantir uma urbanização menos caótica da cidade.

Esgotado o mercado imobiliário da Zona Sul para grandes empreendimentos e com a procura por habitação para as classes média e alta ainda em crescimento, a *Barra*, devido ao forte potencial turístico, uma bela e intocada extensão litoral e vastas áreas sem

[178] COSTA, Lúcio. *Plano Piloto para urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetida e Jacarepaguá*, Agencia Jornalística Image, Rio de Janeiro, 1969. (Arquitextos 160.00)
[179] *Idem, ibidem*











Fig. 59 – Vista panorâmica sobre a lagoa de Jacarepaguá.
Fig. 60 – Vista panorâmica da Pedra da Gávea sobre toda a região da Barra da Tijuca.
Fig. 61 – Localização geográfica da região da Barra da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro.
Fig. 62 – Lagoa da Tijuca, por Eduardo Naddar.
Fig. 63 – Localização da Barra da Tijuca e Jacarepaguá.

ocupação, tornou-se no alvo principal de planos urbanísticos que propunham ordenar o crescimento da região e definir a sua estrutura urbana.

O Plano Piloto de Lúcio Costa (1969), foi determinante para a configuração da imagem actual da *Barra*, cuja organização espacial apresenta, no contexto da cidade do Rio de Janeiro, uma forma peculiar, sobretudo devido ao seu tecido urbano, que lhe conferiu uma estrutura fragmentada, (re)produzindo contradições e reinventando paradoxos presentes na cidade.

A sua configuração demonstra, actualmente, uma clara sectorização em núcleos urbanos independentes que concentram "entre muros" diversas realidades e que apesar da proximidade, não interagem entre si.

Os condomínios fechados tornaram-se progressivamente no "símbolo" da região, funcionando como uma "cidade dentro da cidade", onde são assegurados aos seus moradores serviços, lazer e sobretudo segurança. Desta forma, a Barra da Tijuca passou a ser vista, por parte das elites, como uma possibilidade de distanciamento em relação aos problemas urbanos, e uma zona de refúgio, tendo em conta a violência que crescia nas áreas centrais da cidade.

Não obstante, a par da aparente qualidade de vida sugerida dentro dos seus limites, os condomínios viriam a acentuar os traços de segregação social da metrópole, contribuindo para a definição de uma área dividida e apartada em inúmeras realidades fechadas.

Neste sentido, a Barra da Tijuca converteu-se numa área exemplar para a análise da produção de espaços segregados. Esta análise do espaço urbano, além de propiciar a discussão sobre a proposta de planificação e organização espacial da região, particularmente, e do contexto metropolitano, de uma forma geral, é extremamente elucidativa no que concerne às contradições, confrontos e articulações entre os diferentes sectores da sociedade, o que torna esta zona apropriada como caso de estudo.

A antítese entre pobreza/riqueza, caos/ordem, interior/exterior, real/artificial é representada no caso de estudo e pretende-se entender como é que a segregação urbana se manifesta desde o seu planeamento à actual urbanização da região.

3.2.1.1 OS IMPACTOS MORFOLÓGICOS DO PLANO PILOTO DE LÚCIO COSTA

"O RIO DO FUTURO NASCE COM FILOSOFIA PRÓPRIA, PLANEJADO, MEDIDO, CALCULADO (...)" [180]

LÚCIO COSTA

A urbanização da Barra da Tijuca e da Baixada de Jacarepaguá representa uma etapa relativamente recente da produção de espaços residenciais selectivos na cidade do Rio de Janeiro, que ocorreu inicialmente a partir dos princípios modernistas estabelecidos pelo Plano Piloto elaborado pelo arquitecto Lúcio Costa em 1969.

No final da década de 60, a carência de urbanização na área, aliada à necessidade de desenvolvimento de áreas de expansão na cidade do Rio de Janeiro, resultou na contratação do arquitecto Lúcio Costa para a elaboração de um plano que estruturasse o seu crescimento urbano. Foi uma estratégia que visou, essencialmente, antecipar-se ao processo inevitável de ocupação da área, com a definição de parâmetros construtivos e urbanisticos, que a partir da preservação das características singulares da região, não permitissem a reprodução do que aconteceu nos outros bairros da orla marítima, como Copacabana, Ipanema e Leblon, que sofreram um intenso processo de construção e aglomeração, comprometendo a qualidade de vida da população.

Sob o nome de "Plano Piloto para Urbanização da Barra da Tijuca, Pontal de Sernambetiba e de Jacarepaguá", Lúcio Costa pretendia preservar a "natureza agreste" do local e propunha para a Barra da Tijuca uma forma de organização do espaço em que o crescimento urbano fosse aliado às questões ambientais. Através do controle da expansão urbana, pretendia preservar a geografia do lugar e a sua beleza natural, como as praias, as dunas e lagoas, já que esta era uma das últimas áreas disponíveis para expansão da cidade. Nas palavras do arquitecto, para urbanizar a região era preciso encontrar a fórmula que permitisse "conciliar a urbanização na escala em que se impõe, com a salvaguarda, embora parcial, dessas peculiaridades que importa preservar"[181].

A melhoria da qualidade de vida, a preservação do meio ambiente e a adequada organização da região constituíam os objectivos basilares do plano que, simultaneamente, também promovia o crescimento da estrutura urbana com a construção de complexos sistemas viários (estradas, túneis e vias elevadas), com vista a melhorar as condições de acessibilidade, importantes em qualquer cidade, e essenciais no Rio de Janeiro.

---

[180] COSTA, Lúcio. *Plano Piloto para urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetida e Jacarepaguá*, Agencia Jornalística Image, Rio de Janeiro, 1969.
[181] *Idem, ibidem*

Em geral, a realização do Plano Piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá representa o ponto alto de um processo de consolidação dos ideais modernistas que vieram a ser desenvolvidos desde a década de 30 na cidade do Rio de Janeiro.[182]

A ESTRATÉGIA DO PLANO

O ponto central do plano era a construção de duas vias principais, a Avenida das Américas e a Avenida Alvorada (actualmente Avenida Ayrton Senna) que assegurariam a ligação de todo o bairro, formando um sistema viário cruciforme estruturador da urbanização da área; e a criação de núcleos autónomos para habitação. O plano também definia e limitava a altura de construção dos edifícios e previa áreas de preservação ambiental.

Como Lúcio Costa acreditava que nasceria na Barra da Tijuca um novo Centro Metropolitano, o plano foi estruturado através das vias de circulação, que deveriam estabelecer a ligação com toda a cidade. A principal via de circulação do bairro seria a Avenida das Américas[183], paralela à praia, que já existia antes da elaboração do plano e que Lúcio Costa pretendeu manter.

Afirmando que a oferta de meios de transporte deveria ir aumentando gradualmente, de acordo com as necessidades, para que não ocorresse um *boom* e a ocupação da área não seguisse a estratégia delineada, o plano previa, para além das vias rodoviárias, um eixo ferroviário que ligaria a região à Cidade Universitária (hoje conhecido como o projecto da Linha 6 do Metro, ainda por realizar).

Em relação aos espaços de habitação, uma das principais preocupações era fixar as áreas onde seria possível construir, e estabelecer as respectivas alturas dos edifícios. Deste modo, Lúcio Costa propôs que a urbanização fosse feita em núcleos urbanizados, intercalando residências multi-familiares com uni-familiares, evitando o que aconteceu nos bairros da Zona Sul – uma "muralha" em frente ao mar que barra a brisa e impede a vista da praia aos moradores do interior do bairro. Para tal, todos os núcleos deveriam ter uma reduzida densidade construtiva no respectivo terreno, 10% de ocupação para construções de dois pisos, e 20% para um único piso.

De acordo com o plano, seriam projectados núcleos autónomos, construídos com cerca de um quilómetro de afastamento entre si. Entre a Avenida das Américas (BR-101) e a Lagoa de Jacarapaguá, os núcleos seriam constituídos por um conjunto de edifícios de oito a dez pisos (limitados a dois apartamentos por piso, a fim de se evitarem massas edificadas desmedidas), com comércio e serviços no piso térreo.

---

[182] REZENDE, Vera F., LEITÃO, Gerônimo. *O Plano Piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá: Intenções e realizações após três décadas*, Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Abril 2004, p.13.

[183] Esta via fazia parte da *BR-101*, já existente, e era assim designada antes da elaboração do Plano Piloto de Lúcio Costa.

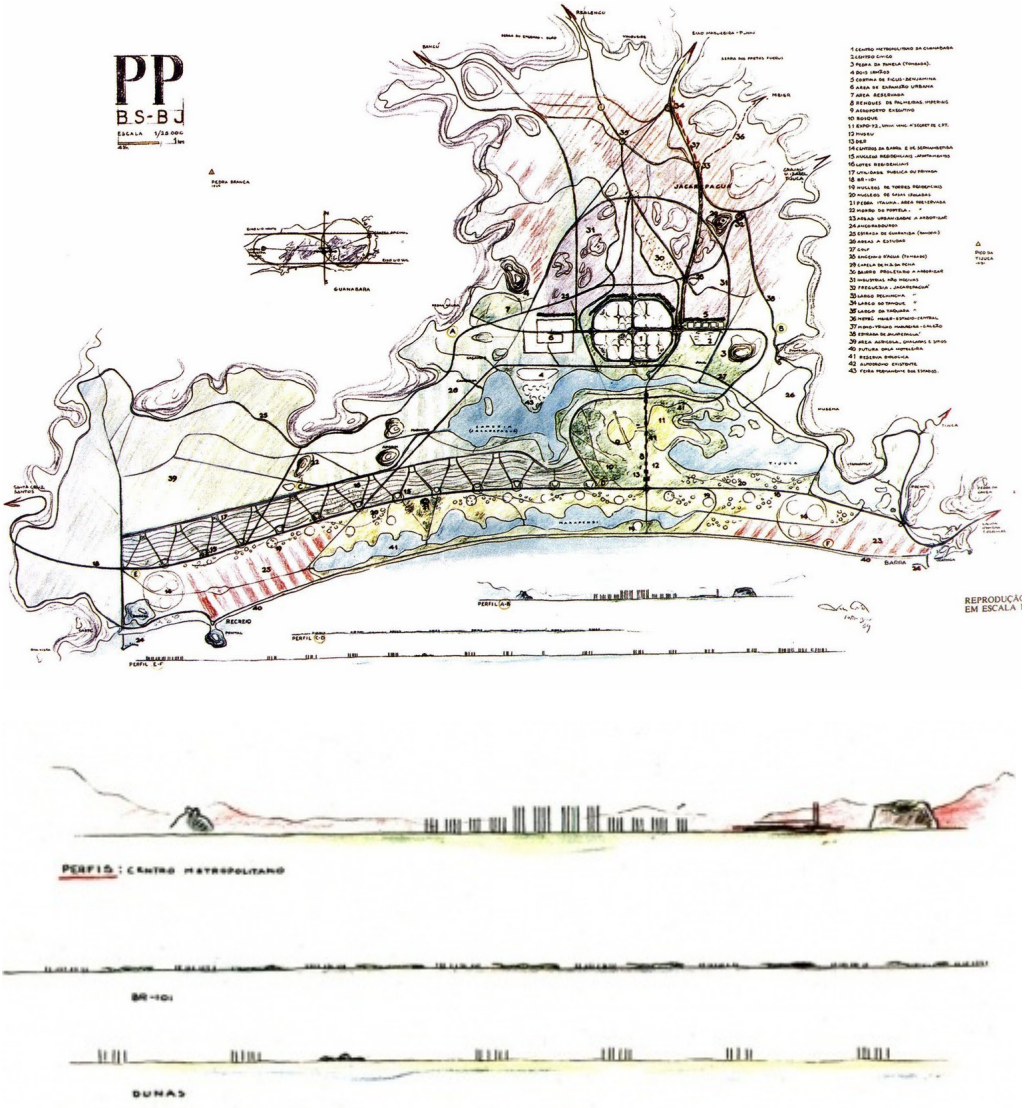






Fig. 64 – Esboço de Lúcio Costa do "Plano Piloto para a Urbanização da Barra da Tijuca, Pontal de Sernambetiba e de Jacarepaguá", onde se destaca o sistema viário como elemento estruturador da região.
Fig. 65 – Perfis esquemáticos do plano de Lúcio Costa (1º Centro Metropolitano; 2º BR-101; 3º Dunas).
Fig. 66 – A zona costeira da Barra da Tijuca, anos 60. Note-se a existência da Avenida Sernambetiba (actual Av. Lúcio Costa), junto ao mar, e a lagoa de Marapendi.
Fig. 67 – A BR-101 (actual Avenida das Américas) ainda por urbanizar, 1969.

Estes núcleos urbanizados seriam ligados diagonalmente a uma via paralela à Avenida das Américas, e nos pontos de articulação eram previstos conjuntos baixos de edificações, para fins específicos de utilidade pública ou privada. Na área contida entre essas vias paralelas era prevista uma "trama sinuosa" de alamedas para acesso aos lotes residenciais.

Na faixa de dunas entre a Avenida das Américas e a Lagoa de Marapendi os núcleos previstos teriam o mesmo afastamento entre si (1km), no entanto não estariam uniformemente alinhados como os da avenida principal. As edificações, em número limitado, seriam exclusivamente "torres" com a altura de 25 a 30 pisos, com a mesma infra-estrutura dos demais núcleos residenciais. Porém, nos largos vazios arenosos circundantes seria unicamente permitido agrupamentos espaçados e de afastamento desigual para residências uni-familiares, mansões ou casas menores, limitando a taxa de ocupação a 10%, e estabelecendo a ligação com a rua através de passadiços entre as dunas, tentando conservar a paisagem.[184]

Resumidamente, o que se propunha era uma nova versão da ideia já experimentada em Brasília com o conceito de "super-quadra", unidades urbanas praticamente auto-suficientes, baseadas numa ideia de comunidade. Esses núcleos autónomos acabariam por se tornar numa das mais marcantes características da Barra da Tijuca - os condomínios fechados - embora distorcidos das suas características originais.

Nas restantes áreas, com excepção das construções já existentes, deveriam ser preservadas as características naturais da região e o seu carácter agreste, sem qualquer tipo de ocupação. Por sua vez, os locais já habitados (Jardim Oceânico, Tijucamar e Barrinha, e a Lagoinha no Recreio) para se enquadrarem na "composição paisagística do conjunto" deveriam ser arborizados, o que beneficiaria também a população, gerando áreas sombreadas.

Em suma, cobrindo cerca de 120 km^2 – uma área cinco vezes e meia mais extensa do que a superfície da Zona Sul – o Plano Piloto significou, desta forma, a consciencialização, por parte do poder público, da necessidade de intervenção sobre uma extensa área do território metropolitano, que até então, salvo a presença de escassas residências espalhadas pelo bairro, representava um enorme "vazio metropolitano". Deste modo, tendo como objectivo estabelecer critérios de urbanização capazes de motivar e orientar o desenvolvimento ordenado da região, o Plano Piloto procurou conciliar a urbanização adequada aos limites e condições da área, com as particularidades que importavam preservar na cidade, assegurando, em teoria, uma expansão urbana equilibrada.

[184] COSTA, Lúcio. *Plano Piloto para urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetida e Jacarepaguá*, Agencia Jornalística Image, Rio de Janeiro, 1969. (Arquitextos 160.00)





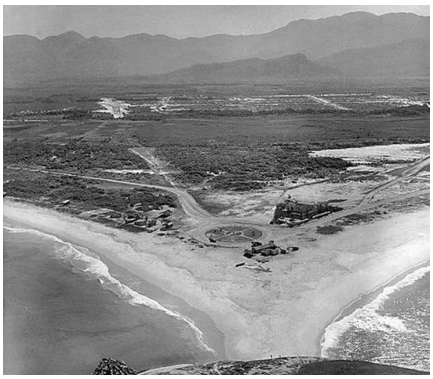








Fig. 68 – Vista aérea sobre o Recreio dos Bandeirantes e a Barra da Tijuca, anos 70.
Fig. 69 – Vista sobre o Canal de Marapendi e a estrada que fazia a ligação à Avenida das Américas, anos 60/70.
Fig. 70 – Pontal de Sernambetiba, 1960.
Fig. 71 – Avenida Ayrton Senna com a Avenida das Américas, 1970.
Fig. 72 – Avenida Sernambetiba (actual Av. Lúcio Costa), Agosto 1956.
Fig. 73 – Esquema de ocupação do caso de estudo por volta de 1970 (Detalhes: linhas pretas: Avenida das Américas (horizontal) e Ayrton Senna (vertical); ponto laranja: túnel de ligação à zona sul).

A cidade de Brasília, inaugurada em 1960, juntamente com o seu plano urbanístico, também da autoria de Lúcio Costa e idealizado dentro dos princípios do urbanismo modernista, foram referências importantes para o Plano Piloto da Barra da Tijuca. No entanto, para Lúcio Costa, a propriedade fundiária constituía uma das principais diferenças entre o plano de Brasília e o da Barra da Tijuca, crucial para o desenvolvimento futuro. Em Brasília, as áreas pertenciam ao poder público, podendo, por essa razão, estabelecer e cumprir com rigor os parâmetros definidos pelo plano. Já na Barra da Tijuca a propriedade fundiária era basicamente privada, conferindo ao poder público apenas a definição da estrutura viária e as linhas gerais de ocupação da região.

DO PLANO À REALIDADE

Ao longo das décadas, diversas modificações foram realizadas ao Plano Piloto; a maioria no sentido de promover a alteração da capacidade construtiva dos edifícios, dos usos inicialmente previstos e das condições de parcelamento do território. Confrontando a realidade actual, constata-se que o plano não foi seguido na íntegra, e o processo de construção e expansão urbana da Barra da Tijuca foi modificado, desconsiderando a respectiva preservação do ambiente costeiro.

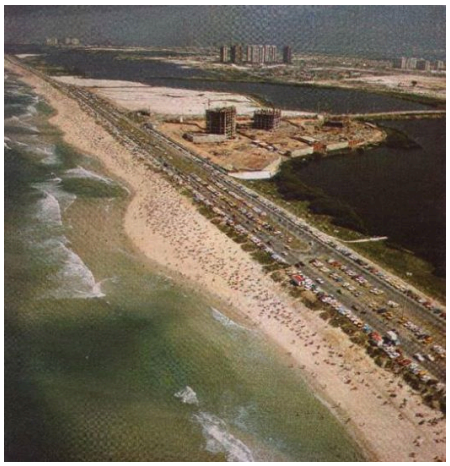
É difícil hoje, com todo o acelerado processo de urbanização que ocorreu na Barra da Tijuca, imaginar a orla com as mesmas características da década de 60. O plano, como instrumento de organização da ocupação urbana, gerou conflitos entre os agentes responsáveis pela produção do espaço urbano (promotores imobiliários). A influência desses agentes, aliada à inexistência de uma legislação específica em relação à importância e obrigação da preservação dos ecossistemas, foi decisiva para, progressivamente, se ir deturpando o projecto de Lúcio Costa. O Estado desempenhou um papel preponderante na desintegração do plano ao permitir que a legislação fosse ajustada ao interesse do grande capital imobiliário privado.

Apesar dos inúmeros decretos e leis para a ordenação do espaço da Barra da Tijuca, na prática, os agentes privados foram conseguindo aprovar empreendimentos fora dos padrões estabelecidos no plano. A acção dos agentes imobiliários consistiu em agregar o valor da região aos empreendimentos, vendendo não só os imóveis, mas também a paisagem natural e um “novo estilo de vida”. De certa forma, apropriaram-se dos ideais de Lúcio Costa de preservação e equilíbrio entre a urbanização e o meio ambiente, para vender os empreendimentos, sem, no entanto, se preocuparem efectivamente com as lagoas, as dunas e os mangues, que exaltavam como elementos naturais da região, mas que eram danificados em prol da construção.

Em relação ao sistema costeiro do bairro, muito foi alterado e até mesmo destruído. Na década de 80 a orla já se encontrava completamente desvirtuada relativamente à proposta inicial, com edifícios de mais de 25 andares, hotéis, comércio, e uma grande desordem gerada principalmente pelo estacionamento anárquico de automóveis.











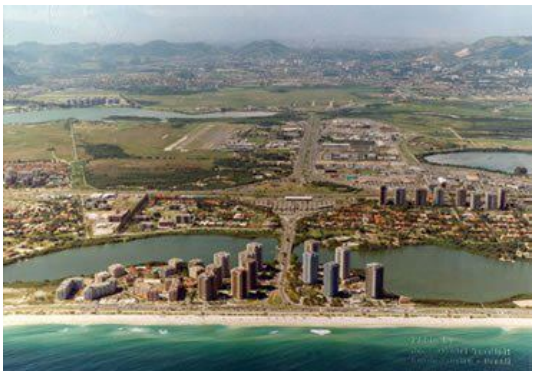






Fig. 74 - Barra da Tijuca, inicio dos anos 70. Vista aérea sobre a área junto da Lagoa da Tijuca, ainda com a imensa planície livre de construções. A única visível é uma das torres do condomínio Athaydeville, no canto direito.
Fig. 75 - Cruzamento da Avenida Ayrton Senna com a Avenida das Américas, 1971.
Fig. 76 - Construção do condomínio Alfa Barra, junto ao cruzamento da Avenida Ayrton Senna com a Avenida Lúcio Costa, início dos anos 80.
Fig. 77 - Cruzamento da Avenida Ayrton Senna com a Avenida das Américas, 1980.
Fig. 78 - Zona costeira da Barra na década de 80.
Fig. 79 - Cruzamento da Avenida Ayrton Senna com a Avenida das Américas, 1999.
Fig. 80 - Avenida das Américas, 1993.
Fig. 81 - Avenida das Américas, 2009.

Também ao nível das vias houve alterações significativas, em parte devido ao projecto "Rio-Orla"[185] que duplicou as faixas da Avenida Litorânea (hoje Sernambetiba), criando uma zona central ajardinada com estacionamento e possibilidade de inversão de marcha. A Avenida das Américas também foi alvo de intervenção e converteu-se numa autêntica auto-estrada, devido à duplicação da via e, posteriormente, à criação de vias auxiliares, para fazer a ligação interna do bairro.

Relativamente à ocupação da região, as modificações ocorridas nas décadas subsequentes à elaboração inicial do plano, atendiam as exigências do mercado imobiliário que começava a coordenar a nova ocupação especial do território. Assim, os condomínios fechados passaram a modelar o cenário residencial, que a partir da segunda metade da década de 70 deram origem a um novo conceito de moradia, aliando a privacidade à segurança e à concentração próxima de serviços.

Após os pioneiros *Nova Ipanema* e *Novo Leblon*, que como os próprios nomes sugerem, pretendiam acomodar os modos de vida da orla da zona sul a um conjunto de novos hábitos, cuja pretensão era oferecer uma panóplia de actividades, do lazer à segurança privada, o condomínio fechado torna-se a imagem caracterizadora do bairro.

Embora os condomínios sejam a concretização dos núcleos urbanos estabelecidos por Lúcio Costa, muitos deles foram construídos sem considerar o plano, procedendo a alterações significativas na altura permitida dos edifícios, no espaçamento entre eles e nos diversos usos pré-estabelecidos. Os condomínios *Barramares* e *Atlântico Sul*, apesar de possuírem toda a gama de serviços estabelecidos pelo plano, foram os primeiros a desrespeita-lo, abrindo assim precedentes para as construções que se seguiram.

Alguns deles, como resposta à procura de áreas seguras para viver, dada a violência que crescia na cidade, vedaram os seus terrenos com muros e sistemas electrónicos, promovendo a homogeneidade social no seu interior. Lúcio Costa, em nenhum momento, previu ou propôs o encerramento desses conjuntos, pelo contrario, a ideia era construir edificações dispersas na paisagem "natural", sem muros divisores entre si. "As casas (...) não devem ter muros nas divisas nem nos alinhamentos, apenas cerca viva com aramado (...) pois assim, apesar da ocupação, o verde prevalecerá."[186]

---

[185] Projecto implementado por Marcello Alencar (político e advogado brasileiro) durante o mandato enquanto Prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1989 e 1993. O projecto "Rio-Orla" procurou dar atenção não só à praia da *Barra*, mas a todas as praias do Rio de Janeiro. O objectivo era dotar as praias de infra-estrutura para atender os cidadãos: passeios para os peões e vias para os ciclistas, estacionamento, postos de salvamento e quiosques para alimentação, além de um tratamento paisagístico, que conferiu um aspecto mais qualificado à orla. No caso da Barra da Tijuca, esse projecto melhorou a imagem da orla, mas pouco contribuiu para manter o ar agreste da região, pretendido por Lúcio Costa.

[186] COSTA, Lúcio. *Plano Piloto para urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetida e Jacarepaguá*, Agencia Jornalística Image, Rio de Janeiro, 1969.

Nos anos 80, surgem empreendimentos destinados à actividade comercial, serviços e lazer, fora dos limites dos condomínios fechados, observando-se ainda a construção de um expressivo número de unidades residenciais multi-familiares.

Ao longo da década de 90, o significativo contingente populacional da região estimulou o aparecimento de grandes edifícios comerciais, originando um novo *boom* imobiliário. Os anos 90 são fortemente marcados pela construção de edifícios comerciais e de escritórios – *Centro Empresarial Barra Shopping*, *Barra Medical*, *Centro Médico Richet* e *Centro Comercial Esplanada da Barra*. Também é a partir desta época que se consolida a imagem da região como o lugar privilegiado do lazer e do turismo, com o aparecimento de novas opções de entretenimento, representadas, sobretudo, pelos parques temáticos, que sugerem assim investimentos futuros no sector hoteleiro.

Em suma, tanto na *Barra* como em Brasília, não foi necessário muito tempo para que a realidade se encarregasse de frustrar os sonhos e os ideais de Lúcio Costa. Já em 1982, Lúcio Costa desabafava: "A Barra é esta coisa horrorosa que vocês estão vendo."[187]

[187] ROESSLER, Maria Cristina, ATTIÉ, Cynthia, COCKELL, Monica Elizabeth, LARRAT, Elizabeth, MENDES, João de Souza Filho. *Revisão do Plano Piloto da Baixada de Jacarepaguá*, Casa Lúcio Costa, Rio de Janeiro, 1983, p.42.

3.2.1.2 DOS CLUBES DE LAZER AOS CONDOMÍNIOS FECHADOS

Como anteriormente referido, na América Latina, as comunidades fechadas constituem um fenómeno em crescimento nas grandes áreas metropolitanas.[188] O sucesso deste tipo de comunidades assenta essencialmente em questões de segurança, em resposta a problemas de ordem social e violência urbana. Encontramos um número significativo destes empreendimentos em países como o México, Venezuela, Brasil, Argentina, Colômbia e Chile. Nos últimos anos a América Latina tem sofrido alterações sociais e económicas que levaram a uma acentuada fragmentação social e urbana, contribuindo para a proliferação do fenómeno e para os vincados traços de segregação social.

No Brasil, o aparecimento de conjuntos habitacionais fechados é associado por Teresa Caldeira à grande desigualdade na distribuição de riqueza pelas classes sociais. Os condomínios surgem assim como lugares seguros e exclusivos para os mais ricos, em contraponto com favelas e bairros mais pobres, construídos aleatoriamente pela cidade.

Segundo Teresa Caldeira, a cidade de São Paulo e Rio de Janeiro registam a maior concentração de condomínios fechados no Brasil. No Rio de Janeiro concentram-se nos bairros de Copacabana, Ipanema, Leblon, mas sobretudo, e com uma acentuada expressão, na área da Barra da Tijuca.

O condomínio fechado afirma-se pela criação de espaços "restritos" ou "de elite", cuja principal característica é o enclausuramento espacial e a privatização de espaços e actividades tradicionalmente considerados públicos. Nesta sequencia, condomínios fechados, *shoppings*, clubes privados, praias particulares e salas "VIPs" abarcam todos o mesmo tipo de intenções e, apesar das variantes, têm o mesmo significado para a fragmentação do espaço continuo da metrópole.

No caso específico do Rio de Janeiro, a origem histórica dos condomínios fechados manifesta-se, por um lado, no Plano Piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá de Lúcio Costa e, por outro, nos projectos dos primeiros clubes sócio-desportivos instalados na região.

Desde a criação dos primeiros clubes desportivos e das associações de classe ou de imigrantes, nos finais do século XIX, as actividades de lazer passaram a ser institucionalizadas na cidade e no quotidiano da população. Os clubes de lazer passaram a ser construções comuns, afirmando-se como locais de convergência de pessoas com os mesmos interesses e objectivos, que se reuniam para exercer ou desfrutar de actividades várias. Em geral, os clubes não visavam a obtenção de lucro, mas sim o usufruto do

[188] COY, Martin, Pöhler, Martin. *Gated communities in Latin American megacities: case studies in Brazil and Argentina*, Environment and Planning B: Planning and Design, vol. 29, 2002, pp. 355–370.

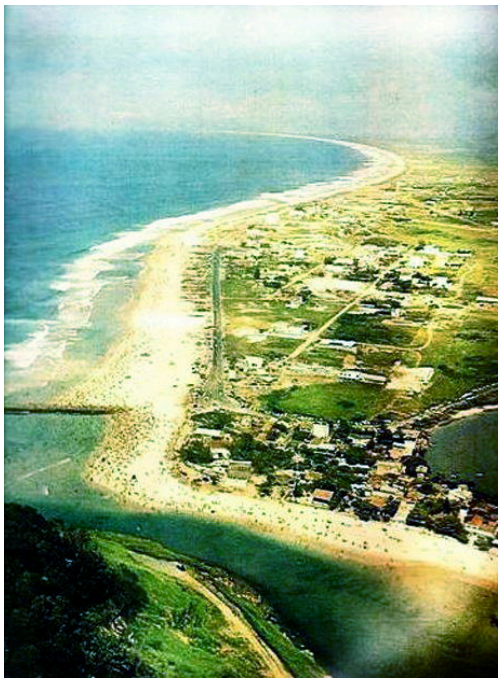














Fig. 82 – Vista sobre o Jardim Oceânico no início da Barra da Tijuca, anos 60.
Fig. 83 e 84 – *Clube Vale Encantado* no Alto da Boa Vista em 1970, com vista sobre a Lagoa de Marapendi na Barra da Tijuca (fig.81) e o Jardim Oceânico (fig.82).
Fig. 85 e 86 – Imagens publicitárias do *Nevada Praia Club*, situado na Avenida Sernambetiba, final dos anos 60.
Fig. 87 - Barra da Tijuca no final dos anos 60.
Fig. 88 – *Clube Carnaveral*, anos 70. Foto tirada da Torre Althaydeville sobre o Jardim Oceânico.

convívio social, apesar de, em algum casos, ser exigido o pagamento de uma taxa de manutenção e/ou anuidade.

Os clubes apresentaram-se assim, em diversos bairros, como uma opção de lazer alternativa às ofertas do Estado e da iniciativa privada. Geralmente, as praças e os parques públicos oferecem os espaços, mas não estimulam a permanência ou o desenvolvimento de actividades. Por sua vez, num clube privado, estes são os objectivos principais, a par da interacção entre indivíduos da mesma classe social, com interesses similares. Estes clubes, além de oferecerem uma ampla diversidade de actividades desportivas e recreativas, também proporcionavam os locais e as condições adequadas à prática de tais actividades, contando, muitas vezes, com profissionais capacitados para as promover. As actividades eram normalmente estudadas e adaptadas, seguindo uma programação de acordo com o género, idade e interesses dos respectivos sócios.

Os clubes de lazer atingiram o seu apogeu, no Brasil, entre as décadas de 1950 e 1960, promovendo não só diversos eventos desportivos, como também bailes de carnaval, festas e comemorações religiosas. A cidade do Rio de Janeiro, pelas suas qualidades naturais e, consequentemente, turísticas, passa assim, nesta época, a ser palco da implantação de diversos clubes de lazer, dos bairros mais abastados aos menos prestigiados, abrangendo diferentes actividades.

Assim sendo, a Barra da Tijuca enquanto zona de expansão da cidade, começou precisamente a ser ocupada por clubes de lazer, inicialmente frequentados pela população apenas aos fim-de-semana. A Barra da Tijuca era valorizada na cidade pelo seu grande potencial turístico, comercial e residencial, em função das suas condições naturais e de ocupação.

Nessa época, foram construídos diversos clubes incorporados e *campings* na região, que permitiam aos respectivos sócios usufruírem dessa qualidade turística e de contacto com a natureza, como o *Riviera Country Club* (1959), o *Fazenda Clube Marapendi* (1964), o *Clube Canaveral* (1963), o *Nevada Praia Club* (1960), o *Barra da Tijuca Country Club* (1962), o *Vivendas Clube Barra* (1963) e o *Oásis Clube* (1964).

Contudo, na década de 70, a cidade é transformada por um conjunto de obras viárias como a construção de túneis, viadutos e a abertura de grandes avenidas. A contínua expansão das fronteiras da cidade, aliada ao crescimento desordenado e aos problemas viários, estimulou o aparecimento de produtos imobiliários (condomínios fechados) definidos por novos planos urbanísticos, criados para ordenar a cidade. Esses produtos imobiliários souberam eficazmente suprir a emergente demanda por moradia e lazer e tornaram-se no símbolo da ocupação urbana que se deu a partir dos anos 70 na Barra da Tijuca.





Fig. 89 – Vista aérea da Barra da Tijuca em 1965.
Fig. 90 – Vista aérea da Barra da Tijuca em 2004.

Como a situação fundiária da Barra da Tijuca era juridicamente confusa, o parcelamento da área e a construção de edificações debatiam-se, constantemente, com dificuldades legais e a ausência de títulos de propriedade. Assim, os primeiros interessados em ocupar a área, no intuito de viabilizar as suas residências de lazer, organizaram-se em "condomínios" e fundaram clubes de lazer que, além dos equipamentos desportivos e recreativos tradicionais, ofereciam aos sócios proprietários apartamentos, casas e cabanas para eventual uso.

Os arquitectos Ricardo e Renato Menescal projectaram, na época, diversos empreendimentos na orla marítima utilizando esse artifício que, mais tarde, evoluiria conceptualmente até atingir a forma actual, ou seja, deixarem de ser clubes de lazer com habitações para passarem a ser a habitações com clubes de lazer.

O sucesso destes novos empreendimentos residenciais foi enorme, sobretudo devido à oferta de determinadas características que careciam nas restantes áreas urbanas, como a segurança, o contacto com o meio ambiente, a facilidade de circulação automóvel e do uso exclusivo de equipamentos de lazer. Os condomínios fechados tornaram-se assim um novo produto imobiliário, com lógicas semelhantes às de outros processos de produção, comercialização e consumo, destacando-se igualmente por uma forte componente simbólica.

A partir do êxito do condomínio e da forte adesão a este novo produto imobiliário, baseado no núcleo residencial com serviços, projectado por Lúcio Costa, assiste-se ao declínio do clube sócio-desportivo[189]. As facilidades outrora oferecidas por um, estavam incorporadas no outro, que aliava simultaneamente habitação, serviços e lazer. Deste modo, ao longo dos anos, muitos clubes foram demolidos e outros substituídos por condomínios fechados, a fim de se adaptarem às exigências do mercado e aos ávidos interesses da elite carioca.

[189] O último clube sócio-desportivo construído foi o *Marina Barra Clube* em 1980.

3.2.1.3 REPRESENTAÇÃO E REALIDADE: A VIDA NOS CONDOMÍNIOS FECHADOS DA BARRA DA TIJUCA

"OS CONDOMÍNIOS EXCLUSIVOS - SÍMBOLO DA BARRA - ACABARIAM POR SE TORNAR UMA 'CIDADE DENTRO DA CIDADE', ONDE SERIAM ASSEGURADOS AOS SEUS MORADORES UMA ESTRUTURA DE COMÉRCIO LOCAL BASTANTE DESENVOLVIDA, AS MAIS DIVERSAS FORMAS DE LAZER E, ATÉ MESMO, UM SISTEMA DE TRANSPORTE COLETIVO PRÓPRIO, LIGANDO O CONDOMÍNIO COM OUTROS PONTOS DA CIDADE." [190]

GERÔNIMO LEITÃO

A Barra da Tijuca é hoje uma região de muros. Barreiras físicas cercam espaços públicos e privados: casas, edifícios, parques, praças, áreas comerciais e escolas. À medida que as elites se retiram para os seus enclaves e abandonam os espaços públicos aos pobres e sem-abrigo, o número de espaços para usufruto público e locais de convergência de diferentes grupos sociais diminui consideravelmente. As rotinas diárias daqueles que habitam espaços segregados – protegidos por muros, sistemas de vigilância e acesso restrito – são bem diferentes das rotinas anteriores em ambientes mais "abertos" e heterogéneos.

A construção de muros e as mudanças de hábitos são sempre justificados como uma forma dos grupos sociais se protegerem da violência urbana. No entanto, os efeitos dessas estratégias de segurança ultrapassam em larga escala a garantia de protecção. Ao transformar a paisagem urbana, as estratégias de defesa dos cidadãos também afectam os padrões de circulação, trajectos diários, hábitos e gestos relacionados ao uso de ruas, de transportes, de parques e de todos os espaços públicos.

Para Teresa Caldeira, "o espaço construído não é um tipo de cenário neutro para a expansão das relações sociais. A qualidade do espaço construído inevitavelmente influencia a qualidade das interacções sociais que lá acontecem."[191] Apesar de considerar que não as determina por completo, visto que há diversas apropriações de espaço, o cenário da vida pública influi nos tipos de relações sociais que se estabelecem em determinado local. Assim, tendo como pano de fundo a rigidez de muros e a eficácia das tecnologias de vigilância, a vida nesta região apresenta características particulares ao nível da sociabilidade.

A ideia de usufruir de um passeio a pé, de passar naturalmente por estranhos, multidões e pessoas anónimas, que simboliza a experiência moderna da cidade, estão todos

[190] LEITÃO, Gerônimo Emílio Almeida. *O Plano Piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá - 1970/1988 - um estudo das relações existentes entre o Estado e o Capital Imobiliário no processo de produção do espaço urbano*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990, p.121.

[191] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.302.

comprometidos numa cidade de muros. O cidadão sente-se restringido nos seus movimentos, assustado e controlado; sai menos à noite, anda menos pela rua, e evita certa zonas consideradas perigosas. Os encontros no espaço público tornam-se assim mais tensos e violentos, porque têm como referência os estereótipos e medos dos indivíduos.

Como analisado, o primeiro momento da ocupação da Barra da Tijuca caracterizou-se pela emergência de condomínios privados.[192] A partir da segunda metade da década de 70, esses empreendimentos imobiliários deram origem a um novo conceito de moradia, associando residência a serviços e lazer. Esses condomínios, alguns em loteamentos com bloqueios que impedem a entrada e a livre circulação do espaço continuo da cidade, tornaram-se um paradigma para futuros empreendimentos na região, contribuindo significativamente para a consolidação da ocupação da Barra da Tijuca.

Os condomínios fechados são um fenómeno que identifica, de maneira inequívoca, a Barra da Tijuca por lhe atribuir uma feição singular. A princípio, é legítimo estabelecer uma relação directa entre a formação dos condomínios fechados e o Plano Piloto de Lúcio Costa, embora estes não constassem efectivamente do plano. No entanto, ao considerar como premissa a existência de núcleos residenciais compostos por agrupamentos de casas e torres afastadas cerca de 1km entre si, intermediados por terrenos vazios e vegetação, pode-se especular que esse distanciamento tenha favorecido, posteriormente, o encerramento dessas respectivas casas e edifícios.

Neste sentido, o modelo urbano traçado pelo Plano, potenciou a aparecimento dos condomínios, uma vez que esta configuração dificilmente se formava, caso o tecido urbano fosse concebido segundo os padrões tradicionais e densamente construído. A criação de núcleos concentrados de edifícios verticais contrastava com grandes vazios horizontais "verdes", limitando a possibilidade de uma expansão contínua do território.

Contudo, viver em edifícios com várias famílias, compartilhando tanto o uso, quanto a propriedade de áreas comuns, não é uma experiencia nova para a classe média e alta brasileira. Teresa Caldeira observa que os condomínios existem desde 1928 em São Paulo, embora tenha demorado algum tempo até se generalizarem nos anos 70 e incorporarem as características actuais.[193]

Vários elementos, no entanto, diferenciam os apartamentos da década de 70, dos condomínios fechados dos anos 80 e 90. A autora aponta que uma das diferenças é a localização, pois enquanto nos anos 70 os edifícios residenciais ainda estavam

[192] Os primeiros condomínios fechados construídos na Barra da Tijuca foram, respectivamente, o *Nova Ipanema* e o *Novo Leblon*, numa clara alusão aos tradicionais bairros da zona sul carioca, com o intuito de atrair os respectivos residentes para a "nova versão" dos mesmos.

[193] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.260.

concentrados nos bairros centrais, os condomínios fechados da década de 90 tendem a se situar em áreas distantes, como no caso da Barra da Tijuca, a zona oeste da cidade. Enquanto que os antigos loteamentos integravam, de certa forma, a malha urbana e o isolamento não era parte da sua concepção inicial, mas sim uma adaptação ao novo paradigma, os mais recentes tendem a ignorar a cidade e são por definição murados e estrategicamente defendidos.

Os condomínios fechados brasileiros partilham várias características com os equivalentes americanos, ao mesmo tempo que apresentam diferenças cruciais para a interpretação da sua forma e expressão na cidade. Segundo Teresa Caldeira, embora a homogeneidade social seja um dos requisitos destes empreendimentos e portanto, bastante valorizada, a homogeneidade do projecto não o é. Na Barra da Tijuca, as casas com a mesma planta e fachada são desvalorizadas e pouco comuns.[194] Observa-se um esforço por parte dos moradores em transformar a sua habitação atribuindo-lhe alguma "personalidade" e sentido identitário, isto é, uma aparência individualizada.

"O alto valor ligado à 'personalidade' da casa, compartilhado por todas as classes sociais, provavelmente explica por que casas padronizadas não são comuns entre a elite."[195] Esta realidade é reflectida na grande variedade de formas, materiais e linguagem expressa pelos edifícios que integram os conjuntos habitacionais da *Barra*, na tentativa de se distinguirem dos restante e sobressaírem na paisagem.

Esta vontade de diferenciação, mesmo dentro do mesmo muro protector, pode estar relacionada com o facto de não existir nenhuma referência positiva à ideia de comunidade, algo sempre invocado nos empreendimentos americanos. "Os condomínios nunca são chamados de "comunidades" – como acontece nos Estados Unidos, onde recebem o nome de *gated communities* –, nem são anunciados como um tipo de moradia que possa realçar o valor de se fazer coisas em conjunto."[196] Na verdade, os moradores brasileiros parecem desprezar essa ideia de união, e procurar, sobretudo, um forma de isolamento e autonomia, confirmando o desinteresse pela cidade.

A razão central é sempre a procura por segurança. Por se sentirem inseguros nos restantes bairros da cidade, a decisão de vir para a *Barra* acarreta o desejo de evitar a proximidade com o perigo, na maior parte das vezes, associado à vizinhança com favelas. Ou seja, a violência urbana não é identificada de forma pontual, mas sim generalizada ao convívio com "a diferença" e a partilha de locais comuns entre sectores distintos da sociedade.

---

[194] Tradicionalmente, no Brasil, as casas padronizadas são associadas às camadas trabalhadores e são desvalorizadas não só pela população em geral, como também pelas respectivos moradores, que não têm outra opção a não ser viver nelas.

[195] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.262.

[196] *Idem, ibidem.*

Assim sendo, a vinda, voluntária, para o bairro pretende associar a segurança com um novo padrão de vida. Em geral, estas duas premissas são claras na infra-estrutura dos condomínios, todos eles dispõem de mecanismos comuns de segurança, que incluem câmaras de vigilância, postos de controlo, muros e guardas armados em vários pontos do perímetro, assim como dispõem de espaços entre as edificações, destinados a promover a interacção entre os seus residentes, e nunca entre estes e a cidade.[197]

O desejo de se instalar num condomínio reflecte uma busca pela paz, segurança, tranquilidade e uma alusão ao passado, quando a convivência era firmada pela interacção com um número restrito de pessoas. Estas pretensões foram convertidas em investimentos imobiliários, que cada vez mais anunciaram a possibilidade de se viver numa espécie de "paraíso urbano", um lugar bom para se criar os filhos e se estabelecer na cidade, negando os seus problemas. Assim, tanto a região da *Barra*, pelo isolamento relativo à cidade, como os seus respectivos condomínios, tornam-se um refúgio para muitos moradores saturados de determinada urbanidade, atraídos pela possibilidade de estabelecerem vínculos de convivência mais harmoniosos que os afastasse das tensões e conflitos da grande metrópole.

O ESPAÇO URBANO

No entanto, e uma vez que os condomínios se afirmam como espaços auto-suficientes, independentes da cidade e das condicionantes do lugar, a estrutura fragmentada deste território reflecte-se simultaneamente na vivência que os cidadãos estabelecem com o espaço urbano da região. Analisando a organização vigente, constata-se que o espaço existente entre os "muros" que contêm os diversos conjuntos habitacionais é um espaço que carece de qualidade, destinado à circulação de veículos e marcado por vias de fluxos rápido, onde a inter-relação entre serviços, comércio, ou até mesmo o contacto entre outras realidades, que propiciem alguma forma de sociabilidade urbana, é praticamente inexistente.

É possível observar que os núcleos fechados foram aparecendo ao longo dos principais eixos viários e só posteriormente ocuparam o restante território, também mediante a construção de vias de acesso que facilitaram a comunicação com os eixos estruturantes da malha que estabelecem a ligação às restantes regiões da cidade.[198]

---

[197] O controlo dos edifícios é assegurado pela reinterpretação do modelo panóptico de Jeremy Bentham, que mantém "aprisionados" os cidadãos num ambiente vigiado 24horas. Contudo, é essa mesma vigilância que instiga o clima de medo/desconforto e o torna real. Por um lado, só no interior é que se sentem seguros, pois as câmaras e os guardas personificam a existência de um "mal" exterior, por outro, são esses mesmos dispositivos de protecção que provocam desconforto pela contínua vigilância e restrição de espaço. AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000, p. 322.

[198] "Os grupos que ocupam os condomínios têm no automóvel o seu totem. A sua existência corresponde à expansão da industria automobilística no país e há aí uma relação altamente dialéctica." SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Condomínios exclusivos: o que diria a respeito um arqueólogo?, Revista Administração Municipal, 28 (160): 6-29, Rio de Janeiro, jul/set.,1981, p.23.









Fig. 91 – Vista aérea sobre a Avenida das Américas e os núcleos urbanos envolventes.
Fig. 92 – Habitações unifamiliares entre a Avenida das Américas e a Lagoa de Jacarepaguá.
Fig. 93 – Vista aérea sobre a orla da Barra da Tijuca e a Avenida Lúcio Costa.
Fig. 94 – Planta de um sector da Barra da Tijuca, onde se evidencia os núcleos residenciais fechados.

Assim como a formação de subúrbios está associada ao desenvolvimento da mobilidade, também os condomínios são parte resultante da evolução dos transportes e vias de acesso, funcionando como um "novo centro" para onde convergem sectores específicos da sociedade e com o qual intensificam a segregação sócio-espacial da metrópole.

A *Barra* é o exemplo claro da materialização dos receios expressos por Jane Jacobs quando refere que "as necessidades dos automóveis são mais facilmente compreendidas e satisfeitas do que as complexas necessidades das cidades, e um número considerável de urbanistas e arquitectos acreditou que se conseguissem solucionar os problemas de trânsito, solucionavam o maior problema das cidades."[199]

Por experiência pessoal, posso afirmar que o indivíduo se sente diminuído pela macro-expressão do automóvel na região, onde os protagonistas são as grandes avenidas com várias faixas de rodagem, que funcionam como uma barreira tão ou mais rígida que o muro ou o gradeamento que circunda os edifícios e acompanha o estreito passeio (não) destinado ao peão.

O espaço da Barra da Tijuca não foi concebido como um lugar de usufruto público, uma vez que o peão está longe das ruas, e dentro dos núcleos fechados. As ruas são espaços vazios e a qualidade material do espaço público fica aquém do que seria desejável. Devido à orientação interna dos diversos enclaves, muitas delas apresentam-se sem pavimento e denotam um aspecto pouco cuidado. As distâncias entre os conjuntos de edifícios são grandes, os muros que os cercam são altos e, muitas vezes, sem proporção com o corpo humano, o que torna o passeio no espaço público uma experiencia desagradável, agravado pela falta de interacção que as vedações dos condomínios, que se fecham ao exterior, provocam no espaço que as rodeia.

Apesar do rico ecossistema, pautado por vários recursos naturais, a frieza e indiferença que marcam as ruas da Barra da Tijuca, e não as caracteriza como espaços de convívio social, o que provoca um desinteresse pelos locais públicos da região. Que motivos sustentam o passeio pela rua, se esta não oferece praticamente nada em troca e toda a actividade é concentrada em recintos fechados que ignoram a paisagem e não potenciam a relação com o exterior?

Na verdade, os espaços são construídos intencionalmente para produzir esse efeito, pois como a classe média e alta circula no seu próprio automóvel, preferindo fazer compras nos *shoppings*, e "os outros" utilizam o transporte público, não se investe na qualidade e preservação dos passeios e calçadas. A ausência de "esquinas" na *Barra* também contribuiu para este efeito, tornando-a ainda mais atípica perante os demais bairros da cidade. As "esquinas" em qualquer cidade significam pontos de encontro e de referência

[199] JACOBS, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*, Martins Fontes, 4ª ed., São Paulo, 2007, p.6.











Fig. 95 – Passeio público junto à vedação do condomínio Jardim da Barra, 2013.
Fig. 96 e 97 – Vista da Avenida Ayrton Senna para a vedação do condomínio Alfa Barra, 2013.
Fig. 98 – Vista da Avenida Lúcio Costa para o conjunto de condomínios que caracterizam toda a sua extensão, 2013.
Fig. 99 - Vista da Avenida Ayrton Senna em direcção ao mar. Destaque para a precariedade dos passeios e para os muros que marcam ambos os lados, não estimulando o convívio e o usufruto do passeio.

espacial, mais do que meros cruzamentos, e no caso particular do Rio de Janeiro, fazem parte da tradição urbana e cultural da cidade, tendo sido ocupadas, desde sempre, por botequins, bares, padarias e restaurantes. A *Barra* é o único bairro do Rio que não possui estas características, simplesmente porque as esquinas são formadas pela vedação quase impenetrável dos condomínios.

Parte-se do princípio de que a ausência de caminhos adaptados ao peão e a padronização espacial, ou seja, construções muito elevadas e situadas em intervalos regulares, a monotonia do parcelamento, a linearidade e a escala das largas avenidas, são factores desmotivantes para o uso e permanência nos espaços públicos da cidade. A falta de estímulos e de experiências multissensoriais (eliminadas pela rigidez do racionalismo urbano adoptado) levam, naturalmente, à "deserção urbana", sentida pela ausência do desejo pelo exterior e por uma crescente desintegração social.

Deste modo, arrastados pela falta de oferta que dinamize e caracterize os locais públicos, os moradores da Barra da Tijuca restringem-se ao seu espaço no condomínio, que reúne uma série de valências destinadas, neste caso, a colmatar a falha existente extra-muros.

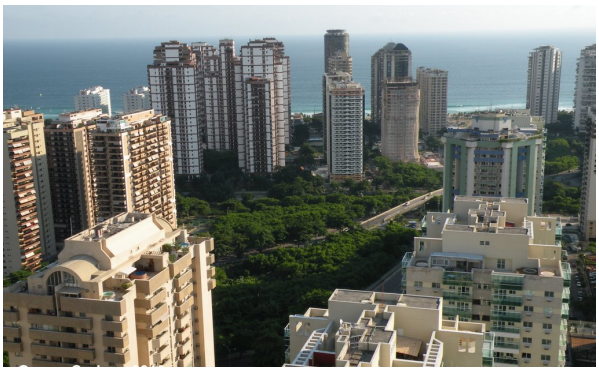
No entanto, é importante salientar que essa falha existe, não porque o espaço público não reúna condições para responder eficazmente às demandas do cidadão contemporâneo, mas sim porque a construção de condomínios suprimiu essa necessidade, desencadeando um fenómeno cíclico, anti-urbano, onde o facto dos primeiros terem cercado o seu terreno e oferecido todos os motivos e dispositivos para que os seus moradores não necessitassem de sair, determinou, consequentemente, a inviabilidade de desenvolvimento de qualquer negócio local que comunicasse com o “público” e ousasse oferecer mais, ou melhor, do que as mega-estruturas já estabelecidas. Assim sendo, apenas a construção de estruturas semelhantes, destinadas a albergar mais moradores e a oferecerem-lhes, “entre muros”, condições idênticas às pioneiras, conseguiriam garantir rentabilidade e afirmar-se na região.

Reconhecendo que tal forma urbana não poderia crescer por extensão “em largura e altura”, mas apenas por “multiplicação”, configurou-se uma região de comunidades urbanas completas e finitas, onde cada uma delas constitui um quarteirão urbano independente, dentro de uma grande família de quarteirões urbanos que formam, por sua vez, “cidades no interior de uma cidade”.

O ESPAÇO RESIDENCIAL

Além de serem distantes, segregados e seguros, supõe-se que os condomínios fechados sejam universos “auto-contidos”. Os moradores devem ter ao seu dispor quase tudo o que precisam para que possam evitar a vida pública da cidade. A complexidade da infra-estrutura de alguns condomínios dispensa a necessidade de deslocação para fora do seu recinto, mesmo para o consumo de certos produtos, como alimentação e medicamentos.









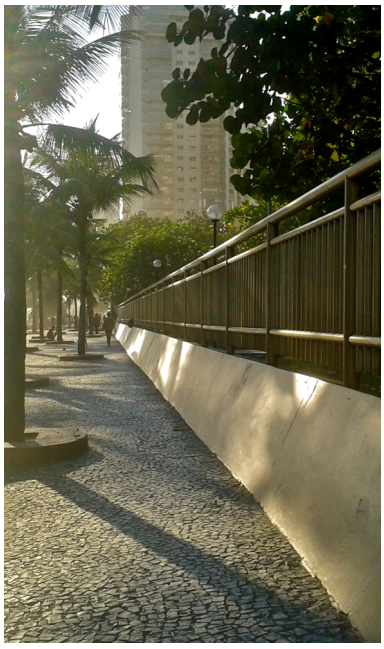




Fig. 100 e 101 – Vista sobre a sucessão dos altos edifícios dos condomínios de frente para o mar, 2010.
Fig. 102 – Grades do Condomínio Golden Inn, na Avenida Lúcio Costa, 2013.
Fig. 103 – Torre Ernest Hemingway, projectada por Oscar Niemeyer, vista de um dos edifícios do condomínio Barramares, 2010.
Fig. 104 – Vedação do Condomínio Barramares, na Avenida Lúcio Costa, 2013.
Fig. 105 – Vista sobre o condomínio Mirante Cruzeiro do Sul, junto à Avenida das Américas, 2010.

Esta realidade advém do facto do comércio (lojas, mercados e farmácias) se encontrarem dentro do próprio condomínio, destacando desta forma a multiplicidade de usos presentes no seu conjunto.

O morador do condomínio da Barra da Tijuca revela, na sua rotina, orientações muito individualistas que, por sua vez, são sintomas da diminuição de laços de solidariedade que deveriam balizar o relacionamento entre os indivíduos na cidade. Com uma relação apenas pontual e passageira com os espaços públicos, o morador da *Barra* é aquele que, por opção, busca maximizar as relações sociais dentro de domínios que lhe sejam "imediatos", neste caso, no próprio condomínio, que para muitos significa a relação ideal. O afastamento do bairro está quase sempre apenas relacionado às obrigações profissionais, visto que a grande maioria dos moradores trabalha noutros zonas da cidade.[200]

Contudo, esta proximidade de serviços não pode isolar os condomínios das questões que os cercam e que dizem respeito à cidade como um todo. O mesmo contexto urbano responsável pela formação dos condomínios fechados com todas as qualidades naturais e, supostamente, amistosas relações sociais, também contribuiu para a edificação de um dos seus maiores paradoxos. O antagonismo começa pela comparação entre a vida que é prometida nesta região e aquela que, na realidade, se verifica e se analisou. A publicidade referente à venda dos condomínios da *Barra* e o incentivo imobiliário para promover esta região, realçam sobretudo as suas amenidades naturais e a proximidade com o mar, lagoas, mangues e vegetação abundante, propícias a uma vida saudável e em contacto com a natureza. Num dos folhetos (fig.106) pode ler-se "No centro da Barra a paisagem é sua. O mar. A montanha. O ar puro. O espaço livre.", aclamando que nem no prestigiado bairro de Ipanema se desfruta da qualidade proporcionada pela localização daqueles apartamentos.

Apesar da aliciante publicidade que exalta a sua riqueza natural, e da segurança sustentada pelo afastamento dos conflitos urbanos existentes nas áreas densamente povoadas da cidade, ignora-se a tão desejada paisagem e constroem-se recintos completamente artificiais, fortemente protegidos e sem diálogo com a envolvente. A natureza aqui é representada na sua versão civilizada e "domesticada" – jardins, parques, marinas e bosques.

Nesta sequência, a relação dos moradores desta região, também ela segregada da cidade, é igualmente paradoxal ao ponto de a compra do tão ambicionado apartamento de

[200] Ter a vida controlada por aparelhos de vigilância e observada por funcionários particulares é uma característica que unifica os moradores da Barra da Tijuca. Em maior ou menor grau, todos eles têm as suas deslocações autorizadas por decisões que não estão sob o seu controle e que sugerem a perda relativa de autonomia, devido à necessidade de interferência de terceiros para viabilizar determinadas acções. O aumento do individualismo expõe, neste caso, a sua face perversa, que é a sua própria negação.





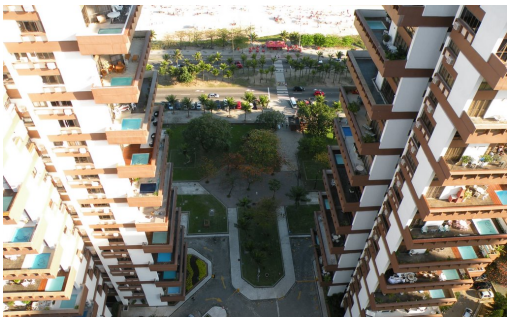








Fig. 106 – Notícia publicitária da Torre Jean-Jacques Rousseau, no Jornal do Brasil, 15 de Março de 1971.
Fig. 107 e 108 - Perspectivas do condomínio Barramares, 2010. Destaque para as piscinas nas varandas de cada piso.
Fig. 109 – Parque infantil do condomínio Reserva Jardim, 2012.
Fig. 110 – Campos de ténis do condomínio Barramares, 2010.
Fig. 111 – Zona de lazer do condomínio Reserva Jardim, 2012.

frente para o mar, não significar, objectivamente, a frequência à praia, associada, no Brasil, a um espaço desprotegido e de acesso generalizado à população. Ou seja, deseja-se uma vida que na verdade não se alcança, quer-se morar numa região que na verdade nunca se chega a conhecer, e afasta-se de uma cidade a que não se consegue negar na totalidade.

Desta forma, cabe uma pertinente indagação: visto que esta é uma das regiões mais seguras da cidade, fundamentada não só pela distância do seu centro urbano, identificado como instável e precário, como pela própria configuração urbana em núcleos fechados destinados à elite, que restringem a possibilidade de fixação de outro sector social, porquê que estes condomínios têm uma aparência de segurança tão sofisticada, física e simbolicamente protegida?

Os limites, em geral, isolam parcialmente um determinado espaço do que o rodeia, havendo, contudo, uma certa porosidade e relação com o entorno. No entanto, no caso da Barra da Tijuca, a possibilidade de contacto com o exterior nem sequer significa o contacto com outros grupos sociais, considerados perigosos, porque para além da grande distância física entre as classes média e alta e a população pobre, os fluxos criados dentro dos condomínios, e entre estes e as outras área internas do bairro, não permitem uma troca tão continua com "o diferente" que possa implicar o desassossego dos seus moradores. Ou seja, o medo que o morador do condomínio sente parece estar mais relacionado com os acontecimentos violentos em curso noutros bairros da cidade, do que propriamente nos casos de violência que acontecem no próprio bairro.

As preocupações que a formação de núcleos fechados permite perceber, denunciam a presença de uma "ideia de cidade" na mente destes moradores, revelando a existência de uma apropriação de significados sobre a cidade a partir de uma visão parcial e segmentada, ilustrativa de uma elite que deposita neste olhar todos os seus temores, sejam eles baseados em factos reais ou meras fantasias urbanas.

Será que era efectivamente necessário fortificar estas habitações, erguer "muros", contratar seguranças e condicionar a vida e a sociabilidade no espaço público, em detrimento de uma realidade que, apesar de insegura, não se espelha nem se repercute nesta região? A verdade é que a complexidade da estrutura dos condomínios, que cresceu no sentido de suprir a necessidade de saída, fez acompanhar, consequentemente, o aumento de uma série de carência urbanas.[201]

No entanto, o que mais preocupa é a formação de uma geração completamente despreparada para viver fora de "muros". Sem noções elementares de vida, vivem em bolhas socioeconómicas, num mundo artificial, isolados da realidade complexa das

[201] SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. *Condomínios exclusivos: o que diria a respeito um arqueólogo?*, Revista Administração Municipal, 28 (160): 6-29, Rio de Janeiro, jul./set. 1981, p.25.

grandes metrópoles. Muitos já visitaram a *Disneyland*, mas a maioria não conhece o centro da cidade; andam de avião e de carro, com motorista particular, mas não fazem ideia de como se viaja de metro, ou qualquer outro transporte público. Alguns deles têm consciência deste isolamento, mas quando questionados se trocariam a vida dos condomínios por outra fora deles a resposta é quase sempre unânime: não.



IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"AS CIDADES SÃO LABORATÓRIOS NOS QUAIS SE DESCOBREM, SE EXPERIMENTAM E SE APRENDEM CERTAS CONDIÇÕES QUE SÃO INDISPENSÁVEIS SE SE QUISER PROCURAR SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS GLOBAIS." [202]

ZYGMUNT BAUMAN

Ao longo do trabalho pretendeu-se explorar a evolução da cidade e o seu desenvolvimento urbano, focando essencialmente a existência de limites no território e na vida em sociedade. A análise da conjectura actual permitiu perceber que a cidade, a nível espacial, se encontra num processo de "diluição" ou de fragmentação do território. As formas urbanas são difusas, e as áreas metropolitanas alastram-se por extensões intermináveis, articulando-se segundo eixos e redes complexas em constante mutação.

Assim, a cidade concêntrica cede lugar, cada vez mais, a estruturas urbanas em rede, resultando em configurações de concentração descentralizada. Os núcleos das cidades foram perdendo a sua importância, arrastados pela polarização das populações que se estenderam pela periferia, conduzindo a um processo de *suburbanização* sem precedentes. Esta imagem de uma urbanização disseminada, levou à progressiva fragmentação, que se estendeu desde o território às relações sociais[203], tornando-se numa característica marcante das sociedades actuais, onde as dinâmicas sociais suscitam o aparecimento e a continuidade de manifestações de segregação e exclusão social.

A sociedade contemporânea apresenta-se como uma sociedade marcada pelo individualismo, onde, apesar de tudo, o indivíduo procura a identificação com algo, alguém ou algum lugar, acreditando poder estabelecer vínculos e partilhar interesses comuns, a fim de fugir, de certa forma, da realidade incerta e em constante mutação com a qual é diariamente confrontado. O indivíduo, levado pelo sentido de "comunidade", procura uma certa identidade, mas através de relações impessoais, anónimas, baseadas na obtenção de interesses, em oposição a valores tradicionais comunitários e de vizinhança.

Estas estratégias defensivas incentivaram a construção de uma cidade dividida, onde a segregação social se adensa continuamente e onde os contrastes são cada vez mais evidentes na paisagem e na forma de organização do espaço urbano, reflectindo o medo do "contágio" e da junção com a diferença, tanto urbana como social.

À globalização e internacionalização da economia somou-se a crescente desigualdade, a diversidade racial, a pobreza e a exclusão, que confluíram simultaneamente para o

---

[202] BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006, p.84.

[203] Amendola acreita que a experiência urbana se tornou "descontínua, fragmentada, episódica e incoerente". AMENDOLA, Giandomenico. La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea, Celeste Ediciones, Madrid, 2000, p.97.

espaço da cidade, onde convivem todos os extremos do arco social. Uma combinação explosiva que fez disparar a violência urbana e que converteu os guetos, raciais e económicos, em zonas "selvagens" e perigosas, que alimentam os medos, fobias e inseguranças da sociedade. Deste modo, as desigualdades aumentaram, desencadeando a deterioração das relações sociais, da sociabilidade e dos padrões de interacção entre classes.

Desta forma, a violência e o medo vieram ocupar um lugar central na vida dos cidadãos, produzindo uma cidade na qual as marcas da separação de mundos sociais opostos são cuidadosa e enfaticamente estabelecidas. Este clima provocou mudanças dramáticas no espaço urbano e na qualidade de vida desse mesmo espaço, contribuindo para a estruturação de imagens dualistas e simplistas de desigualdade.

O medo foi um dos principais impulsionadores da construção contemporânea e estruturou assim a cidade, intensificando as diferenças sócio-espaciais enraizadas no território. O medo cresceu exponencialmente, reflectido tanto no aumento do individualismo, como nos sistemas de segurança, na popularidade das comunidades fechadas (*Gated Communities*), na posse de arma autorizada em alguns países e na desvalorização do espaço público em geral, para além das intermináveis notícias alarmistas difundidas pelos meios de comunicação.

Simultaneamente, o clima de instabilidade gerado tanto pelo aumento do fosso entre "ricos e pobres", como pelo avanço das tecnologias e pelos locais inóspitos ou vetados em que se tornaram grande parte dos espaços públicos, contribuiu para a sensação de insegurança na cidade e para a cunho hostil da era actual.

Ao longo do trabalho, identificou-se também que o actual ambiente urbano, pautado por este clima, gerou soluções de segurança adoptadas pela população como forma de protecção dos perigos adjacentes à cidade, e da convivência com o estranho e o vizinho. Os espaços públicos são lugares onde os desconhecidos convergem e, desse modo, condensam e resumem os traços característicos da vida urbana. Contudo, uma grande multiplicidade de desconhecidos suscita o sentimento, endémico e incurável, de que algo imprevisível e indesejável pode acontecer. Neste caso, os desconhecidos são a personificação do risco e, como tal, do medo e da inquietação que povoa os espaços públicos das grandes metrópoles.

Este facto permitiu que se gerassem novas formas de segregação espacial e de discriminação social. Os mais emblemáticos exemplos são os "enclaves fortificados", expressão atribuída por Teresa Caldeira[204], que os resume como espaços privatizados, fechados e vigiados, destinados a residências, consumo, lazer e trabalho, estruturados com base no discurso da segurança. Podem ser centros comerciais, complexos de

[204] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000.

escritórios, parques temáticos ou então condomínios fechados, o objecto de estudo desta dissertação.

Os condomínios fechados constituem justamente um fenómeno actual e em expansão, e são motivo de discussão em áreas tão distintas como a Sociologia, a Arquitectura, o Urbanismo ou até mesmo a Economia. É inegável que estes representam um fenómeno globalizado que se expandiu pelo mundo inteiro e que representam, cada vez mais, a negação da cidade, das suas características, das suas relações urbanas e sujeitos sociais, da sua cultura e das manifestações populares. O medo da violência e a paranóia da segurança subverteram a lógica da habitação e da sua relação com o espaço público e acabaram por transformar o condomínio fechado numa "ilha utópica" de *status*, isolada do restante território da cidade e cada vez mais restrita a sectores específicos da sociedade.

Por sua vez, a segmentação e a exclusão impõem não só custos sociais sobre aqueles que ficam do "lado de fora", como reduzem o número de espaços compartilhados na cidade e, consequentemente, o contacto que os indivíduos de diferentes grupos socioeconómicos poderiam estabelecer uns com os outros.

Segundo Teresa Caldeira "as consequências da nova separação e restrição na vida pública são sérias: (...) a arquitectura e o planeamento defensivos promovem o conflito em vez de evitá-lo, ao tornarem explícitas as desigualdades sociais e a falta de referências comuns."[205] Ou seja, verifica-se que as cidades segregadas por muros e enclaves alimentam o sentimento de negação para com "o outro", não fortalecendo a cidadania, mas contribuindo para a sua corrosão.

No entanto, os condomínios fechados são apenas uma pequena parte de um abrangente padrão espacial de segregação e discriminação que provoca sistematicamente a aplicação de muros e outras vedações no espaço urbano. A crescente cisão entre a cidade e o subúrbio e entre "ricos e pobres" criam continuamente novos paradigmas que intensificam os custos que o isolamento e a exclusão impõem, ao mesmo tempo que afectam o quotidiano dos cidadãos e a própria relação e interacção com a respectiva cidade.

Neste sentido, ressalta-se que a violência vivenciada, principalmente, nos centros urbanos decorre, também, da própria configuração espacial desses enclaves, nomeadamente pelas soluções utilizadas por particulares que, com a intenção inicial de equipar o espaço de dispositivos de segurança, promovem o oposto do que havia sido equacionado. Ao

[205] CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000, p.340.

adoptarem estas estratégias, evidenciam a realidade que desejam afastar, contribuindo para a propagação do sentimento de insegurança.[206]

Em suma, ao actuarem directamente na legitimação desta retórica do medo, os condomínios têm sido um dos reflexos materiais mais evidentes da segregação urbana. Como nas últimas décadas os governos têm sido cada vez mais negligentes no combate às desigualdades sociais, as cidades têm respondido a este abandono de formas diferenciadas. Segmentos de classe de maior poder aquisitivo adoptam estratégias defensivas ao sentirem-se ameaçadas pelos efeitos da desordem urbana. É neste sentido que os condomínios fechados têm colaborado para o avanço da segregação, que se desenvolve em ambientes marcados pelo medo, indiferença e agressividade de várias naturezas.

A CIDADE BRASILEIRA

Nas cidades brasileiras, o processo de segregação e exclusão social está presente tanto nas características da habitação, como na infra-estrutura e manutenção de ruas e espaços públicos em geral. As diferenças sociais exacerbadas não são compartilhadas sem desconforto, sem gerar oposições, ressentimento e indignação, culminando assim em conflitos e violência. Nestas circunstâncias, os grupos de maior poder aquisitivo sentem-se ameaçados e, como se constatou, procuram evitar reacções violentas, segregando-se entre muros, grades e mecanismos de protecção e vigilância.

Esta realidade é identificada na Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, habitada pela classe média e alta carioca, onde proliferam espaços que impõem proibições, constroem muros, estabelecem distâncias, segregam e multiplicam regras de exclusão, restringindo movimentos e conferindo à rua um carácter quase exclusivo de circulação automóvel. Em resumo, estas estratégias simplificam e encerram o mundo, confinando os moradores ao espaço que escolheram para viver, apartado da cidade (centro).

A análise do processo de produção do espaço na Barra da Tijuca, além de propiciar a discussão sobre as diferentes propostas de planificação e organização espacial da região, particularmente, e do contexto metropolitano em geral, é, sem dúvida, extremamente elucidativa no que concerne às contradições e confrontos/articulações entre os agentes que encaminham este processo.

A negação do quarteirão em função da torre vertical isolada no meio da "natureza", bem como a falta de desenho de espaços públicos, nomeadamente praças e parques, levou os agentes imobiliários a apropriarem-se dos espaços circundantes aos edifícios para

[206] "Cada uma das novas fechaduras que instalamos na porta da entrada principal, (...) não faz mais do que exasperar a nossa convicção de que o mundo está cada vez mais perigoso e temível, induzindo-nos a adoptar cada vez mais medidas defensivas, processo que deploravelmente não deixará de se reproduzir. Os nossos medos acabaram por se perpetuar e reafirmar por si sós, adquirindo assim uma força de implosão cada vez mais forte." BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006, p.51.

potenciarem o valor dos imóveis. Deste modo, graças à privatização do espaço "verde" criaram-se campos de jogos, piscinas, ginásios e mesmo áreas comerciais que se destinaram exclusivamente aos moradores, negando-se à cidade.

A partir destes pressupostos e da vontade de estruturar o espaço de acordo com premissas que favorecessem tanto o interesse da elite, como o capital imobiliário, os condomínios fechados transformaram-se no modelo residencial mais utilizado na região, promovendo a individualização dos seus moradores, a privacidade e a segurança. Os espaços verdes públicos foram desaparecendo e deram lugar a espaços vedados e privados, desconectados das ruas adjacentes, colocando entraves à mobilidade e à permeabilidade do território.

No entanto, condicionar a segregação residencial na cidade do Rio de Janeiro e, por extensão, identificar a Barra da Tijuca como o único lugar em que se manifesta um discurso e uma prática "anti-cidade" é reduzir a escala de factores que envolvem o fenómeno de segregação. Existem outras regiões da cidade onde são produzidas intenções da mesma ordem, procurando afastar o contacto com vizinhos indesejáveis. Nestes lugares, as estratégias podem ser diferentes, mas as preocupações que regem estas iniciativas fazem parte de um contexto global sobre a cidade que actualiza o medo urbano, baseado na aversão a novos personagens desagregadores da ordem.

CONVERGÊNCIA DE OPOSTOS

Como analisado, no caso específico do Rio de Janeiro, e na América Latina em geral, a convivência de contrastes sociais, políticos e urbanos no espaço da cidade é marcante e instiga à fuga do espaço público, identificado como o espaço do confronto entre realidades, do incerto e inesperado, despoletando tanto a criação de enclaves fortificados, por parte da elite (de onde são exemplo os condomínios fechados), como a "subida aos morros" com a construção de favelas, por parte da população mais pobre e carenciada.

Aparentemente opostos no que concerne ao mercado imobiliário e à conformação arquitectónica e urbanística, condomínios e favelas possuem muito em comum, apesar de hospedarem, respectivamente, segmentos de população situados em extremos opostos do arco social. Por razões diversas, ambos se organizam como espaços cercados, "protegidos" por muros, grades, diferenças de nível e outros dispositivos de afastamento, relativamente ocultos das áreas envolventes, cujos espaços internos são vigiados e controlados por meios e motivações distintas.

Teresa Caldeira acredita que "a construção de separações sociais claras e não negociáveis, a circulação de imaginários de desespero, a construção de espaços abandonados e o uso de símbolos estereotipados para representar mundos sociais

antagónicos são atitudes encontradas em ambos os lados da sociedade brasileira."[207] A autora afirma que o enclausuramento dos "rappers", por exemplo, é paralelo às práticas de exclusão provenientes das classes mais altas.

Por um lado, o morador do condomínio escolhe aquele modelo como "modo de vida" na ânsia de ver concretizados certos ideais de sociabilidade e habitação, num conceito que é amplamente publicitado pelo mercado imobiliário. Por outro lado, no caso da favela, é a própria cidade que a converte num "condomínio", através da acção dos inúmeros projectos e intervenções que, apoiados por modelos urbanísticos em voga, conferem ao espaço interno da favela um formato fechado e separado da lógica urbanística da cidade.

Como afirma Bauman em *Confiança e Medo na cidade*, as vedações têm sempre dois lados. "Dividem um espaço uniforme em exterior e interior. Mas os que se encontram de um dos lados da vedação vêem o exterior onde os que estão do outro lado vêem o interior. Os residentes dos condomínios isolam-se, por meio da sua vedação, do caos e da dureza que tornam a vida urbana desconcertante, desagradável e vagamente ameaçadora, e ficam reclusos num oásis de calma e segurança. Ao mesmo tempo, contudo, separam os outros dos lugares decentes e seguros, cujos valores estão dispostos a defender encarniçadamente, e abandonam-nos às mesmas ruas sórdidas e miseráveis de que fugiram sem olhar a despesas."[208]

Para o autor, "a vedação separa o 'ghetto' voluntário dos ricos e poderosos dos inumeráveis 'ghettos' forçados em que os deserdados vivem. Para os que fazem parte do 'ghetto' voluntário, os restantes 'ghettos' são lugares onde nunca porão os pés. Para os habitantes dos 'ghettos' involuntários, em contrapartida, o território a que estão confinados (...) é um espaço do qual se encontram proibidos de sair."[209]

Deste modo, na favela (identificada com o "ghetto involuntário" referido por Bauman) o sentido de encerramento tem o significado de conter os "de dentro" pelos "de fora", ou seja, conter os moradores de favela tanto quanto possível nos seus locais de residência, controlando as respectivas saídas e, desta forma, os "riscos" que representam para a cidade. No condomínio verifica-se precisamente o oposto: os "de fora" é que devem ser contidos, evitando assim a ameaça de invasão.

Não obstante, em ambos são erguidas barreiras, muros, desníveis, obstáculos à expansão e um número interminável de artifícios inibidores da possibilidade de contacto com a cidade. Ou seja, o que no condomínio é protecção e abrigo, na favela trata-se de enclausuramento e segregação. No caso da favela, o formato de "ilha" favorece o estigma

[207] CARDEIRA, Teresa. *Mundos Separados*, Urban Age, London School of Economics and Political Science, 2008.
[208] BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006, p.36.
[209] *Idem, ibidem.*

do preconceito, pois gera um espaço cuja aparência se destaca na paisagem, sendo fácil associa-la a tudo o que há de temeroso e ameaçador na cidade.

Seja como for, ambos – favela e condomínio – constituem um "lugar fora do lugar": o primeiro representa a "periferia no centro", e o segundo, a possibilidade de criação de "centro" em qualquer lugar (e consequentemente, também na periferia, como é o caso da Barra da Tijuca). O condomínio, como tipologia arquitectónica que permite autonomia espacial, é uma redoma que independentemente de qualquer lugar, seja este no centro ou na periferia, apresenta-se como um modelo aplicado para lidar com realidades urbanas complexas e de difícil resolução.

ENTRE MUROS

Em suma, longe de ser uma forma anacrónica, os "muros" são intrinsecamente actuais, visto que continuam a moldar e a conferir significado ao quotidiano das cidades.

Consideramos que existe o muro específico de uma propriedade, com o carácter semelhante da muralha medieval, e o "muro" (simbólico) caracterizado por inúmeras barreiras e estratégias que separam actualmente realidades e acentuam diferenças no território.

Assistimos, com a evolução da cidade, a um adensar de fronteiras e separações que a fragmentaram e criaram múltiplos vazios urbanos, corredores e interstícios circundantes. Não obstante, da mesma forma que dividiram e dividem a cidade, esses espaços também têm a capacidade de a unir. A mera existência de um "muro" fixa a ideia, a ilusão ou o risco de ligação entre as partes divididas. Ou seja, o espaço "entre muros" que separa as diversas realidades – o espaço público – pode ser simultaneamente aquele que as une.[210]

Na verdade, alguns destes espaços têm a capacidade de reunir diferenças pluriculturais, porque não se encontram fechados sobre si mesmo, mas sim em contacto com as sociedades urbanas. Comportam-se como pontos de referência que ligam realidades e se contrapõem aos enclaves fortificados. A praia de Copacabana, no Reveillon, por exemplo, é um desses lugares de encontro e mistura entre grupos sociais que, apesar de se tratar de um eixo maioritariamente viário e de passagem, funciona como um condensador social.

Assim, estabelecendo a possibilidade de divisão e de união, estes espaços reflectem hoje não só a natureza das nossas cidades, mas as suas possibilidades futuras. Eles fornecem um "palco" onde se pensa, se projecta e se age em termos de inclusão ou de exclusão. Neste sentido, nós – arquitectos – temos o papel de pensar o espaço público como um

[210] "O espaço que separa – e liga – as formas é também forma, é noção fundamental, pois é ela que nos permite ganhar consciência plena de que não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as formas que vemos ocuparem o espaço, quer entre elas e o espaço (...)." TÁVORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*, FAUP Publicações, 2007, p.12.

meio para atenuar estas desigualdades e criar uma cidade em que todos estejam incluídos e sejam verdadeiramente “cidadãos”.

Estando a cidade de hoje partida, há que olhar para os espaços e agir em termos de inclusão e relacionamento, no sentido de mediar as relações antagónicas na cidade. Eu acredito que estes espaços poderão ter um papel preponderante na reestruturação das metrópoles, podendo-se tornar num importante meio de “ligação” e relação entre as partes divididas, facilitando não só a comunicação urbana, como promovendo também a interacção social.

Contudo, mais do que oferecer soluções finais ou globais para problemas de planeamento urbano, este trabalho é uma exposição que procura lançar a discussão para aspectos que podem, e devem, ser endereçados por arquitectos. "É importante começar a trabalhar para a cidade enquanto um todo e para outras camadas sociais que não os 5% de clientes que têm uma maior capacidade de a desenvolver”, avançou recentemente Pedro Gadanho, curador de arquitectura do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA) ao PÚBLICO.[211]

De facto, o medo e a insegurança apenas tenderão a abrandar o ritmo de crescimento e proliferação mediante a preservação da diferença e a livre circulação dos indivíduos na cidade. Podemos ser diferentes e viver juntos, trata-se de uma aprendizagem que é possível fazer-se pouco a pouco. A tendência que impele ao abandono dos locais públicos e à reclusão em enclaves, habitados apenas por um número restrito de indivíduos com aspirações semelhantes, transforma-se no principal obstáculo que impede o convívio com a diferença, uma vez que limita severamente um diálogo abrangente. Pelo contrário, o contacto com a diferença acaba por se tornar, com o tempo, o principal factor para uma coexistência gratificante, suprimindo as raízes urbanas do medo.

Nesse sentido, Peter Marcuse sublinha que “precisamos de muros que acolham e abriguem, não muros que excluam e oprimam”[212]. Ou seja, precisamos de cidades onde as potencialidades despoletadas pela experiência urbana sejam protegidas e não escondidas através deles. Precisamos que esses muros se tornem parte dos espaços e não barreiras que hostilizem e fragmentem, para que seja assim possível a concretização e o usufruto de um território continuo e de uma plena experiência urbana.

---

[211] CARMO, Ana Duarte. *MoMa discute o crescimento desigual das mega cidades*, Público, 9 de Dezembro 2014. <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/o-moma-discute-o-crescimento-desigual-das-megacidades-1678756>

[212] MARCUSE, Peter. *Not Chaos, but Walls: Postmordernism and the Partitioned City*, in Postmodern Cities & Spaces, S. Watson, K. Gibson (eds), Blackwell, 1995, p.251.









Fig. 112 e 113 – Reconversão de uma área degradada, situada entre lotes habitacionais, num “playground”, projectado por Aldo Van Eyck em Dijkstraat, Amesterdão, 1954.
Fig. 114 e 115 – Reconversão de um terreno abandonado numa área de lazer (playground) por Aldo Van Eyck em Zeedijk, Amersterdão, 1958.

Muro, em que meditas,
ao longo da estrada, por estas quintas,
casas, ermos, entre paixões
de alma dos espectros
presentes e vindouros? E os vivos,
porque se escondem
por trás da tua fronte alta, quieta, seca, que cobiça os astros,
sem saber que o teu corpo
de xisto corre, avança,
mas não pode soltar-se da Terra
e alcançar o Alto?

Fiama Hasse Paia Brandão, in *As Fábulas*,
Edições Quasi, 1ª ed., Abril 2002, p.18.

BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS

ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, IPP - Instituto Pereira Passos, 4ª Edição, Rio de Janeiro, 2008

AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna: Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000 [versão original: La città postmoderna. Magie e paure della metropoli contemporanea, 1997]

ANDREATTA, Verena. *Cidades Quadradas, Paraísos Circulares: Os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX*, Mauad Editora, 2006

ARANTES, Rafael Aguiar. *Qualidade de Vida ou Fortificações: o significado dos condomínios fechados em Salvador*, Revista Veracidade, Ano IV, nº 4, 2009
Disponível em: http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v4/images/pdf/artigo3.pdf [08.10.2013]

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, 90º Graus Editora, Novembro 2005 [versão original: Non Lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité, 1992]

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*, Relógio d'Água, Lisboa ,1991 [versão original: Simulacres et Simulation, Éditions Galilée, 1981]

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*, Jorge Zahar (ed.), Rio de Janeiro, 2003 [versão original: Comunity: seeking safety in an insecure world, Polity Press, Cambridge, 2003]

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, Julho 2006 [versão original: Trust and Fear in the Cities – Seeking Shelter in Pandora's Box or Fear, Security, and the City Living with Stranger, 2005]

BLAKELY, Edward J., SNYDER, Mary Gail. *Divided We Fall: Gated and Walled Comunities in the United States, in Architecture of Fear*, Nan Ellin (ed.), Princeton Architectual Press, Nova Iorque, 1997
Disponível em: http://www.asu.edu/courses/aph294/total-readings/blakely%20--%20dividedwefall.pdf

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Editora 34, São Paulo, 2000

CALDEIRA, Teresa. *Mundos Separados*, Urban Age, London School of Economics and Political Science, Dezembro 2008
Disponível em: http://v0.urban-age.net/0_downloads/archive/_SA/15_NewsPaper_Essay_Caldeira_por.pdf

DAL CO, Francesco. *Tadao Ando: as obras, os textos, a crítica*, Dinalivro, 1ª edição, Lisboa, 2001

DAVIS, Mike. *Fortress Los Angeles: The Militarization of Urban Space,* in *Variations on a Theme Park: The New American City and the end of Public Space*, Michael Sorkin (editor), Hill and Wang, New York, 1992

DELGADO, Manuel. *La Ciudad Mentirosa*, El Basilico, 2º época, nº 12: 16-23, Oviedo, 1992

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300 – 1800: Uma cidade sitiada*, Companhia das Letras, São Paulo, 2009 [versão original: La peur en Occident (XIV-XVIII siècles): Une cité assiégée, 1978]
Disponível em: http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80113.pdf [21.10.2013]

DOMINGUES, Álvaro. *(Sub)úrbios e (sub)urbanos - o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?*, Revista da Faculdade de Letras — Geografia, I Série, vol. X/XI: 5-18, 1994/5, Porto
Disponível em: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588

DUBY, Georges. *Ano 1000 ano 2000: no rasto dos nossos medos*, Editorial Teorema, Lisboa, 1997

ELLIN, Nan. *Postmodern Urbanism*, Blackwell, Cambridge, 1996

ELLIN, Nan. *Fear and City Building*, The Hedgehog Review, V, nº 3 :43-61, 2003
Disponível em: http://www.iasc-culture.org/THR/archives/Fear/5.3EEllin.pdf

FERREIRA, Maria Júlia. NUNES, Maria Paula. ROSA, Luís Vassalo. DELGADO, Ana Alvoeiro. *Condomínios Habitacionais Fechados: Utopias e Realidades*, Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional, Série Estudos nº 14, Lisboa, 2001

FIRESTONE, Bruce. *Gated Communities: An Architecture of Fear*, in School of Architecture, Carleton University, Design Economics, nºARCC 4500, Outubro 2006

FLUSTY, Steven. *Building Paranoia*, in *Architecture of Fear*. Nan Ellin (ed.), Princeton Architectural Press, Nova Iorque, 1997

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, Editora Vozes LTda, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1986 [versão original: *Surveiller et punir*, Editions Gallimard, 1975]

GIEDION, Siegfried. *Arquitectura e Comunidade*, IBL Enciclopédia, Livros do Brasil, Lisboa, [19--]

INNERARITY, Daniel. *El Nuevo Espacio Público*, Editorial Espasa Calpe, Madrid, 2006

KOSTOF, Spiro. *The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames and Hudson, Londres, 1992

KOSTOF, Spiro. *The city shaped: urban paterns and meanings through history*, Thames and Hudson, Londres, 1991

LAGO, Lucina Corrêa. *Desigualdades e Segregação na Metrópole: O Rio de Janeiro em tempo de crise*, Editora Revan, Rio de Janeiro, 2000

LEITÃO, Lúcia. *Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios Gilbertianos*, Editora Universitária, Recife, 2009

LEITÃO, Lúcia. *Quando um muro separa e nenhuma ponte une*, Cadernos Metrópole: Desigualdades e Governança, nº 13: 229-253, 2005
Disponível em: http://www.cadernosmetropole.net/pt/component/content/article/51-13 [07.10.2013]

MAIA, Rosemere Santos. *A Produção do Espaço em Áreas de Auto-Segregação: o Caso da Barra da Tijuca*, Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ, vol.21: 39-75, 1998
Disponível em: http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_39_75.pdf [08.10.2013]

MARCUSE, Peter. *Not Chaos, but Walls: Postmordernism and the Partitioned City*, in *Postmodern Cities & Spaces*, S. Watson, K. Gibson (eds), Blackwell, 1995, pp. 243-253

MARCUSE, Peter. *Walls of Fear and Walls of Support*, in *Architecture of Fear*, Nan Ellin (ed.), Princeton Architectual Press, Nova Iorque, 1997

MARTINS, Marta Ferreira. *Condomínios Habitacionais Fechados e Qualidade de Vida: uma discussão sobre a Cidade*, 2008
Disponível em: http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/164.pdf

MATTAR, Daniela Vicherat. *Urban Planet, Walled World: Questioning the nature of the Urban Bond*, Marie Curie Fellow, School of History, University of Edinburgh
Disponível em: http://www.irmgard-coninx-stiftung.de/fileadmin/user_upload/pdf/urbanplanet/identities/ws1/046%20Vicherat%20Mattar.pdf

MENDES, Luís. *Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado*, Cadernos Metrópole, vol.13, nº 26: 473-495, São Paulo, Dezembro 2011
Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14765/10769 [2014]

MCMILLAN, D&D. Chavis. *Sense of Community: a Definition and Theory*, Jornal of Community Psychology, vol.14: 6-23, Janeiro 1986
Disponível em: https://communities.autodesk.com/india/sites/default/files/secure/docs/McMillanChavis---psychological-sense-of-community.pdf [03.02.2014]

MOULINE, Said. *Processos de autoorganización: Guetos de Marginación / Guetos de Lujo*, Quaderns, nº 213: 52, 1996

MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas, Martins Fontes, 2ª edição, São Paulo, 1982

MUÑOZ, Francesc. *Lock living. Paisajes urbanos de la seguridad*, Conferência pronunciada no debate "Traumas urbanos. La ciudad y los desastres", Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, 7-11 Julho, 2004
Disponível em: http://urban.cccb.org/urbanLibrary/htmlDbDocs/A039-B.html

MUÑOZ, Francesc. *URBANALIZACIÓN: paisajes comunes, lugares globales*, 2008
Disponível em: http://rsalas.webs.ull.es/rsalas/materiales/at%20Muñoz,%20F.%20Urbanalización.pdf

RAPOSO, Rita. *Condomínios Fechados, tempo espaço e sociedade: uma perspectiva histórica*, Cadernos Metrópole, vol.14, nº27: 171-196, São Paulo, jan./jun. 2012
Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14786/10782 [consultado a 30.10.2014]

RIBEIRO, Luiz Cesar Queirós. *Desafios da construção da cidadania na metrópole brasileira*, Sociedade e Estado, vol.22, nº 3: 525-544, Brasília, set./dez. 2007
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/se/v22n3/03.pdf [consultado a 15.07.2014]

SANTO, Marco Vinício Pereira do Espírito. *Na pista dos nossos medos*, in: Congresso Internacional de História, 21 a 23 de Setembro de 2011
Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/137.pdf

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. *Condomínios exclusivos: o que diria a respeito um arqueólogo?*, Revista Administração Municipal, 28 (160): 6-29, Rio de Janeiro, jul./set. 1981

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos, VOGEL, Arno. *Quando a rua vira Casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um Centro de Bairro*, 3ª edição, Projeto Editores, São Paulo, 1985

SENNET, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, trad. Marcos Aarão Reis, Record, Rio de Janeiro, 1997

SOJA, Edward W. *Los Angeles, 1965-1992: From Crisis-Generated Restructuring to Restructuring-Generated Crisis*, in *The city: Los Angeles and urban theory at the end of the Twentieth Century*, ed. Allen J. Scott, Edward W. Soja, University of California Press, Berkeley, 1998

TRIGUEIROS, Conceição. *Panóptico: as ordens da vigilância – uma arquitectura moralista*, Editora Caleidoscópio, Casal da Camba, Abril 2011

VAZ, Lilian Fessler. Modernidade e Moradia – *Habitação coletiva no Rio de Janeiro, século XIX e XX*, 7 Letras, Rio de Janeiro, 2002

WEBSTER, Chris. *Gated Cities of Tomorrow*, Town Planning Review, vol.72: 149-170, Liverpool University Press, Liverpool, 2001

WEBSTER, Chris. *The Global Spread of Gated Communities*, GUEST (ed) Environmental and Planning B: Planning and Design, vol.29: 315-320, 2002
Disponível em: http://www.envplan.com/epb/editorials/b12926.pdf

WHYTE, William H. *The Design of Spaces* (1998), in *The City Reader*, ed. Richard T. LeGates e Frederic Stont, 2º ed, Routedge, London, 2000, pp. 483-490

AAVV. *Rio de Janeiro: cinco séculos de história e transformações urbanas*, [organização: Augusto Ivan de Freitas Pinheiro], Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2010

AAVV. *The City Reader*, Richard T. LeGates, Frederic Soul (ed.), Routledge, Londres, 2000

AAVV. *Variations on a Theme Park: The New American City and the end of Public Space*, Michael Sorkin (ed.), Hill and Wang, Nova Iorque, 1992

AAVV, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary metropolis*, The Ghent Urban Studies Team [GUST] (ed.), 010 Publishers, Roterdão, 1999

WEB

Vitruvius - http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.116/3375
Vitruvius - http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/09.106/1854

CRÉDITOS DE IMAGEM

Nota: A maioria das fotografias encontram-se alteradas pelo autor. As alterações incidem na cor, contraste e enquadramento relativamente ao seu original.

PARTE I

Capa 1 – *Sem título*, por Luís Ferreira Alves | CASELLA, Gabriela. *Gramáticas de pedra: levantamento de tipologias de construção murária*, Centro Regional de Artes Tradicionais, Porto, 2003, p.7.

Fig. 1 - *Citânia de Sanfins*, Paços de Ferreira, Portugal, por Isidro Vila Verde | http://arqueo.org/ferro/cultura-castreja.html [consultado em 2014].

Fig. 2 - *Aigues-Mortes*, França. | KOSTOF, Spiro. *The city shaped: urban paterns and meanings through history*, Thames and Hudson, Londres, 1991, p.109.

Fig. 3 - *Muro simples em alvenaria* | KOSTOF, Spiro. *The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames and Hudson, Londres, 1992, p.29.

Fig. 4 - *Muro duplo em alvenaria* | KOSTOF, Spiro. *The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames and Hudson, Londres, 1992, p.29.

Fig. 5 - *Sequência de muros de formas complexas* | KOSTOF, Spiro. *The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames and Hudson, Londres, 1992, p.29.

Fig. 6 - *Zona protegida entre as duas muralhas de Carcassonne*, França | KOSTOF, Spiro. *The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames and Hudson, Londres, 1992, p.30.

Fig. 7 - *Casa, Serra de Montemuro*, Portugal | PEREIRA, Paulo, *Enigmas VI: Lugares Mágicos de Portugal – Montes Sagrados, Altos Lugares e Santuários*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p.67.

Fig. 8 - *O vilarejo de Carmona*, Cantábria, Espanha, por Gonzalo Azumend | http://elviajero.elpais.com/elviajero/2014/09/25/actualidad /1411645738_006499.html [consultado em 2014].

Fig. 9 - *Al Azhar Park*, Cairo, por Gary Otte | BURDETT, Richard. *Cities: architecture and society, (La Biennale di Venezia - 10th mostra internazionale de architettura)*, Marsilio ed., Veneza, 2006, p.17.

Fig. 10 - *Route 60*, Phoenix, Arizona | http-//www.archdaily.com/500409/urban-sprawl-in-the-us-the-10-worst-offenders/535a63a0c07a800482000073_urban-sprawl-in-the-us-the-10-worst-offenders_1326665505-1024px-route60phoenixaz-gobeirne-jpg/ [consultado em 2014].

Fig. 11 - *Xangai*, por Olivo Barbieri, 2004 | BURDETT, Richard. *Cities: architecture and society, (La Biennale di Venezia - 10th mostra internazionale de architettura)*, Marsilio ed., Veneza, 2006, p.281.

Fig. 12 - *M40 (*auto-estrada circular), Hortaleza, Madrid | *Madrid en obras – proyectos metropolitanos y propuestas olímpicas*, in Arquitectura Viva, nº89-90, Madrid, Mar.-Jun. 2003, p.38.

Fig. 13 - *Los Angeles*, Califórnia, por Iwan Baan, Maio 2011 | https://placesjournal.org/article/no-more-play/ [consultado em 2014].

Fig. 14 - *Brøndby Haveby ou Brondby Garden City*, Copenhaga, Dinamarca | Disponível em http://www.overv.eu/home-10 [consultado em 2014].

PARTE II

Capa 2 - *Sem título*, Dejá vù (série fotográfica), por Tânia Maia, 2014 | cedido pela autora.

Fig. 15 - *Through barb wire*, Los Angeles, Califórnia, Fevereiro 2012 | http://enoughpixalready.files.wordpress.com/2012/02/barb-wire [consultado em 2014].

Fig. 16 - *Shadow*, por Tânia Maia, 2014 | cedido pela autora.

Fig. 17 - *Residential development*, Killeen, Texas, USA, 2014 | http://www.overv.eu/home-12 [consultado em 2014].

Fig. 18 - *Puente de Vallecas*, Madrid, Espanha, 2014 | http://www.overv.eu/home-14 [consultado em 2014].

Fig. 19 - *Praça Nossa Senhora da Paz*, Ipanema, Rio de Janeiro, 2013 | arquivo pessoal.

Fig. 20 - *Fortified Garbage,* Skid Row, Los Angeles, por Diogo Cardoso | DAVIS, Mike. Fortress Los Angeles: The Militarization of Urban Space, in Variations on a Theme Park: The New American City and the end of Public Space, Michael Sorkin (editor), Hill and Wang, New York, 1992, p.162.

Fig. 21 - *Muro em Liesen Street*, West Berlin, 23 de Agosto 1961 | http://www.npr.org/2011/08/11/139561087/remembering-the-berlin-wall-50-years-on [consultado em 2014].

Fig. 22 - Houston, Texas | KOSTOF, Spiro. *The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames and Hudson, Londres, 1992, p.286.

Fig. 23 - Phoenix, Arizona | LANDROVE, Susana. Nuevos paisages/New landscapes, Actar, Barcelona, 1987, p.130-131.

Fig. 24 - *Loyola Law School*, Los Angeles, Frank Ghery, 1984 | http://oldenburgvanbruggen.com/largescaleprojects/topplingladder.htm [consultado em 2014].

Fig. 25 - *Loyola Law School*, Los Angeles, Frank Ghery, 1984 | http://www.metropolismag.com/Point-of-View/August-2013/Q-A-Edwin-Chan/index.php?cparticle=3&siarticle=2 [consultado em 2014].

Fig. 26 - *Loyola Law School*, Los Angeles, Frank Ghery, 1984 | http://arqueologiadelfuturo.blogspot.pt/2014/04/1981-1984-loyola-law-school-frank-gehry.html [consultado em 2014].

Fig. 27 - *Danziger Studio*, Hollywood, Frank Ghery, 1964 | http://www.sogwa.com/danziger_studio_conversion_sogwa_studio_glenn_williams_architect_ncarb_projects.php [consultado em 2014].

Fig. 28 - *Danziger Studio*, Hollywood, Frank Ghery, 1964 | http://www.sogwa.com/danziger_studio_conversion_sogwa_studio_glenn_williams_architect_ncarb_projects.php [consultado em 2014].

Fig. 29 - *Danziger Studio*, Hollywood, Frank Ghery, 1964 | http://www.sogwa.com/danziger_studio_conversion_sogwa_studio_glenn_williams_architect_ncarb_projects.php [consultado em 2014].

Fig. 30 - *Private London* | KOSTOF, Spiro. *The city assembled: the elements of urban form through history*, Thames and Hudson, Londres, 1992, p.193.

Fig. 31 – Acesso a uma comunidade fechada em Scottsdale, Arizona | http://www.realestatewebmasters.com/blogs/scottsdalecitysource/homes-for-sale-in-scottsdale-az-gated-communities/show/ [consultado em 2014].

Fig. 32 - *Sem título,* Limbo (série fotográfica), por Tânia Maia, 2014 | cedido pela autora.

PARTE III

Capa 3 - *Praça Nossa Senhora da Paz*, Ipanema, Rio de Janeiro | arquivo pessoal

Fig. 33 - *Favela Paraisópolis*, São Paulo, Brasil, por Scott Peterman, 2006 | BURDETT, Richard. *Cities: architecture and society, (La Biennale di Venezia - 10th mostra internazionale de architettura)*, Marsilio ed., Veneza, 2006, p.100-101.

Fig. 34 - *Caracas*, Venezuela, por Alfredo Brillembourg | BURDETT, Richard. *Cities: architecture and society, (La Biennale di Venezia - 10th mostra internazionale de architettura)*, Marsilio ed., Veneza, 2006, p.109.

Fig. 35 – Axonometria esquemática de um Sobrado oitocentista | http-//www.histeo.dec.ufms.br/trabalhos/teoria3_2008/O%20lote%20e%20arqutietura%20habitacional%20urbana [consultado em 2014].

Fig. 36 - Simulação da área do Centro do Rio de Janeiro no ano 1500 | http://portalgeo.rio.rj.gov.br/EOUrbana/ [consultado em 2014].

Fig. 37 - Simulação da área do Centro do Rio de Janeiro no ano 2000 | http://portalgeo.rio.rj.gov.br/EOUrbana/ [consultado em 2014].

Fig. 38 - Simulação da área do bairro de Copacabana no Rio de Janeiro no ano 1500 | http://portalgeo.rio.rj.gov.br/EOUrbana/ [consultado em 2014].

Fig. 39 - Simulação da área do bairro de Copacabana no Rio de Janeiro no ano 2000 | http://portalgeo.rio.rj.gov.br/EOUrbana/ [consultado em 2014].

Fig. 40 - Simulação da área do Maracanã no Rio de Janeiro no ano 1500 | http://portalgeo.rio.rj.gov.br/EOUrbana/ [consultado em 2014].

Fig. 41 - Simulação da área do Maracanã no Rio de Janeiro no ano 2000 | http://portalgeo.rio.rj.gov.br/EOUrbana/ [consultado em 2014].

Fig. 42 - Relação entre o território original da cidade e as áreas aterradas em 2000 no Centro | http://portalgeo.rio.rj.gov.br/EOUrbana/ [consultado em 2014].

Fig. 43 - Relação entre o território original da cidade e as áreas aterradas em 2000 em Copacabana | http://portalgeo.rio.rj.gov.br/EOUrbana/ [consultado em 2014].

Fig. 44 - Relação entre o território original da cidade e as áreas aterradas em 2000 no Maracanã | http://portalgeo.rio.rj.gov.br/EOUrbana/ [consultado em 2014].

Fig. 45 - *A cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX* | ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, IPP - Instituto Pereira Passos, 4ª Edição, Rio de Janeiro, 2008, p.36.

Fig. 46 - *Panorama do Rio de Janeiro*, por Emil Bauch, 1873 | http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.096/143 [consultado em 2014].

Fig. 47 - Planta da cidade do Rio de Janeiro após a reforma de Pereira Passos, indicando os melhoramentos executados e em execução no período entre 1904 a 1905 | ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, IPP - Instituto Pereira Passos, 4ª Edição, Rio de Janeiro, 2008, p.62.

Fig. 48 - Avenida Central (actual Avenida Rio Branco) no centro, após a reforma de Pereira Passos | http://s2.glbimg.com/cIsEu9zNdjhub8DheMo6fIW8FWs=/0x0-620x435/620x435/s.glbimg.com/po/ek/f/original/2014/02/13/teatro-municipal-centro [consultado em 2014].

Fig. 49 - Avenida Central (actual Avenida Rio Branco) no centro, após a reforma de Pereira Passos | https://transversos.files.wordpress.com/2013/08/rio-branco-inicio-seculo-hg [consultado em 2014].

Fig. 50 - *Avenida Beira-Mar em Botafogo*, por Augusto Malta, 1905 | http://www.memoriadaeletricidade.com.br/file/exposi%C3%A7%C3%A3oreflexofinal/Foto%2024_Avenida%20Beira%20Mar_AGCRJ [consultado em 2014].

Fig. 51 - *Avenida Beira-Mar em Botafogo*, por Augusto Malta, 1906 | https://lh3.googleusercontent.com/-1PRioNdHMwg/UiPBNd_CJGI/AAAAAAAACUs/puWFEPUiDS8/s800/13.jpg [consultado em 2014].

Fig. 52 - Favela da Rocinha, perspectiva da região de São Conrado para a zona sul | http://n.i.uol.com.br/ultnot/album/111109rocinha_f_028.jpg [consultado em 2014].

Fig. 53 - Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, por Ruy Barbosa Pinto, Março 2012 | https://www.flickr.com/photos/rbpdesigner/7006621279/in/photostream/ [consultado em 2014].

Fig. 54 - Vista sobre a praia de Ipanema e Leblon no alto da Favela do Vidigal, 2013 | arquivo pessoal.

Fig. 55 - Vista aérea do Morro do Pão da Açúcar | http://urbecarioca.blogspot.pt/2012/10/extra-extra-itens-34-e-35-das-novas.html [consultado em 2014].

Fig. 56 - Vista sobre a cidade no Morro do Pão de Açúcar, 2012 | arquivo pessoal.

Fig. 57 - Panorâmica sobre a zona sul do Rio de Janeiro (vista chinesa), 2012 | arquivo pessoal.

Fig. 58 - Panorâmica sobre a zona sul do Rio de Janeiro (Cristo Redentor), 2013 | arquivo pessoal.

Fig. 59 - Vista panorâmica sobre a lagoa de Jacarepaguá | http://ayrton.com/360/krp/ultraleve/2010/Foto-360-graus-Ultraleve-voando-em-2010-rumo-a-FELIZ-2011.html [consultado em 2014].

Fig. 60 - Vista panorâmica da Pedra da Gávea sobre toda a região da Barra da Tijuca | http://cdn4.brunocunha.com/blog/wp-content/uploads/2012/10/125-128-Caminhada.Pedra_.Gavea_.768.jpg [consultado em 2014].

Fig. 61 - Localização geográfica da Barra da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro | http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_bairro.htm [consultado em 2014].

Fig. 62 - Lagoa da Tijuca, por Eduardo Naddar | http://oglobo.globo.com/rio/bairros/projeto-preve-maravilha-de-cenario-para-barra-da-tijuca-10009203 [consultado em 2014].

Fig. 63 - Localização da Barra da Tijuca e Jacarepaguá | COELHO, Raquel Tardin, *Sistema de Espacios Librés y Proyecto Territorial: caso de estúdio en Rio de Janeiro*, Tese de Doutoramento, Barcelona, 2005, p.45.

Fig. 64 - Esboço de Lúcio Costa do "Plano Piloto para a Urbanização da Barra da Tijuca, Pontal de Sernambetiba e de Jacarepaguá, onde se destaca o sistema viário como elemento estruturador da região | http://www.revistadehistoria. com.br/uploads/docs/images/images/Barra%2001.jpeg [consultado em 2014].

Fig. 65 - Perfis esquemáticos do plano de Lúcio Costa | http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.116/3375 [consultado em 2014].

Fig. 66 - A zona costeira da Barra da Tijuca, anos 60 | http://blogdojamellow.blogspot.pt/2013/07/uma-incrivel-viagem-no-tempo-ao-passado.html [consultado em 2014].

Fig. 67- A BR-101 (actual Avenida das Américas) ainda por urbanizar, 1969 | http://www.anisiocampos.com/imagens_01/BARRA%20DA%20TIJUCA%20-%20FINAL%20DA%20DECADA%20DE%2060.jpg [consultado em 2014].

Fig. 68 - Vista aérea sobre o Recreio dos Bandeirantes e a Barra da Tijuca, inicio dos anos 70 | https://www.flickr.com/photos/carioca_da_gema/249049120/ [consultado em 2014].

Fig. 69 - Vista sobre o Canal de Marapendi e a estrada que fazia a ligação à Avenida das Américas, anos 60/70 | http://www.fotolog.com/andredecourt/34123419/#profile_start [consultado em 2014].

Fig, 70 - Pontal de Sernambetiba, 1960 | http://cantodorecreio.esporteblog.com.br/3/ [consultado em 2014].

Fig. 71 - Avenida Ayrton Senna com a Avenida das Américas, 1970 | http://planetacafee.blogspot.pt/2010_04_01_archive.html [consulado em 2014].

Fig. 72 - Avenida Sernambetiba (actual Av. Lúcio Costa), Agosto 1956 | http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/urbanizacao-da-barra-da-tijuca-9331589 [consultado em 2014].

Fig. 73 - Esquema de ocupação do caso de estudo por volta de 1970 | COELHO, Raquel Tardin, *Sistema de Espacios Librés y Proyecto Territorial: caso de estúdio en Rio de Janeiro*, Tese de Doutoramento, Barcelona, 2005, p.81.

Fig. 74 - Barra da Tijuca, iníco dos anos 70 | http://www.fotolog.com/tumminelli/10347727/ [consultado em 2014].

Fig. 75 - Cruzamento da Avenida Ayrton Senna com a Avenida das Américas, 1971 | http://carvalho.oficinainterativa.com.br/site/barra-da-tijuca-ontem.aspx [consultado em 2014].

Fig. 76 - Construção do condomínio Alfa Barra, junto ao cruzamento da Avenida Ayrton Senna com a Avenida Lúcio Costa, início dos anos 80 | https://www.facebook.com/Guarantiga/photos/pb.490210317676966.-2207520000.1405010505./780588288639166/?type=3&theater [consultado em 2014].

Fig. 77 - Cruzamento da Avenida Ayrton Senna com a Avenida das Américas, 1980 http://carvalho.oficinainterativa.com.br/site/barra-da-tijuca-ontem.aspx [consultado em 2014].

Fig. 78 - Zona costeira da Barra na década de 80 | http://senhorespaco.blogspot.pt/2013/09/evolucao-da-barra-da-tijuca.html [consultado em 2014].

Fig. 79 - Cruzamento da Avenida Ayrton Senna com a Avenida das Américas, 1999 | http://carvalho.oficinainterativa.com.br/site/barra-da-tijuca-ontem.aspx [consultado em 2014].

Fig. 80 - Avenida das Américas, 1993 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=832160&page=5 [consultado em 2014].

Fig. 81 - Avenida das Américas, 2009 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1134205&page=69 [consultado em 2014].

Fig. 82 - Vista sobre o Jardim Oceânico no início da Barra da Tijuca, anos 60 | https://www.facebook.com/Guarantiga/photos/pb.490210317676966.-2207520000.1419103969./806799592684702/?type=3&theater [consultado em 2014].

Fig. 83 - Clube Vale Encantado no Alto da Boa Vista em 1970, com vista sobre a Lagoa de Marapendi na Barra da Tijuca | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=832160&highlight=barra+tijuca+fotos+antigas&page=7&langid=5 [consultado em 2014].

Fig. 84 - *Clube Vale Encantado* no Alto da Boa Vista em 1970, com vista sobre o Jardim Oceânico na Barra da Tijuca | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=832160&highlight=barra+tijuca+fotos+antigas&page=7&langid=5 [consultado em 2014].

Fig. 85 - Imagem publicitária do *Nevada Praia Club*, finais dos anos 60 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=832160 [consultado em 2014].

Fig. 86 - Imagem publicitária do *Nevada Praia Club*, finais dos anos 60 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=832160 [consultado em 2014].

Fig. 87 - Barra da Tijuca no final dos anos 60 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=832160&highlight=barra+tijuca+fotos+antigas&page=7&langid=5 [consultado em 2014].

Fig. 88 - *Clube Carnaveral*, anos 70. Foto tirada da Torre Althaydeville sobre o Jardim Oceânico | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=832160&page=3&langid=5 [consultado em 2014].

Fig. 89 - Vista aérea da Barra da Tijuca em 1965 | http://www.panoramio.com/user/6565587?show=all [consultado em 2014].

Fig. 90 - Vista aérea da Barra da Tijuca em 2004 | http://www.allimovel.com/revista/barra-da-tijuca-rio-de-janeiro-rj/ [consultado em 2014].

Fig. 91 - Vista aérea sobre a Avenida das Américas e os núcleos urbanos envolventes | http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/ [consultado em 2014].

Fig. 92 - Habitações unifamiliares entre a Avenida das Américas e a Lagoa de Jacarepaguá | http://www.rkgimoveis.com.br/imoveis/%7B579E5820-34A2-4308-98EF-C557A713DE54%7D_AlfaVille-Barra%20Foto%20Aerea [consultado em 2014].

Fig. 93 - Vista aérea sobre a orla da Barra da Tijuca e a Avenida Lúcio Costa | http://vejanomapa.net.br/praia-da-barra-da-tijuca-rio-de-janeiro-rj [consultado em 2014].

Fig. 94 - Planta de um sector da Barra da Tijuca, onde se evidencia os núcleos residenciais fechados | *googlemaps*.

Fig. 95 - Passeio público junto à vedação do condomínio Jardim da Barra | arquivo pessoal.

Fig. 96 - Vista da Avenida Ayrton Senna para a vedação do condomínio Alfa Barra | arquivo pessoal.

Fig. 97 Vista da Avenida Ayrton Senna para a vedação do condomínio Alfa Barra | arquivo pessoal.

Fig. 98 Vista da Avenida Lúcio Costa para o conjunto de condomínios que caracterizam toda a sua extensão | *Streetview, Googlemaps*.

Fig. 99 - Vista da Avenida Ayrton Senna em direcção ao mar | *Streetview, Googlemaps*.

Fig. 100 - Vista sobre a sucessão dos altos edifícios dos condomínios de frente para o mar, 2010 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1049277 [consultado em 2014].

Fig. 101 - Vista sobre a sucessão dos altos edifícios dos condomínios de frente para o mar, 2010 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1049277 [consultado em 2014].

Fig. 102 - Grades do Condomínio Golden Inn, na Avenida Lúcio Costa.

Fig. 103 - Torre Ernest Hemingway, projectada por Oscar Niemeyer, vista de um dos edifícios do condomínio Barramares, 2010 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1049277 [consultado em 2014].

Fig. 104 - Vedação do Condomínio Barramares, na Avenida Lúcio Costa.

Fig. 105 - Vista sobre o condomínio Mirante Cruzeiro do Sul, junto à Avenida das Américas, 2010 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1049277 [consultado em 2014].

Fig, 106 - Notícia publicitária da Torre Jean-Jacques Rousseau, no Jornal do Brasil, 15 de Março de 1971 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=832160&page=8 [consultado em 2014].

Fig. 107 - Perspectiva do condomínio Barramares, 2010 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1049277 [consultado em 2014].

Fig. 108 - Perspectiva do condomínio Barramares, 2010 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1049277 [consultado em 2014].

Fig. 109 - Parque infantil do condomínio Reserva Jardim, 2012 | arquivo pessoal.

Fig. 110 - Campos de ténis do condomínio Barramares, 2010 | http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1049277 [consultado em 2014].

Fig. 111 - Zona de lazer do condomínio Reserva Jardim, 2012 | arquivo pessoal.

PARTE IV

Capa 4 – *Arame farpado*, por "Adrx", Outubro 2013 | http://pt.depositphotos.com/33307875/stock-photo-barbed-wire.html [consultado em 2014].

Fig. 112 – Área degradada situada entre os lotes habitacionais de Dijkstraat, Amesterdão | http://www.laciudadviva.org/ blogs/?p=13071 [consultado em 2014].

Fig. 113 – Área de lazer (playground) projectada por Aldo Van Eyck em Dijkstraat, Amesterdão | http://www.laciudadviva.org/blogs/?p=13071 [consultado em 2014].

Fig. 114 – Terreno abandonado em Zeedijk, Amesterdão | http://piseagrama.org/artigo/496/a-cidade-como-playground/ [consultado em 2014].

Fig. 115 – Área de lazer (playground) projectada por Aldo Van Eyck em Zeedijk, Amersterdão, 1958 | http://piseagrama.org/artigo/496/a-cidade-como-playground/ [consultado em 2014].

Nota Final: Por opção, este documento não segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. O texto do corpo principal da dissertação é apresentado integralmente em português, tendo sido traduzidas, pelo autor, as citações originariamente em outras línguas. Nas notas de rodapé não foram efectuadas traduções.